
Eu te amarei
para sempre
OPERAÇÃO
PRÍNCIPE
YNA MEDEIROS



OPERAÇÃO PRINCIPE

YNA MEDEIROS

OceanofPDF.com

Copyright © ٢٠٢١ Yna Medeiros

Todos os direitos reservados

1.ª edição – 2021

Diagramação: Caixa Criativa

Capa: KNS Design

Revisão: Isa Gonçalves

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — Tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

(28) 98120-4161
acaixacriativa@gmail.com

OceanofPDF.com



Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Epilogo

OceanofPDF.com

DEDICO PRIMEIRAMENTE A DEUS E AOS MEUS LEITORES.

OBRIGADO PELO CARINHO RECEBIDO.

OceanofPDF.com

´SE EU FICASSE

EU SÓ TE ATRAPALHARIA

ENTÃO EU VOU EMBORA. MAS EU SEI

QUE PENSAREI EM VOCÊ EM CADA PASSO DO CAMINHO

EU SEMPRE VOU TE AMAR´

I WILL ALWAYS LOVE YOU — WHITNEY HOUSTON

OceanofPDF.com



Prólogo

Admirei os pingos da chuva pela janela. Aos poucos, a escuridão vai dando espaço para o raiar do sol e as flores vão se despertando para um novo dia.

Abro um pouco a cortina e deixo a brisa gelada do amanhecer entrar pelo meu quarto.

— Você está pronto, Sérgio? — Meu pai bate na porta. Não respondi.

Há dois meses eu recebi uma ligação de emergência da Dinamarca, era meu pai. Ainda me lembrava das suas palavras:

"Volte para casa. Sua mãe sente saudades!"

Eu não questionei, apenas obedeci. No mesmo dia entrei em contato com meu comandante e pedi que ele mandasse alguém para me substituir. Tudo durou uma semana, precisava passar todas as minhas investigações e os meus homens ao novo comandante. Não foi fácil, estava há dois anos naquele território e com a mesma equipe de 10 soldados. Eles confiavam suas vidas a mim e vice-versa.

Quando cheguei em casa, ela me esperava na porta. Seu sorriso debilitado me recebeu, abracei seu corpo a levantando da cadeira de rodas e beijei seus cabelos.

— Mãe!

— Que saudades de você, meu filho. — Quando voltei com ela à cadeira de rodas, ela colocou suas mãos no meu rosto e me analisou com cuidado. — Meu rapaz cresceu rápido. Já faz quantos anos?

— Dois anos, mãe. — Fazia dois anos que eu não tinha voltado para casa. Sempre quando podia me visitava, mas depois de sua doença seu médico

aconselhou a não viajar.

— Sim, dois anos.

— Pai. — Disse, abraçando-o rapidamente. Ele deu tapinhas nas minhas costas e pegou minha bolsa, enquanto eu empurrava a cadeira de rodas para dentro.

Quando meu pai me ligou, eu compreendi de imediato seu pedido. Ela estava partindo, sua doença tinha se agravado.

Lembro-me das suas últimas palavras antes de vir falecer.

— Meu amor, prometa que não voltará para o exército. Prometa que buscará sua felicidade.

— Mãe.

— Sérgio? — Abracei-a e confirmei que sim. Eu não voltaria para exército.

Fui até o banheiro e joguei água no meu rosto. Meu pai era segurança particular da realeza da Dinamarca. Ele queria deixar o campo e me indicou para sua vaga, de imediato neguei sua proposta.

Eu não nasci para proteger riquinhos mimados. Meu pai tentou explicar que o príncipe Enrico não era herdeiro da coroa, não fazia parte da realeza. Deixei bem claro que ele sempre teria sangue azul nas veias e, por isso, era um príncipe.

Não queria ser guarda-costas da realeza, considerava ridículo em pleno século XXI vivermos com esse tipo de governo.

Meu pai, ao contrário, era devoto à Coroa. Amava o que fazia e, principalmente, era muito bom na sua função. Eu não queria viver à sua sombra, por isso resolvi fazer parte do exército americano e não dinamarquês.

Saí do quarto e o encontrei na cozinha com seu café preto na mão.

— Tudo pronto?

— Sim! — Peguei minha jaqueta preta e joguei no meu ombro.

— Apenas dê uma oportunidade. Você prometeu a sua mãe. — Bufei ao ouvir suas palavras. Ele estava usando minha promessa contra mim. — Não me culpe, Sérgio. Não permanecerei observando você se autodestruir no álcool e na depressão, você não dorme. Encontre um motivo para viver, Sérgio. Você enlouquecerá se não encontrar. Você não aceita ajuda e tão pouco conversar comigo. Hoje posso até trabalhar com um principezinho mimado, como você sempre declara, mas não esqueça que já fui para

guerra. Se hoje estou aqui, é porque sempre tive os braços da sua mãe para me aconchegar dos pesadelos e, principalmente, das lembranças.

— E se um dia os motivos não valerem a pena? — Questionei. Ele encontrou minha mãe, mas eu não era burro em considerar que teria essa oportunidade também.

— Você é inteligente, Sérgio. Confie em si mesmo, acredite nas suas escolhas. Você não sairia vivo do campo de guerra, se não confiasse em si mesmo. Confie no seu coração, meu filho. Ele nunca te levará a escolhas erradas.

— Eu já estou pronto. — Cortei suas palavras, não queria me aprofundar nesse assunto. Entedia que ele desejava apenas me ajudar, porém, isso significava eu contar tudo que passei na Síria. Não estava preparado para esse assunto, eu nunca estaria preparado.

Entrei em seu carro e passei a admirar a paisagem. Todo o percurso foi feito em silêncio, não me surpreendi com a grandiosidade da mansão que estava mais para um castelo.

Nossa entrada foi liberada, desci do carro esticando minhas pernas e passei minha vista por todo o lugar.

Dois atiradores de elite, um à esquerda e outra à direita, mas apenas um mirava a arma em mim. Na minha perna para ser mais exato. Não era de se admirar. Meu pai era quem os comandava, então todos estavam estrategicamente preparados para qualquer ação.

— Ordene que aponte a arma no meu peito esquerdo e não na minha perna.

— Eles estão apenas seguindo ordens.

— Mesmo que eu seja atingido na perna, ainda serei capaz de levantar e matar quatro homens seus.

— Não estamos no exército. Vocês atiram e perguntam depois, precisamos de informações. Quantos atiradores temos?

— Dois! Um à esquerda e o outro à direita. A segurança da entrada é falha.

— Ok! Providenciarei isso. — Segui para dentro da mansão. Várias pessoas cumprimentaram meu pai e abaixaram a cabeça quando seus olhos pousaram em mim. — Espere o senhor Enrico, ele não demora. — Segui-o até uma sala que presumi ser o escritório.

Sentei-me em uma das poltronas por pura educação. A verdade era que

tudo que eu mais queria era ir embora. Sentia que estava caindo em um poço profundo. Tinha pesadelos com episódios da Síria que se misturavam com os da minha mãe. Sei que isso era minha consciência. Não me arrependo de ter seguido esse destino, mas a verdade era que eu tinha sangue inocentes em minhas mãos.

Virei-me ao ouvir alguém entrando. Ele falava ao telefone e sentou-se no outro sofá, seus olhos se seguraram nos meus. Mantive-me firme o encarando, ele continuou falando ao telefone de forma rápida, sem desviar os olhos de mim.

— Ok! Não! É só isso. — Desligou e colocou o aparelho na mesa. Ele voltou a se levantar e ergueu a mão em minha direção.

— Me desculpe pela demora. Muito prazer, Enrico. — Apresentou-se.

— Sérgio. — Respondi de forma firme.

— Já ouvi falar muito sobre você. Grandes feitos no exército. Perdoe-me pela curiosidade, por que o exército americano? Entendo que, graças a sua mãe, você tenha nacionalidade americana, mas cresceu em solo dinamarquês.

— Na verdade eu não tenho essa resposta. Apenas aconteceu. — Não dei prosseguimento ao assunto.

— Entendo. Acredito que seu pai explicou como tudo funciona.

— Sim!

— Seu pai me mostrou interesse em sair do campo e ficar organizando as coisas pelo escritório. Não duvido da sua capacidade como profissional. Porém, meus homens são bem treinados e confiam apenas no seu pai. Não posso passar o comando da minha guarda pessoal a você, sem antes conquistar a confiança de todos e mostrar do que é capaz. — Compreendia suas palavras. — Conquiste a confiança de todos, primeiramente.

Tentei falar que ainda estava analisando a proposta

— Por isso você ficará responsável pela guarda do meu filho. — Quis de imediato perguntar se era uma brincadeira, não me dava bem com crianças e não seria babá. Não nessa vida.

Porém sou silenciado pelos gritos animados de um pequeno que corre para os braços do seu pai. Ele tem uma mochila de leãozinho nas costas.

— Papai!

— Meu nenezinho. — Enrico falou e esqueceu totalmente minha presença. — Cadê a mamãe?

— Sala. — Parecia ser uma graça de bebê, estava com o rosto enterrado no pescoço do pai, mas não era o suficiente para eu ficar. Aparentava ter entre 8 à 10 anos. Muito novo. Provavelmente ainda fazia birra e não podemos esquecer de algo importantíssimo: um príncipe.

Aquilo era loucura demais para mim.

— Enrico? — Chamei, tentando ter sua atenção. Queria agradecer pelo convite, porém aquilo não era o que eu procurava. O garotinho pareceu finalmente me notar, olhou por cima do ombro do pai e naquele exato momento, nada mais foi igual na minha vida.

Tudo que eu acreditava que era importante, não tinha mais valor. Ao vislumbrar o sorriso daquele menino descobri que minha vida começaria e terminaria com aquele garoto.

OceanofPDF.com



1

— Tem certeza, August? — Minha mamãe voltou a me perguntar.

— Tenho sim. — Tranquilizei-a. — Já tive o melhor aniversário do mundo. — Falei com carinho. Meus paizinhos me acordaram com uma bandeja deliciosa de tudo que eu mais gostava e depois passamos o dia assistindo filmes.

Foi um dia incrível.

— Não quero ir. — Ela sussurrou, me fazendo rir.

Minha mãe odiava esses grandes eventos de negócios do papai. Eu a amo tanto. Ela não pensou duas vezes em escolher me amar. Teve que enfrentar críticas e julgamentos para ficar com meu pai e me aceitar como filho, mas nada disso importou. Sempre deixou claro seu amor por nós. Nós dois éramos a sua vida.

— Você está linda! — Deixei um beijo na sua bochecha.

— Não tanto quanto os meus dois príncipes. — Respondeu, quando viu meu pai descendo as escadas. Seu terno era impecável e tudo combinava perfeitamente bem com o vestido vermelho da mamãe. Ele caminhou até ela e a beijou piscando para mim, desfazendo todo seu batom que, provavelmente, sua maquiadora demorou quinze minutos para desenhá-lo nos seus lábios.

— E meu menino? Pronto? — Me trouxe para seus braços e beijou meu cabelo.

— Sim! — Respondi ao meu pai.

— Esqueci de avisar. O Sérgio pediu uma noite de folga, sua avó mandará sua guarda real buscá-lo. Não consegui esconder meu desapontamento.

Passei o dia esperançoso que poderia vê-lo à noite, que existia a possibilidade dele se lembrar do meu aniversário. Sorri, mesmo me sentindo triste por dentro, para não os deixar preocupados.

Despedi-me deles e segui em direção ao carro que me esperava. Cumprimentei os guardas da vovó.

Hoje é meu aniversário de 18 anos, estava tão ansioso por esse dia, criei tantas expectativas e coragem, principalmente coragem. Mas ele não veio trabalhar. O interessante é que Sérgio nunca tirava folga. Porém, resolveu pedir logo no dia do meu aniversário. O dia que eu, finalmente, decidir confessar que eu era apaixonado por ele.

Sérgio sempre esteve ao meu lado. Cuidou e me protegeu desde os meus nove anos. Eu descobri primeiro que o amava para depois entender minha sexualidade. Entrei no palácio da vovó sendo acompanhado por seu secretário, quando a vi aumentei meus passos e me joguei nos seus braços.

— Meu bebezinho, 18 anos. Que lindo! — Encheu-me de beijos.

— Vovó! — Tentei não gargalhar com seu carinho.

— Planejei toda nossa noite especial.

Subimos as escadas e fomos direto para seus aposentos. Eu tinha meu próprio quarto, mas sempre que podia ficava nos seu. Passávamos a noite jogando e conversando.

— Tome um banho que esperarei você na sala de jantar. Seus primos estão esperando. — Vovó tentava de tudo para que meus primos e tios me vissem como família. Eram apenas tentativas falhas.

Eles já deixaram claro que meu pai era um covarde e tinha renegado a família, mas a realidade era outra.

Minha vovó tinha três filhos: o primeiro da sucessão Michael, segundo Umberto e terceiro Alejandro. Michael morreu na guerra e deixou apenas um filho, meu pai. Se meu pai Enrico não tivesse abdicado da coroa, ele seria o próximo sucessor. O que me levava a corrida pelo trono. Mas ele desistiu de tudo e deixou o caminho livre para meus tios.

Eles não me aceitavam na família, tinham medo de que meu pai ou eu voltasse a lutar pelo trono. Era ridículo, não tínhamos interesse pela coroa.

Tomei meu banho e coloquei uma roupa leve e formal. Quando estava no palácio, tentava seguir as regras da corte. Não queria decepcionar minha bisa. Desci e fui para sala de recepção. Todos me esperavam. Um tremor percorreu minhas veias ao ver aquelas pessoas, sangue do meu sangue, me

olharem com desprezo. Eu tinha quatro primos e todos eram riquinhos mimados e ambiciosos.

— Se não é o príncipe August. Parabéns! — Recebi o cumprimento cheio de ironia dos meus dois tios. Minha vovó me olhou solidária. — Grande surpresa seu pai nos dar a honra da sua presença. — Não respondi, continuei escondendo minhas emoções.

— E vocês não vão parabenizar seu primo? — Tio Alejandro falou para os filhos e sobrinhos.

— Parabéns, *príncipe* August. — Responderam, dando ênfase no príncipe.

— Obrigado! — Agradeci e fui para o lado da bisa.

Sentei-me com sua ajuda. Não desviei meu olhar dos meus talheres, pois sabia que todos estavam distribuindo desprezo. Ela, sendo a rainha, não devia ter esse comportamento próximo a mim. Todos detestavam sua maneira de me tratar sempre de forma amorosa. E por me referir a ela como vovó, mas gostava de chamá-la assim, considerava mais carinhoso.A refeição foi feita com trocas de farpas, sua maioria, direcionadas a mim e meu pai. Tratei de fingir que não as ouvia. Estavam enganados sobre meu pai. Ele nunca precisou da coroa para conseguir seu patrimônio. Meu pai era considerado magnata. Um dos homens mais ricos do mundo e tudo isso graças a sua inteligência e esforço.

— Seus primos amariam uma foto com você, August. — Tio Alejandro sugeriu, quando estávamos finalizando o jantar. Olhei para vovó que sorriu tristemente.

— Alejandro, acredito que você não vai querer seu sobrinho Enrico comendo suas bolas por causa de uma foto. Esqueceu da última? Pelo que me lembro foram milhões de dólares.

Vovó voltou a lembrar de uma vez que tio Alejandro se aproveitou de uma visita minha no castelo e tirou uma foto que estampou várias capas de jornais por dois dias, causando um grande transtorno para meu pai. Mas não se comparou aos problemas causados aos meus tios. Três dias depois as manchetes das revistas estamparam as traições conjugais de todos os meus tios.

Vovó ficou possessa, isso causou grandes problemas para a coroa. Quando ela veio tirar satisfação com papai, ele deixou bem claro:

— Isso foi apenas um aviso do que sou capaz de fazer. Apenas 1 por cento. Coloque seus filhos no cabresto, senão eu mesmo terei que fazer. —

Depois disso, não ocorreram mais acidentes como esse. Agradeci quando o jantar terminou e finalmente fui liberado. Subi às pressas, fugindo literalmente das cobras. Vovó continuou com eles.

Joguei-me na cama e inalei o oxigênio para os meus pulmões fechando meus olhos.

— O que foi isso? — Perguntei para o teto bem decorado em estilo europeu. Abri meus braços e voltei apertar minhas pálpebras, não percebi que vovó tinha entrado, apenas senti a cama se movimentando. Fui bem devagarzinho para seus braços.

— Desculpa meu amor. Eles são meus filhos, mas são tão imbecis.

— Mamãe sempre me fala que as cabeças dos meus tios servem apenas para separar as orelhas. — Sua gargalhada foi gostosa de ouvir.

— Anne e sua língua grande.

No começo vovó não aceitou mamãe, ela era uma plebeia. Mas sei que hoje as duas se admiram. São duas mulheres com personalidade forte. Papai fala que bisa sente ciúmes da mamãe por acreditar que eu amo mais a mamãe do que ela. Isso é besteira, amo as duas, porém de forma diferente.

— Venha? — Sentei-me na cama cruzando minhas pernas e esperei ela trazer uma fatia de bolo de chocolate com cobertura de morango, meu preferido, com uma velinha em cima. — Faça um pedido! — Agradeci por meus pais, bisa e Sérgio. —Parabéns, meu querido! — Recebi seu abraço.

Ficamos até tarde conversando sobre as dificuldades que seu governo estava enfrentando.

Eu sempre dei minhas opiniões, geralmente são coisas que vovó só comenta com seu conselho. Ficava bastante feliz por ela confiar em mim.

No dia seguinte participei de várias reuniões com vovó, todas no palácio.

Apenas escutei e me mantive em silêncio. No começo, o conselho não aceitou muito bem que eu participasse, mas vovó deixou claro que não abdicaria da minha presença. Ela queria ficar comigo.

Recebi duas ligações no decorrer do dia, da mamãe e do papai. Eles queriam saber como eu estava e me avisar do horário que viriam me buscar.

Não me surpreendi quando apenas uma caminhonete preta parou na frente do palácio. Era sempre assim, se ele estivesse presente não havia necessidade de uma equipe de segurança, caso contrário, eu tinha que estar com uma equipe. Não esperei ele descer do carro, subi rapidamente e coloquei meu cinto sem sua ajuda. Ele se manteve em silêncio apenas me

observando.

Fiquei analisando o jardim da vovó. Quando saímos do território da coroa finalmente tive coragem de olhá-lo.

— Como foi seu dia? — Perguntei, fingindo desinteresse.

Ele tirou seus olhos da estrada e me olhou por segundos. Sérgio era lindo e grande. Tinha o maxilar bem definido e uma cicatriz no queixo, isso o dava um charme todo especial. Suas expressões eram sempre intensas e pouca vez sorria.

— Normal. — Respondeu.

— O que você fez? — Queria saber como foi sua folga.

— Fui beber com uns amigos. E como foi o seu? — Parecia que realmente ele não lembrava o meu aniversário. Tentei me convencer de que não estava magoado.

— Foi normal. — Repeti suas palavras. Ele me encarou, mas não disse nada. — Você pode parar para vermos as aves no rio? — Apontei para um lago onde os patinhos se banhavam. Seguiu minha mão e me observou com cuidado.

— Quem sabe amanhã, August. — Bateu o pé no acelerador. Pus minha cabeça na porta do carro.

— Ninguém me conhece. Eles não irão me notar. — Sussurrei.

— É perigoso.

— Eu estou com você e não tem ninguém. — Apontei para o lago deserto.

— Não, August, você sabe que não funciona assim. — Ele estava irritado.

Depois disso, me mantive em silêncio e apenas observei o percurso, até pararmos na minha casa. Mal esperei ele desligar e saí do carro. Fui correndo para meu quarto. Não me importei como parecia mimado e desobediente diante dele.

Joguei-me na cama e deixei as lágrimas caírem. Por que eu tinha que amá-lo? Por que não podia ser outra pessoa?

— August? — Escutei mamãe me chamar e tentei cessar minhas lágrimas.

Como não respondi, ela entrou nos meus aposentos. Continuei soluçando baixinho. Senti a cama se movimentar e aos pouquinhos me abraçou por trás.

— O que aconteceu meu amor? — Não respondi, mas deixei minha cabeça no seu colo. — Você quer me contar o que houve? — Me mantive

em silêncio. — Seu pai vai nos levar amanhã para aquela Ilha que você gosta, para comemorarmos seu aniversário devidamente.

— Sérgio não se lembrou do meu aniversário. — Ela suspirou e acariciou meus cabelos, tirando da minha testa.

— Duvido muito. Ele sempre encontra formas de parabenizá-lo no seu aniversário. — Disse, fazendo me lembrar do meu aniversário do ano passado. Sérgio me levou escondido do papai para passear de moto.

— Você acha que ele não esqueceu?

— Tenho certeza que não. Ele só está encontrando um momento apropriado para lhe dar seus parabéns. — Limpou minhas lágrimas. — Como foi com sua bisa?

— Normal.

— Só isso? Seus tios e primos não implicaram com você?

— Não tem importância, mamãe. — Fui sincero.

— Então é aqui que meus amores se encontram? — Nos assustamos com a voz do papai, que se jogou em cima de nós.

— Rico, vai nos machucar. — Gargalhei quando ele se ajeitou na cama e ficou no meio de nós. Colocamos nossas cabeças em seu ombro, enquanto ele nos abraçava.

— Que saudade disso!

— Para de ser dramático, homem. — Mamãe reclamou, se aconchegando no colo de papai.

— Como foi ontem? — Fiquei escutando os batimentos do seu coração, recebendo suas carícias no meu braço.

— Normal.

— Normal?

— Sim, papai.

— Você tem certeza? — Avaliou-me com cuidado. Era muito difícil enganá-lo, mas não tinha o porquê de eu falar que meus tios e primos eram uns babacas. Não iria fazer diferença.

— Vovó passou o dia todo comigo. — Mudei de assunto. — Foi divertido.

— Que bom, meu amor. — Respondeu. Ficamos os três aconchegados nos braços um do outro. Eu amava minha família. — Na verdade, vim chamá-los para jantamos.

— Não estou com fome. — Ajeitei-me em seu colo.

— August, você sabe que não gosto quando dorme sem comer.

— Rico, deixa ele. — Mamãe pediu e eu agradeci internamente. Mantive meus olhos fechados e aos pouquinhos fui adormecendo. Eu tinha uma facilidade enorme para dormir quando me sentia seguro.

Só existiam três lugares no mundo que me passava segurança: no colo dos meus pais e nos braços do Sérgio.

OceanofPDF.com



2

Observo August descer as escadas com sua mãe. Mesmo que esteja descendo com suas próprias pernas, ainda estava cochilando. Já tentei decifrar como diabos uma pessoa consegue dormir com tanta facilidade. Só precisava encostar sua cabeça em um lugar confortável e se sentir seguro, já era suficiente para adormecer.

Anne sorriu quando me viu aos pés das escadas.

— É impossível fazê-lo abrir os olhos. — Disse alegremente.

— Ajuda? — Perguntei, mesmo que ele esteja com os dois pés no chão e caminhe devagar, Anne estava mantendo seu corpo fora do piso. Se eu me aproximar tenho certeza que o ouvirei ressonar.

— Obrigada, Sérgio. — Trouxe sua cabeça para meu ombro. — É um bebezão grande. Nem parece que completou 18 anos. — Eu sei que ele está triste por eu não o ter parabenizado. Provavelmente acha que eu esqueci o seu aniversário. Porém, como esquecer quando ele faz parte de cada segundo da minha vida?

Sua cabeça cheirosa, veio para meu peito, enquanto seguro seu corpo no meu. Minha vontade era de jogá-lo nos meus braços e levá-lo direto para meu quarto e me perder em seu corpo. Mas a realidade era dura demais, então, apenas segui com cuidado, o levando para o carro.

— Já estão todos prontos, Sérgio? — Enrico questionou, sorrindo para seu filho. — Vocês o acostumaram, vocês sabem disso?

— Como se você não o mimasse também! — Anne ergueu sua sobrancelha, fazendo seu esposo sorrir e se aproximar do filho. Delicadamente tirou uma mecha de cabelo da testa do garoto.

— Tudo preparado?

— Sim! O senhor vai no segundo carro eu irei logo atrás. — Respondi.

— August? — Questionou preocupado.

— Com o Bento.

— Ok.

Levei August até o terceiro carro do comboio e, imediatamente, o novo agente se aproximou para ajudar. Agradeci quando Bento ordenou que ele voltasse para o seu lugar. Tinha notado olhares cobiçosos dele em cima do August, mas obriguei minha consciência a aceitar que eram apenas meus ciúmes falando alto. Quando o assunto era August, meu cérebro não trabalhava com coerência.

— August, suba no carro. — Ordenei, sabendo que mesmo no estado de sonolência ele era capaz de atender meu pedido. Ele resmungou e com minha ajuda se sentou no carro.

— Sérgio, seus fones. — Sua mãe me entregou os fones. Pus sua cabeça em um travesseiro, encostado na janela do veículo.

— Coloque o MP3 do carro e não ponha os fones de ouvido nele. Determinei ao agente.

— Podemos ir, Sérgio? — Pereira, responsável pelo primeiro carro, questionou.

Verifiquei a hora e confirmei que sim, chegaríamos antes das 10 horas.

— Sim! — Respondi. — O Corvo está saindo. Cinco segundos o próximo. — Estipulei. O próximo seria o do August e por último o meu.

— Sérgio? — Virei para uma voz manhosa que me chamou da janela do carro. — Meus fones? — Pediu, deixando seus cabelos caírem sobre os olhos, me aproximei dele.

— Eles colocaram suas músicas.

— Sérgio? — Fez um bico manhoso. Por que diabos eu achava tão adorável seu jeito dengoso?

— Não, August.

Voltou para dentro do carro contrariado, observei-o conversando com o agente Bruno.

— Não estou vendo vocês. — Ouvi Pereira perguntando.

— Ainda não saímos.

— Ok! Diminuirei a velocidade.

— Vamos, Sérgio? – Bento me chamou. Eu continuei observando o August conversando com o merda do Bruno.

Esse garoto tinha sido enviado pela Coroa, para adquirir experiência. Iria acabar enviando seus restos mortais de volta.

— Mudança de plano. August vem comigo. — Abri a porta do carro e puxei seu braço. Ele veio sem protestar. Coloquei-o no banco de passageiro e subi ao seu lado.

— Sua bolsa. — Recebi a mochila do August e deixei ao seu lado.

— Cadê vocês? — Pereira perguntou.

— Estamos saindo. August está comigo. — Deixei bem claro que não estava de gracinha para suas piadas. Pereira era meu homem de confiança, segundo no comando e, também, o único que conhecia meus sentimentos por esse garoto.

— Ok! — Eu sabia que ele estava doido para questionar, mas permaneceu em silêncio, pois estávamos usando comunicadores compartilhados em toda a equipe.

O carro que levaria August saiu e fomos logo atrás. Continuei olhando para frente, não queria encarar o rosto franzido e o bico manhoso que, provavelmente, ele teria.

Me amaldiçoei quando me lembrei que deixei meu MP3 no outro carro e seria obrigado a lhe entregar seu fone de ouvido. Ele só dormia em veículos ouvindo música.

— Sérgio, estou com sono. — Se esse menino fosse meu, deixaria um mês longe dos seus pais para pararem de mimá-lo tanto.

Bufei irritado comigo mesmo, provavelmente ele seria mais dengoso, pois eu entregaria o mundo em suas mãos, se ele me pedisse.

— Durma. — Fiz-me de desentendido.

— Meus fones?

— Você ficará com problemas auditivos. E já conversamos sobre isso. — Não gostava que ele usasse fone nas viagens, considerava perigoso. E se acontecesse uma emergência? Precisava dele atento.

— Mas eu não consigo dormir.

— August?

— Sérgio? — Meu Deus, eu iria dar umas boas palmadas na sua bunda gostosa.

Peguei seu celular de suas mãos e pus seu dedo para destravar. Quando o aparelho iniciou, eu mesmo fui a playlist e as coloquei para tocar.

Olhou-me envergonhado, quando o carro foi preenchido pelas canções do seu celular. Apenas sorri pela sua timidez. Virou seu rosto para a paisagem e ficou em silêncio. Deixei as músicas preencheram meu coração, ele tinha um excelente gosto musical para sua idade.

Aos pouquinhos percebi que sua cabeça tombou para frente, imediatamente a segurei e trouxe para meu ombro, se aconchegou no meu corpo como se fosse a coisa mais normal do mundo. Mas, na verdade, era. Desde os nove anos que o levava para todos os lugares.

Fui eu quem o ensinou a andar de bicicleta; fui eu quem o deixou dirigir a primeira vez escondido dos seus pais; fui eu quem o ensinou a jogar basquete e, principalmente, era a mim que ele procurava quando estava em crise. Então, tê-lo nos meus braços, era normal. O problema era que ele significava tudo na minha vida e eu não passava de um tio ou seu guarda-costas.

— Ele dormiu? — Baltazar perguntou.

— Fico impressionado com a facilidade dele em adormecer. — Pedrão disse sorridente.

— É o sono dos justos, meus amigos. — Baltazar explicou. — Nós somos pecadores demais para termos esse privilégio. — Deixei os dois conversando. Eles, assim como eu, eram ex-fuzileiros. Tinham sangue de inocentes nas mãos, sabiam como era viver com seus próprios demônios.

— Qual a programação? — Baltazar perguntou, sabendo que diria a ele, pois eu confiava nos dois.

Cada passo dessa família era estrategicamente planejado. Não eram permitidas falhas, pois fracasso poderia significar a vida de um deles.

Rico mesmo não fazendo parte da corrida à Coroa, tinha conseguido um patrimônio gigantesco e acumulava um círculo de inimigos.

Além disso, ainda existiam as fofocas que cercavam a Coroa. As suposições eram de que as relações entre a bisa e o bisneto eram muito mais que amor, e que a rainha estava preparando August para se tornar o próximo rei da Dinamarca.

O que não passava de especulações. Enrico jamais permitiria que seu filho se envolvesse com a Coroa, August, tinha seus próprios demônios.

Todos acreditavam que Enrico era um pai superprotetor e escondia o filho

só para si, mas a verdade era que August tinha pânico de multidões desde o abandono da sua mãe.

Tentei me concentrar no meu trabalho, mas seu corpo pertinho do meu tornava quase impossível. A música que embalava seus sonhos, não ajudava. Era uma balada romântica e gostosa de ouvir. Sua letra tinha tantos significados que me deixava de boca seca e coração agitado.

— Sérgio, qual a programação? — Baltazar voltou a perguntar.

— Passaremos o final de semana na casa de praia da família, apenas um dia divertido para eles. — Pelo que entendi, Enrico queria aproveitar a família e comemorar o aniversário do filho. August não tinha amigos, então os pais faziam de tudo para deixá-lo feliz.

— O que diabos é isso? — Me assustei com o grito do Pereira. — Há uma barreira de policiais a 20 metros de nós.

— Barreira policial? — Abri meu laptop verificando a rodovia.

— Não é para ter. Eu verifiquei todas as estradas. — Ouvi Baltazar enquanto clicava em todas as rodovias de sistemas privados da polícia, nenhuma viatura foi direcionada para essa BR.

— 15 metros. — Ouvi Pereira dizendo. Ele precisava do nosso posicionamento.

— Mas que porra. É uma emboscada. — Fechei meu laptop ouvindo o Pedrão. — Vamos voltar?

— Não dá, estamos muito perto. — Pereira explicou. — Enrico. — O alvo era Enrico. — 5 metros. — Foi dizendo. — Bom dia! — Pereira os cumprimentou. Eles estavam parados na blitz, todos ficaram paralisados. Tinha certeza de que cada segurança estava sem conseguir respirar. — Obrigado. — Ouvimos no comunicador. — São policiais Sérgio, apenas policiais. — Ouvi o suspiro de alívio de todos.

— Parece que alguém não fez o trabalho direito. — Um dos seguranças reclamou com Baltazar, que era o responsável por averiguar as estradas. O problema era que ele não era o único a averiguar esses detalhes. Eu fazia isso todos os dias.

— Não é Covo! Porra! Não é o Covo. — Sussurrei para mim mesmo.

— Sérgio? — Ouvi a voz do Enrico no comunicador. — Tire-o daqui imediatamente. — Enrico não era tolo, ele sabia quem eles realmente queriam e com as palavras do príncipe, Baltazar descobriu o verdadeiro alvo.

— Cinco minutos, Sérgio.

— Diminua.

— Não posso, eles vão desconfiar.

— Eles estão parando todos os carros, não sabem em qual ele está.

— Quatro minutos. — A contagem regressiva do Baltazar não me deixava pensar direito.

— Dar a volta? — Ouvi Pedrão.

— Eles vão notar. Será pior.

— Mas que porra! Que porra!

— A bolsa, agora. — Pedi ao Pedrão que me olhou em choque, mas obedeceu tirando uma mochila e me entregando. Eu precisava agir, não estávamos preparados para uma emboscada. Eu deveria ter previsto isso.
— August? — O chamei enquanto colocava a mochila nas minhas costas e pus mais uma arma na minha cintura. Ele não se mexeu. Prometi para mim mesmo que não o deixaria dormir em viagens futuras, nunca mais. — August, bebê, acorde?

Dei dois tapinhas nas suas bochechas. Ele finalmente abriu os olhos e me encarou.

— Me escute. Olhe apenas para mim, ok? — Mesmo sonolento, confirmou com a cabeça. — Vamos pular do carro e você fará tudo que eu mandar, tudo bem? — Olhou de mim para os garotos. — August, só olhe para mim? — Foi questão de segundos para notar que tinha algo errado, seu corpo tremeu. — Vou abrir a porta e pulamos juntos. — Movimentou a cabeça em negativo.

— Sérgio, estamos nos aproximando.

— Confie em mim, bebê? Você confia? — Balançou a cabeça e me abraçou forte deixando seus braços magros circularem minha cintura. — Pereira, OPERAÇÃO PRÍNCIPE em ação. — Falei sabendo que ele iria entender.

Nossa equipe estava contaminada. Se estávamos sofrendo uma emboscada, alguém nos traiu, a prioridade sempre seria o August. Esse foi o único pedido dos seus pais para mim.

— Se você tiver que escolher entre August e eu, escolha ele.

— Eu mesmo te mato, Sérgio, se você escolher um de nós dois. — Ouvi Anne dizendo ao entrar pela porta. O que assustou tanto a mim como ao seu marido. — Se você tiver que escolher, escolha o August, escute bem,

sempre o August. — Abraçou seu esposo.

Eles não precisavam me pedir isso, pois eu sempre escolheria August acima da minha própria vida e isso não tinha nada a ver com ser guarda-costas e, sim, porque eu o amava com todo meu coração.

— Agora. — Pedro, avisou. Abrindo a porta do carro, August se agarrou a mim assustado. Prendi a mochila no meu ombro e o segurei forte, ele era magro, isso me ajudava.

Contei mentalmente de 1 a 3 e pulei do carro levando seu corpo junto ao meu agarrei-me nele com toda força que eu tinha e segurei seu peso acima do meu corpo. Apenas senti a pancada nas minhas costas e tentei proteger minha cabeça. Levei segundos para me levantar e colocá-lo de pé.

Passei minha vista por todo seu corpo agradecendo por ele não ter se machucado.

— Eles perceberam, porra, eles perceberam. — Ouvia os gritos dos meus homens e as freadas dos carros. Tirei meu comunicador e joguei no chão pisando em cima, não podia confiar em mais ninguém.

Segurei a mão do August e comecei a correr ao seu lado com a arma apontada em várias direções, não podia confiar em ninguém. Estávamos indo na direção contrária, August parou quando ouviu os tiros.

— PAPAI? — Gritou com os olhos cheios de lágrimas.

OceanofPDF.com



3

Ouvi no comunicador que August estava com Sérgio. O que aconteceu para essa mudança de estratégia?

— Tudo bem, amor? — Anne me perguntou sorrindo. Ela conseguia me decifrar como ninguém. Eu era apaixonado por essa mulher. Agradecia todos os dias por ela ter entrado em minha vida.

Anne me encontrou, na verdade, encontrou meu filho e eu. Ainda lembro quando recebi uma ligação do consulado brasileiro, comunicando que um agente dinamarquês havia sofrido um acidente de carro. Meu mundo parou naquele momento. Sempre viajava e levava August, mas nessa viagem precisei voltar rapidamente para Dinamarca e, para o meu infortúnio, meu piloto não passava bem, estava impossibilitado de pilotar.

Como precisava voltar para meu país com urgência, peguei o primeiro voo e deixei August com Sr. Dias. Meu menino sempre o chamou de tio e tinha um carinho enorme por ele, além do Dias ser um homem de confiança.

Quando Dias estava no percurso para pista de voo, sofreu um acidente. Meu bebezinho teve leves escoriações. O agente Dias ficou gravemente ferido e teve que ser levado às pressas para o Pronto Socorro. Antes de perder os sentidos, passou seu registro para polícia que entrou em contato com seus comandantes, rapidamente perceberam que ele era um agente da Dinamarca. A partir disso, fui comunicado.

No decorrer de todo esse processo meu garotinho ficou no Pronto Socorro. Foi levado para hospital público e na correria da emergência ficou sozinho na ala do hospital. August tinha seis anos, sempre foi miudinho e tímido, não suportava multidões. Graças a tudo que passou, ao lado da sua mãe,

desenvolveu dificuldade em socializar.

Não gosto nem de imaginar o tanto que meu bebê sofreu em um país desconhecido e sozinho, passando por toda aquela situação. Não tenho palavras para descrever o meu retorno para o Brasil, fui ao inferno várias vezes. Quando cheguei ao hospital, encontrei meu menino nos braços de um anjo que o consolava.

Tive acesso a todas as câmeras do local desde o momento da entrada do Dias até minha chegada. Fui dominado por um ódio sobrenatural em perceber como todos os funcionários foram negligentes com meu filho. Como não apresentava fraturas ou traumas, foi deixado apenas em observação, sozinho e chorando. Sem uma pessoa especializada ao seu lado.

Por outro lado, fui preenchido por um amor divino quando descobri que um lindo anjo cuidou do meu bebê, mesmo quando parecia tão debilitada. Era visível que ela não passava bem, porém isso não a coibiu de se aproximar do meu filho e oferecer colo. E, por incrível que pareça, ele aceitou. Acreditei no momento que foi pelo fato dela falar inglês e ele compreender sua língua. Mas, com tempo, descobri que August reconheceu o anjo que Anne era.

A partir disso, trouxe Anne para vida do meu filho e a minha, ela se tornou sua babá e com a convivência descobri uma mulher de temperamento tempestuoso e apaixonante.

Amá-la foi inevitável. E descobrir que a amo todos os dias é o melhor prazer que posso oferecer a mim mesmo.

Anne ama meu filho, ela amou desde o primeiro momento. Tenho dois anjos na minha vida: Anne e August, dois seres que sou capaz de tudo para proteger e cuidar, são minhas vidas.

— August está com Sérgio. — Ela sorriu marota, mordendo seus lábios lindos. — O quê? — Perguntei, sabendo que naquela cabecinha passava várias coisas.

— Não vou dizer. Você não aceita a verdade. — Respondeu dando de ombro.

— Porque não é a verdade. — Me defendi.

— Rico, enganar a si mesmo não vai mudar. — Bufei, fazendo-a rir. — Nosso filho não é mais um bebê. Eu sei que é difícil. Juro que se eu pudesse o trancaria em uma caixinha e o protegeria de tudo, mas ele está crescendo. — Amo como seus olhos brilham ao falar do nosso filho.

— Isso é besteira, amor.

— Negar não vai mudar a verdade. Só quero que você esteja preparado quando ele declarar os sentimentos.

— Eu não preciso me preparar. August tem 18 anos.

— E já terminou o ensino médio e está no segundo ano da faculdade. — Disse orgulhosa.

Meu filho era muito inteligente, me sentia triste por saber que ele estava conquistando tudo, mas não vivenciava as experiências das suas conquistas.

August estudava em casa, não teve a experiência de entrar em sala de aula ou ter amigos. Os dinamarqueses acreditavam que eu era louco por esconder meu filho da sociedade, por privá-lo de viver uma vida normal, mas eles estavam longe da verdade.

A verdade era que August tinha pavor de multidões. Já o tinha levado aos melhores psicólogos e tratamentos do mundo. Quando percebi que os tratamentos não estavam fazendo efeito e as saídas em público o deixavam pior, o escondi do mundo. Sei que pareço louco, mas quando o assunto era August e Anne, que se foda a loucura!

— Conheço seus pensamentos. Você sabe que ele não é assim. — Escutei Anne. — August era altamente compreensível e capaz de ser feliz com poucas coisas. — É feliz, vejo isso todos os dias. — Completou com adoração. — Só vejo tristeza naquela face linda quando olha para Sérgio. — Revirei meus olhos com seu comentário. — Aceite Rico, seu filho o ama.

— Isso é loucura.

— Você vai ter que aceitar que nosso bebezinho se tornou um homem. Sabe o que mais amo em você, Rico? — Perguntou e neguei. — Você não aceita por ciúmes ao seu filho. Não por sua sexualidade ou por estar apaixonado pelo Sérgio.

— Ele é meu bebê. Não precisa desse negócio de namorar. Não agora. — Deixei bem claro.

— Rico, pois nós teremos sérios problemas, sinto que August não é o único com sentimentos.

— Como assim? — Ajeitei-me no banco. Ela sorriu com aquele jeito que eu conhecia bem. — Anne, não faça isso. — Parecia um gato depois de comer um passarinho.

— Meu amado príncipe, és tão inteligente para algumas coisas e tão burro para outras.

— Você sabe o que eu faço com pessoas que me chamam de burro? — Questionei, me aproximando dos seus lábios. Seus olhos se acenderam com desejo.

— Polícia? — Escutei Pereira e olhei para a barreira de guardas. Esperei Sérgio se comunicar. Eu acompanhava todos os esquemas de segurança, confiava plenamente no Sérgio, não era para ter barreiras. Não confiávamos na segurança nacional do nosso país, Sérgio era como eu. Confiamos nos nossos métodos.

—Polícia? — Questionei.

— Sinto muito senhor, o trânsito está caótico hoje, passei mais de três minutos atrás do último caminhão. — Defendeu-se.

Compreendi, pois ele perdeu muito tempo para fazer a ultrapassagem. Estávamos nos aproximando rapidamente da patrulha.

— O comunicador? — Pedi ao segundo agente. Ele me entregou e o ajeitei na minha orelha. Sei que Sérgio estava averiguando o que aconteceu.

— 15 metros. Ao ouvir as palavras do Pereira levantei minha cabeça e observei o carro diminuir a velocidade, teríamos que parar na barreira. Anne entrelaçou nossas mãos, tentei sorrir e passar confiança. Tinha ao meu lado homens preparados. Rapidamente, Bento me entregou uma arma. Já tinha a minha, essa era para Anne. Virei-me para ela e entreguei em suas mãos, ela tremia.

— Vai ficar tudo bem. Você já sabe o que fazer? — Perguntei. Confirmou com a cabeça. Anne foi treinada por Sérgio e eu, para situações assim. Ela tinha uma mira excelente e sabia se defender.

— August? — Perguntou.

— Ele está com Sérgio. — Afirmei, sabendo que isso seria suficiente para deixá-la calma.

— Bom dia! — Pereira cumprimentou. O guarda se aproximou do carro e ele entregou sua identificação. Observei que sutilmente Bento acionou a alavanca da arma.

— Boa noite, Senhores! — O policial abriu o documento rapidamente, para em seguida me olhar profundamente. — Pode passar! — Respondeu. Ouvi um suspiro de alívio de todos, quando nosso carro continuou o percurso. Os meninos começaram a caçoar do Baltazar pelo deslize.

A maneira que o policial me olhou não saiu da minha cabeça. Mais um carro do comboio foi parado e também seguiu em frente

— Sérgio? — Chamei, fazendo com que os meninos silenciassem os comunicadores. — Tire-o o daqui, imediatamente! — Gritei as últimas palavras sabendo que ele iria entender. Pereira me olhou pelo retrovisor, demonstrando que tinha compreendido minha ordem. Imediatamente aumentou a velocidade do carro.

Conseguia ouvir a voz do Sérgio tentando acordar August e me amaldiçoei por não ter preparado meu filho para esse tipo de situação.

— Corvo em perigo, precisamos de reforços. Rodovia 25. Detectado cinco, mas não tenho certeza. — Escutei Pereira pedindo reforços. — Precisamos tirá-lo daqui.

— August, Rico, August. — Anne começou a chorar. Segurei seu rosto.

— Ele vai ficar bem. — Beijei sua testa e limpei suas lágrimas, mas seu grito foi estrondoso quando ouviu o barulho de tiros.

— AUGUST? — Ela tentou sair do carro. Só não conseguiu, pois foi travado.

Tentei segurá-la, mas seu corpo tremeu em desespero.

— Amor me escuta. Ele está com Sergio. Nada vai acontecer.

— Sérgio?

— Sim! — Abracei, passando conforto.

— Colete, senhor. — Recebi dois coletes e coloquei no seu corpo com cuidado. Já estávamos um pouco longe, mas ainda conseguia ouvir o barulho dos tiros no comunicador. Meus homens tentavam entrar em contato com Sérgio. Eu sabia que era impossível. Conhecia-o, a primeira coisa que faria seria encerrar qualquer tipo de comunicação.

Um helicóptero sobrevoou sobre nós e Pereira diminuiu a velocidade. Os carros na nossa frente começaram a parar assustados, tivemos que ir pela ribanceira. Quando nos aproximamos, dois homens armados vieram ao nosso encontro.

— Senhor! — Nos cumprimentaram. Anne chorava desesperada nos meus braços.

— Quantos homens? — Questionei, seguindo em direção ao nosso transporte.

— Dez, acreditamos que não é somente isso. Seis estão trocando tiro com os rapazes e quatro na cola do Sérgio.

— Quantos dos nossos? — Perguntei.

— Por enquanto, três feridos, mas não temos como afirmar.

— Sérgio? — Entramos no helicóptero.

— Não temos informações.

Sobrevoamos toda a área rapidamente.

— Quem os chamou? — Questionei ao passar por várias viaturas.

— Acreditamos que tenham sido os civis.

— Que merda! — Respondi, sabendo que seria inevitável manter isso fora dos holofotes.

— Senhor! Preciso de sua autorização para a Operação Príncipe. — Nomenclatura criada por Sérgio para esse tipo de situações.

— Ativada!

— Ok!

Se sofremos uma emboscada, significava que tínhamos um traidor na nossa equipe, não podíamos confiar em ninguém. Sérgio sabia que algo assim poderia acontecer. Dessa forma, surgiu a Operação Príncipe.

Nesse exato momento três soldados americanos estavam sendo retirados do campo. Todos eram da antiga equipe de Sérgio. Ele confiava sua vida na mão daqueles homens. Precisávamos descobrir quem era a célula traidora. Além disso, estava sendo ativadas, nesse exato momento, novas identidades para Sérgio e August.

Fomos direto para um campo militar americano e recebidos pelo tenente.

— Senhor!

— Quantas horas? — Questionei, sabendo que ele iria entender.

— Os três se encontravam na Síria. Trinta minutos, senhor.

— É muito.

— Dias sabia disso senhor. — Falou, me fazendo lembrar que todos ali confiavam no meu homem. Sérgio sempre detestou tudo que se relacionava a Coroa e não confiava em ninguém com emblema dinamarquês. Confiava nos seus amigos, homens que lutaram junto a ele. Meu filho dependia do Dias, eu não tinha outra saída a não ser confiar no seu plano.

— Senhor, a rainha. — O tenente me entregou o telefone. Recebi, observando-o deixar um chá para Anne. Minha pobre Anne tentava se manter calma.

— Sim! — Respondi, ligando o laptop que me foi entregue pelo soldado.

— Cadê August? — Seu desespero foi audível. Escutei seu secretário pedindo que ela se acalmasse.

— Com Sérgio.

— Então é verdade. Onde vocês estão?

— No campo militar americano.

— Por que diabos você não veio para nós, Enrico?

— Você sabe melhor do que eu. — Disse, sabendo que ela iria entender que não podíamos confiar em ninguém.

— E você acha que os americanos vão ajudá-lo?

— Não! Mas Sérgio vai. Eu confio nele.

— Quero meus agentes nesse caso. Quero meu neto de volta. Nem que eu tenha que destruir esse país. Você ouviu bem?

— E você acha que eu não quero? Seguiremos a Operação Príncipe. Sérgio está com August e seguirei suas coordenadas.

— Escute bem, Enrico. Se algo acontecer com meu bisneto eu destruo você. — Não me surpreendi com suas palavras. Ela era minha avó e sabia que me amava, mas quando o assunto era August, nada importava.

— Preciso desligar. — Coloquei o telefone na mesa e liguei a câmera.

— Bom dia, príncipe! — Apenas acenei para os três que me encararam pela tela do computador. — Desculpa pelos modos. Não estávamos esperando sua ligação. — Um deles falou, deixando claro que era o líder. Observei suas roupas e percebi que estavam bastante sujas de lama.

— Quantas horas pra chegar aqui? — Perguntei.

— 1h30min.

— Ok!

— O Dias? — Perguntou.

— Não tenho informação. Ele está com meu filho.

— Ok!

— Pelo relatório que recebemos, seu filho era o alvo. Temos uma maçã podre no seu grupo que passou informações e coordenadas. Eles conheciam seu filho. — Isso fazia sentido. Se August saísse em uma praça pública lotada ninguém iria saber quem era ele, nem mesmo a segurança nacional tinha registro do meu filho.

— Eles pegaram meu filho? — Anne questionou.

— Não pegaram, mas ainda estão a sua procura.

— Algo que tenha desencadeado essa situação? — O líder perguntou.

— Não. Não August. — Sou sincero. Eles poderiam estar atrás de

recompensa, mas, mesmo assim, não era suficiente.

— Canal 4 — Escutei um deles falando para o outro. Eles ficaram em silêncio e depois me olharam.

— Liguem no canal 4. — Atendi ao pedido. A primeira imagem que surgiu foi o rosto da rainha.

— É verdade que August está completando 18 anos? — A entrevistadora questionou.

— Sim! Minha criança está crescendo rapidamente. — Respondeu orgulhosa.

— Majestade, como você se sente com a maneira que o magnata Enrico cria o filho escondido da sociedade?

— Príncipe Enrico é muito protetor com filho. Ele quer criá-lo sem os holofotes das câmeras. E acredito que ele tenha razão, August se tornou uma criança adorável. — Ela nunca deixou de me chamar de príncipe.

— A majestade tem muito orgulho do bisneto?

— August tem uma beleza extraordinária, é doce, gentil, amável com todos, além disso, tem a beleza do pai. Sou uma avó orgulhosa do meu bisneto. — A entrevistadora assobia pela comparação.

— Wow é lindo, então. Enrico sempre teve os corações de todas as dinamarquesas.

— Sim! Mas meu bisneto é muito mais lindo que seu pai.

— Como você se sente em saber que, como Enrico, August não está interessado pela coroa?

— Triste pela Dinamarca, mas compreendo as razões do meu neto Enrico em abdicar da coroa e as respeito. Sei que ele teria sido um rei admirável, porém, ele fez as suas escolhas. August, meu August seria um rei extraordinário.

— Mas que porra! Quando saiu essa entrevista? — Perguntei.

— Hoje. Todos já estão sabendo. — Era isso. A rainha tinha jogado o bisneto na cova dos leões.

OceanofPDF.com



4

Minhas pernas tremiam de tanto correr. Estava sem fôlego. Se não fosse Sérgio me empurrando para frente, tinha ido de encontro ao chão.

— Bebê, aguente mais um pouco. — Apenas olhei para ele, não conseguia nem ao menos respirar direito. O barulho dos tiros só aumentava atrás de nós — Venha! — Voltamos para a rodovia, ele continuava com sua arma apontada em todas as direções.

Entramos na frente de um carro, fazendo o motorista frear em cima de nós. Sua mão não saia da minha, provavelmente prevendo que se ele soltasse, desmaiaria de tão assustado que estava.

— PORRA, CARA! TU É LOUCO? SABE QUANDO CUSTA ESSA BELEZINHA? — O homem saiu gritando.

Sérgio apontou a arma na direção da cabeça dele, fazendo com que ele rapidamente erguesse os braços para cima.

— ESPERA, CARA. NÃO PRECISA DISSO.

— JOGA A CHAVE, AGORA!

— AINDA ESTOU PAGANDO ESSA MÁQUINA.

— JOGA A CHAVE! — Eu literalmente tremia. Sabia que Sérgio não iria atirar, mas meus nervos não acreditavam muito nisso. O homem percebendo o perigo, saiu da frente do veículo.

— A CHAVE ESTÁ NO CONTATO.

Sérgio me empurrou na direção do veículo, sem desviar a arma da cabeça dele. Ajudou-me a entrar e foi em direção a porta do motorista.

— Vire para trás e conte até 20. — Ordenou ao cara que o obedeceu. Observei-o mexer perto da direção e arrancar um aparelho, jogando-o para

fora do veículo.

Sérgio aproveitou-se do estado do senhor e manobrou rapidamente dando a volta. Olhei pelo retrovisor, o homem continuava com os olhos fechados.

— August. Bebê, preciso que você solte minha mão. — Ao ouvi-lo, notei pela primeira vez que a segurava, ou melhor, a apertava com força o obrigando a dirigir apenas com uma. Sua arma estava no seu colo e a mochila que trouxemos nas minhas pernas. — Abra a mochila. — Ordenou. Eu não conseguia nem pensar direto, apenas seguia suas ordens. Abri a mochila e esperei os seus comandos. — A jaqueta. — Ele mesmo tirou uma jaqueta e um boné da mochila. — Os coloque. — Fiz como pediu, vestindo por cima do colete.

— Está perfeito, bebê.

— Estamos indo para onde? — Perguntei, lembrando que tinha língua e com minha voz trêmula.

— Um lugar seguro. — Não me atrevi a questionar.

— Eles ainda estão atrás de nós?

— Conseguimos despistá-los, mas não estamos seguros.

— Não podemos voltar para casa?

— Enquanto não descobrirmos quem foi o traidor, não.

Entramos em uma estrada cheia de pedregulhos, Sérgio acelerou fazendo a poeira nos cobrir. Voltei a deslizar minha mão na sua, o pegando de surpresa. Não me atrevi a sentir vergonha, estava apavorado demais para deixar esse sentimento me dominar. Ele apertou-a com carinho e levou para sua perna, isso ajudou a me acalmar.

— Tente descansar, ok? Nada de ruim vai acontecer.

— Meus pais? — Indaguei com frio na barriga.

— Eles passaram pela barreira. Estão atrás de você.

— Mas por que eu?

— Eu não sei, August. Mas destruirei todos. — Soltou minha mão e ergueu a sua até meu rosto, delicadamente acariciou meu queixo, voltando a segurar minha mão.

Dirigimos por muito tempo. Estava exausto e acabei dormindo.

— Acorde bebê. — Senti mãos gentis acariciando minha face. Assustei-me quando encarei a escuridão que nos cercava. Estávamos no meio de uma floresta?

— Onde estamos?

— Lugar seguro. — Abriu minha porta e me ajudou a descer. Encarei uma cabana velha na nossa frente. — Venha? — Puxou-me para dentro. Tudo estava escuro, precisei da sua ajuda para entrar, enquanto ele iluminava com uma lanterna. Observei-o deixá-la no chão clareando o espaço. O lugar era tão velho que quando Sérgio pisava, as madeiras faziam barulhos estranhos. — Sente aqui. — Empurrou-me para um sofá. Abracei minhas pernas com meus braços, estava tremendo de frio. — Descanse, amanhã continuaremos.

— Para onde estamos indo, Sérgio? — Perguntei, deixando as lágrimas contidas finalmente descerem. — Quero voltar para casa, para meus pais. — Limpei meu rosto, enquanto fui abraçado por ele. Pus minha cabeça no seu ombro e inalei seu cheiro.

— Prometo que iremos voltar o mais rápido que pudermos. Mas hoje precisamos ficar aqui. Você está cansado. — Ajudou-me a deitar no sofá e foi até a bolsa, pegando um pacote de biscoito. — Esse é o seu preferido. — Entregou um pacote de biscoito de morango.

Agradeci e abri, minha barriga roncou apenas com o cheiro do alimento. Tirei dois para mim e para ele. Ele aceitou.

— Lembra quando organizamos essa mochila? — Perguntou-me. Meneei a cabeça em negativo, mas lembrei que o lugar era escuro e, provavelmente, não conseguia ver.

— Não.

— Tinha onze anos. Pedi que você colocasse tudo que considerava importante. Você colocou dois objetos: uma foto dos seus pais e biscoito de morango. — Gargalhou quando cuspi o biscoito da minha boca.

— Esse biscoito é dessa época?

— Não, bebê. Eu troco todas as semanas. — Não me surpreendi com sua resposta.

— Graças a Deus.

— Deite, August. — Obedeci e me ajeitei no sofá, enquanto ele fez o mesmo no chão.

— Como você sabe desse lugar, Sérgio?

— Há dois anos pedi uma folga ao seu pai. Precisava me afastar um pouco, colocar minha cabeça no lugar e meus sentimentos. Peguei o carro, saí sem direção nenhuma e acabei descobrindo essa cabana. Passei todo final de semana aqui.

— Hum. — Abracei meu corpo que tremia pelo frio.

— Sérgio?

— Sim?

Fiquei em silêncio tentando refletir sobre tudo que tinha acontecido.

— Por que você precisava pensar?

— Me apaixonei por alguém que não devia.

Suas palavras me afetaram de uma forma que não havia palavras suficientes para descrever. Não conseguia nem ao menos ter forças para pronunciar algo. Então apenas fiquei em silêncio, deixando aquele sentimento queimar meu corpo.

— August? — Não respondi. — Você está bem? — Não queria que viesse me verificar, então respondi qualquer coisa.

— Estou com frio.

Levantou-se do chão e tirou sua camisa do corpo.

— Afaste um pouco. — Obedeci e se deitou ao meu lado, de frente para mim. — Meu corpo vai aquecer o seu. — Explicou, por que tirou a blusa. Fui aos pouquinhos para seus braços, coloquei minhas mãos em conchinha no seu peito, deixando minha cabeça enterrada ali. Enrosquei-me todo nele procurando seu calor, enquanto me abraçava apertado. No gesto quase inconsciente encostei meus lábios no seu peito e o beijei.

— Obrigado por sempre me proteger. — Agradeci me esquentando. Senti seu beijo nos meus cabelos.

Eu não sabia o que estava acontecendo. Não tinha ideia porque essas pessoas estavam atrás de mim, mas de uma coisa tinha certeza: não trocaria nada do mundo por esse momento. Finalmente estava nos braços dele, sentindo seu corpo. Era quase mágico.

— Durma, August. — Não precisou pedir duas vezes.

— Opa! — Me assustei com o barulho e tentei me levantar rápido.

— August, só fiquei quieto, por favor. — Encarei Sérgio que me segurava em cima de seu corpo. O dia havia amanhecido e estávamos no piso de madeira.

— Desculpa? — Encarei seus olhos. Era bem claro que eu o empurrei do sofá e tínhamos caído.

Segurou os meus braços e levantou a cabeça me encarando, ou melhor, vislumbrando meus lábios.

Estávamos bem próximos um do outro. Era apenas um gesto para nos beijarmos. Fechei meus olhos e o esperei, mas fui obrigado a abri-los quando Sérgio me tirou de cima dele. Constrangimento nem me descrevia. Não acredito que achei que ele iria me beijar. Sou muito burro mesmo. Baixei minha cabeça e tentei conter minhas lágrimas, não iria chorar na sua frente.

— Eu vou... — Caminhou para fora da cabana. Finalmente deixei as lágrimas descerem.

— Eu te amo, Sérgio. — Sussurrei, para o vazio daquele lugar.

Assustei-me quando ele voltou para dentro da cabana, tentei limpar meus olhos.

— Dentro da mochila tem uma muda de roupas. Troque-as. — Fui até a mochila e tirei as roupas. As palavras da minha mãezinha tomaram meu coração: *se você tiver oportunidade, lute por ele.*

Fui movido por instinto de coragem, coloquei a calça jeans e uma camisa de mangas compridas no sofá e levantei meu casaco. Tirei peça por peça, sabia que ele continuava na sala, pois suas botas eram pesadas e não tinha ouvido o barulho da madeira.

Deixei minha calça por último. Com minhas mãos trêmulas, permiti que a calça caísse o ouvindo tossir descontroladamente. Virei-me assustado, fitando seus olhos pretos, que correspondiam com tamanha intensidade me deixando paralisado. Analisava cada parte do meu corpo lentamente, até voltar a encarar meus lábios, que de forma automática umedecia com minha língua.

Esperei-o se aproximar e supliquei que me tomasse para si. Mas Sérgio não era fácil de domar.

— Roupas, August. Você vai pegar um resfriado. — Aproximou-se de mim e pegou minha camisa de frio, pondo na minha cabeça. Bufei com todos os seus gestos.

— Na sexta foi meu aniversário. — Pronunciei, quando terminou de colocar meu casaco. — Eu quero meu presente. — Encarei seus olhos. Segurou meus braços mais uma vez, para me afastar.

— Não é o momento, August.

— Eu não me importo. Eu já decidi o que quero. — Ergui meus pés para ficarmos da mesma altura e pus minhas mãos no seu rosto. Aproveitei seu estado paralisado e tomei sua boca para mim.

Selei nossos lábios, uma energia inebriante dominou meu coração. Sérgio estava tão surpreso que não teve reação. Seus lábios eram firmes. Fiquei apenas aproveitando a sensação gostosa das nossas peles juntas. Não tinha coragem o suficiente para aprofundar o beijo. Primeiro porque eu nem sabia o que fazer. Nunca tive contato íntimo com ninguém. Todo meu conhecimento era baseado em filmes e livros.

Colocou sua mão nos meus braços e me empurrou. Seus olhos estavam escuros, era como se não acreditasse em minha atitude.

— Desculpe-me. — Sussurrei, dando dois passos para trás, sentindo o gosto amargo do desprezo.

— Você não deveria ter feito isso. — Deu-me as costas.

Foi impulsivo segurar o soluço. Pus minha mão na minha boca para deter os soluços. Virou-se lentamente para mim e encarou meus olhos nublados pelas lágrimas.

— Puta que pariu! — Pronunciou, vindo até a mim e me erguendo para eu enlaçar minhas pernas na sua cintura. — Você não deveria ter feito isso, bebê. — Continuei encarando seus olhos. — Sente como estou duro apenas com um beijo? — Roçou meu corpo no seu membro. — Não faz essa cara, sempre tentei me controlar perto de você.

Meu coração estava embriagado por suas palavras. Deixei minhas ações mostrar o quanto eu o queria. Levei minhas mãos até seu rosto e acariciei sua cicatriz, deixando um beijinho carinhoso ali. Depois no cantinho da sua boca, beijei seu nariz e seus olhos. Parecendo impaciente, tomou meus lábios para si. Tremi com o contato delicioso dos nossos corpos. Ele mordeu meus lábios me fazendo gemer.

— Que delícia! Muito melhor que os sonhos. — Levou-me até o sofá, sem desgrudar nossas bocas, me colocando gentilmente nele. Continuei com minhas pernas enrolada na sua cintura.

Admirou meus olhos pretos, sem piscar tentando encontrar algo.

— Eu te amo! — Sussurrei, sabendo que era precipitado e estúpido, pois poderia me rejeitar, mas se eu não fizesse nesse momento, nunca o faria.

— Não faça isso. — Encostou sua testa na minha, com olhos fechados.

— Sérgio? — Pus minhas mãos no seu rosto. Voltou a abri-los bem devagarzinho.

— Tenho medo de abrir e descobrir que é apenas um sonho.

— Se for um sonho, não quero acordar. — Completei.

— Meu cérebro continua gritando que eu não posso. Que isso é uma loucura.

Sorri ao confirmar que ele compartilhava os mesmos sentimentos que eu.

— Eu te amo Sérgio! Nem sei quando passei a amá-lo. Mas eu te am...

Não esperou o terminar a frase, selou nossos lábios com extrema delicadeza e pediu passagem com sua língua. Suas mãos acariciavam meu rosto como se estivesse se certificando de que eu não fugiria. Ah, se ele soubesse que sempre sonhei com esse momento. O contato das nossas línguas foi explosivo e intenso. Brincou e lambeu meus lábios me fazendo gemer. Suas mãos, que antes seguravam meu rosto, desceram para minhas pernas as apertando para aumentar a fricção com sua cintura. Meu corpo estava imprensado pelo seu. Notando minha excitação roçou bem de levezinho seu membro no meu.

Não é que eu não tenha me aventurado com minhas próprias mãos pensando nele, mas a realidade era mais explosiva e gostosa.

Elevei minha cintura, procurando mais contato enquanto ele sorria, aproveitei-me das suas atitudes receptivas e passei minhas mãos pelo seu corpo tendo o cuidado de acariciar principalmente seu abdome gostoso. Como eu tinha sonhado com esse momento!

— A realidade é bem melhor. — Não percebi que tinha dito alto, me olhou surpreso.

— Já sonhou comigo, August? — Amava como meu nome saia na sua voz rouca e grossa. Era inebriante e sexy, deixando todos os meus pelos arrepiados.

— Inimagináveis vezes. — Respondi, sem nenhum pudor.

— O que eu fazia nos sonhos? — Suas mãos, que antes seguravam minhas pernas, voltaram para meu rosto me obrigando a encará-lo.

— Eu não vou dizer. Tenho vergonha.

— Eu fazia isso — Lambeu meus lábios de forma totalmente pornográfica, que fizeram minhas pernas vacilarem. — ou isso... — Sarrou seu pênis no meu. Gemi, fechando meus olhos e apertando minhas pernas na sua cintura. — Você é muito gostoso, gostoso pra caralho. Meu príncipe, quero tanto te foder, não fazer amor, te foder rápido e gostoso, fazendo você gritar meu nome entregue a um prazer inebriante. Quero que você pague por todas as vezes que me deixou excitado com seu sorriso, seu corpo e sua voz. Mas você merece ser adorado e mimado.

— Sérgio, eu só quero você

OceanofPDF.com



5

— Tudo pronto? — Os três fuzileiros se olharam afirmativamente. Era para ser um dia normal. Iriam treinar até a noite e depois se jogariam na cama com os corpos doloridos pelos longos exercícios.

Não tinham o direito de reclamar, todos os três receberam ofertas para serem Capitão, porém não tinham paciência de ensinar ou treinar garotos que consideravam divertimento, se aventurar pelos campos militares.

O exército americano não era para frangotes. Ali era matar ou morrer. Sem arrependimento, desculpas ou promessas. A vida do seu parceiro dependia de sua mira e escolha.

Não tinham famílias. Os pais faleceram felizes por saberem que seus filhos estavam lutando pela bandeira americana. Mal sabiam que a bandeira era apenas um tecido sujo de sangue de inocentes.

Lutavam pelos inocentes? Entravam em cidades destruíam lares. Salvavam uma dezena, matavam uma centena.

A única alegria de cada um deles era conseguir sair vivo junto aos seus parceiros. Sérgio sempre teve no sangue a liderança, pensava como o resto da equipe, matava ou morria.

Todos entravam em um campo de batalha apenas com um propósito, voltarem com a equipe viva, Sérgio entendia bem disso. Era o líder daqueles três, juntos eram imbatíveis. Sentiram-se felizes por seu líder deixar tudo para trás e recomeçar a vida.

O general não gostou muito, já preparava o seu melhor soldado para assumir seu cargo, mas eles comemoraram pelo amigo, mesmo que tenham sofrido a fúria do seu superior que não conteve sua ira ao perder seu homem

de confiança. Sérgio não era qualquer um, era um protegido da coroa dinamarquesa.

Os americanos não querendo uma crise diplomática, abaixaram a cabeça ao perder o seu melhor soldado.

O melhor dia daqueles homens foi quando conseguiram uma semana de folga e foram direto ao encontro do amigo. Caçoaram dele ao descobrirem que tinha se tornado guarda-costas de um maldito príncipe.

Gargalharam até que as bebidas os deixaram bêbados. Foi com muito álcool no sistema que o líder os obrigou a assinarem a "OPERAÇÃO PRÍNCIPE". Se um dia Sérgio precisasse de ajuda os três mandariam o General tomar no cu e estariam imediatamente em território dinamarquês.

Quando acordaram e deslumbraram o sorriso sádico, olhos escuros e felinos do amigo se entreolharam e engoliram em seco ao pegar o acordo que foi jogado na mesa. Viram suas caligrafias borradas no papel e o texto.

Bomba, o mais explosivo, deixou claro que jamais colocaria sua vida em risco por um príncipe. O comandante os caçaria até o inferno se eles desertassem.

Emboscada gargalhou zombando do Sérgio, finalmente a coroa comeu seu cu, não o reconhecia mais. Rifle deu de ombro e apenas afirmou que os americanos usariam seu próprio rifle para matá-los.

Sérgio encarou os três companheiros e deu de ombros. O ordinário tinha coragem.

— Se vocês não cumprirem suas assinaturas, eu mesmo vou caçá-los no inferno e faço o próprio diabo comer o cu de vocês. — Eles sabiam que o amigo falava sério, então voltaram a engolir em seco.

Sérgio tornou-se conhecido por desafiar o general em uma ordem direta. Quando foram ordenados a entrar em uma vila, o amigo queria saber qual objetivo da missão. O general apontou a arma na sua cabeça e o mandou obedecer.

Passou dois dias dentro de uma piscina gelada. Os superiores foram obrigados a tirá-lo da piscina. O soldado morreria e não baixaria a cabeça para as ordens arbitrárias do seu superior.

O comandante o detestou desde o primeiro momento, principalmente ao descobrir que Dias tinha privilégios pela sua ligação com a coroa da Dinamarca. Com esse feito, Sérgio ganhou o respeito dos colegas e dos seus superiores.

Aqueles homens sabiam que ele cumpriria sua promessa de encontrá-los no inferno.

— Esse é o garoto. — Jogou uma foto de um garotinho de olhos escuros na mesa. Os três homens encararam a imagem, chegando à conclusão que realmente era um príncipe: olhos bonitos e intensos, cabelos pretos e pele dourada, sorriso bondoso e alegre no rosto. — A vida dele é a única que importa. — Os três encararam o amigo, perplexos com o que tinham ouvido, não estavam reconhecendo o naquela hora. — A operação se chamará *Operação Príncipe*. Não se esqueçam! — Afirmaram com a cabeça.

Passados quatro anos, pensaram que não seriam chamados e agradeceram ao ser superior lá de cima, pois puderam dormir sossegados. Viviam com a cabeça entre a faca e a espada. Se não cumprissem com a promessa morreriam pela espada do Sérgio. Seria doloroso e divertido, aquele maldito era um sádico. Se caso cumprissem, morreria nas mãos do General. Aquele homem era um maldito louco. Os torturaria até eles pedirem clemência de joelhos. Implorando por uma bala no peito.

Porém, quando foram chamadas na tenda com urgência, não pensaram duas vezes. Finalmente, a Op*eração Príncipe* fora ativada. Seu amigo contava com eles. Deixaram o campo americano sob os gritos do superior.

Agora estavam sentados no avião de carga americana como privilégio em troca de favores entre os dois países.

— Há quanto tempo tudo aconteceu? — Emboscada questionou ao pai do príncipe.

— Mais ou menos duas horas.

Trariam o príncipe de volta e depois nunca mais beberiam com o desgraçado do Sérgio.

— Para onde ele foi? — Rifle questionou para os dois amigos.

— O lugar que ele considera seguro. — Emboscada respondeu.

— Floresta? — Bomba completou

— Sim!

Os três sabiam que na mata Sérgio seria invisível. Ele era rápido como uma corça e ágil como um leão pardo.

— Vamos seguir o plano? — Bomba questionou.

— Sim!

O plano consistia em descobrir quem ordenou o ataque e quais os

objetivos. Tinham suas desconfianças, só não sabiam os nomes.

O garoto nunca sofreu ataques, só foi preciso à rainha declarar que o bisneto era o melhor para nação.

Prepararam-se para o pouso. Pularam imediatamente do avião e ajeitaram suas armas. Podia ser a base americana, mas não era seu território, estavam na defensiva.

Um homem grande e sério veio a passos largos até eles. O cara não sorria e parecia tenso e preocupado. Como tiveram uma conferência com ele sabiam que era o pai do príncipe.

— Qual o plano? — Gostaram do cara, mas não estava para conversa fiada. Não houve cumprimento e nem troca de nomes.

— Emboscada já tem uma lista de suspeitos. — Rifle, o mais gentil, respondeu.

— Não existem regras. Quero meu filho de volta. — Os três se olharam. Amaram o que ouviram.

— Não traremos seu filho de volta. Sérgio trará quando sentir que é seguro. Apenas destruiremos os culpados.

Foram direto para a tenda.

— A partir de agora trabalhamos sozinhos. — Emboscada deixou claro.

— Ainda tenho três homens de confiança.

— Trabalhamos sozinhos. — Afirmaram pela segunda vez.

O príncipe aceitou as ordens. Dias confiava neles e seu filho dependia disso.

— Precisamos de armas, bombas e carros.

Os três deixaram claro que seria à modo deles e não aceitariam interferência. Eles estavam ali pelo amigo e pela promessa feita. Destruiriam todos os envolvidos.

— Ok! — Enrico concordou. Eles gostavam da forma que aquele homem pensava. Estavam, aos pouquinhos, compreendendo por que Sérgio o admirava.

Emboscada sentou-se em uma cadeira com seu laptop em mãos. Em questão de segundos rastreou pessoas que se beneficiariam com o sumiço do garoto. Estavam considerando a inteligência de Sérgio, não era apenas uma ameaça ao pai, Sérgio descobriria e anteciparia, se fosse o caso, o alvo era o príncipe.

Claro que eles poderiam estar enganados, pois existia a possibilidade de uma vingança ao pai. Atacar o garoto era a melhor forma de chegar ao príncipe. Mas suas intuições os guiavam para o menino e a porra da coroa. Sempre detestaram nações com realeza.

Tinha dois nomes em mãos, ambos, filhos da rainha. Sorriu, foi um sorriso sádico e grotesco. De alguém acostumado com sangue nas mãos. Iria adorar fazer uma festinha na realeza.

Por último, seria a rainha. Não confiariam em ninguém.

— Pronto? — Bomba questionou ao presenciar o sorriso grotesco do companheiro.

Sentiu até mesmo os cabelos da sua careca se arrepiarem. Tinha ciência do significado daquele sorriso.

— Precisamos de um banho. — Rifle pronunciou alto o suficiente para o Enrico preparar.

O príncipe estava tão tenso com o sumiço do filho, que não observou como os três homens compartilharam um olhar safado entre eles.

Mas eles não tinham tempo para isso naquele momento. Deixariam para quando tudo acabasse.

Foram guiados para uma tenda e rapidamente ficaram prontos. Olharam-se no espelho, estranhando suas próprias imagens. Estavam tão acostumados com o uniforme que esqueceram que existiam roupas normais.

Rifle sorriu quando cruzou os olhos com seu carequinha. Bomba era o menor dos três, mas tinha o temperamento do tamanho de um grão de mostarda.

— Prontos? — Emboscada e também líder questionou enquanto eles colocavam suas armas na cintura.

— Qual o plano? — Rifle questionou.

— Sérgio está seguro, eles não o pegaram. Só aparecerá quando se sentir protegido. Vamos deixar o território limpo para ele. — Emboscada deixou claro.

— O que vocês precisam? — Rico entrou na tenda com semblante sério, deixando bem claro que não mediria esforços para conseguir seus objetivos.

— Temos dois suspeitos.

— Quem?

— Seus tios. — O príncipe não pareceu surpreso. — Vamos atrás deles primeiro. Quantos dedos podemos cortar para obter respostas? — Bomba

questionou, querendo ou não era a família daquele homem.

— Mate-os, se necessário. Quero meu filho de volta. — Não viram compaixão nos olhos do homem.

— É sua família.

— Minha família são minha esposa e meu filho.

Emboscada apenas ouvia a conversa. Estava ocupado tentando obter mais informações dos três suspeitos.

— Os três estão na cidade, precisamos deles no mesmo local. — Rifle afirmou.

— Vocês terão. — O príncipe saiu da tenda e, dez minutos depois, obtiveram as informações necessárias.

No fim, aceitaram ajuda de três seguranças do príncipe que considerados de confiança: Pereira, Pedrão e Baltazar. Os outros foram deixados trancafiados em celas separadas, sem nenhuma comunicação, até conseguirem descobrir quem era o traidor.

Entraram pelo portão principal do castelo com a ajuda de Rico. Aquilo poderia ser tratado como traição à Coroa.

— A rainha tem na base de 50 seguranças. — Eugênio, comandante dos guardas e braço direito da rainha explicou. Eles já tinham um plano.

— Vocês têm cinco minutos para obter a informação. A Majestade não conseguirá manter a segurança nacional muito tempo longe.

— Precisamos apenas de dois. — Bomba declarou.

Os seis homens pularam do carro e imobilizaram os guardas da entrada. Bomba, acostumado com seus brinquedinhos, instalou-os rapidamente em locais estratégicos. Se elas viessem a explodir destruiria toda a propriedade, não sobrariam ossos para contar a história.

— Quantos minutos? — Rifle questionou.

— Quatro minutos e trinta segundos.

Foram direto para a família da rainha, que se deliciava com o café da manhã. O sobrinho estava correndo perigo, porém todos se alimentavam como se fosse apenas um dia lindo de sol. Os três homens apontaram a arma na cabeça dos herdeiros da coroa. Ouviram os gritos dos funcionários e suspiros nervosos.

— Mexam um dedo e eu atiro. — Cada homem pronunciou.

Os dois tios do príncipe August tremiam nos seus assentos. Estavam

apavorados. Em meio ao medo seus cérebros gritavam: *cadê a guarda real do castelo*? Mal sabiam que todos estavam imobilizados e tão apavorados quanto eles.

Os primos acostumados em gastarem e luxarem, se mantiveram com os olhos fechados.

— Quem são vocês? — O mais velho questionou.

— Precisamos apenas de um nome. — Emboscada indagou.

— ISSO É COISA DO MALDITO RICO? — Outro gritou.

— Nome? — Bomba, o temperamental, voltou a perguntar enquanto o barulho de tiros explodiu pelo espaço juntos aos gritos de dor e medo. — Ops! A arma destravou. — Falou com escárnio, ao que gritava segurando seu dedo ensanguentado.

— MEU DEDO. — Tinha sido um tiro certeiro bem no dedo anelar o deixando dividido em duas partes. Era uma cena nojenta, ficaria aleijado.

— Me desculpa por isso. — Pediu, encarando a esposa. Era o dedo da aliança. As peruas olhavam para a cena com nojo e medo.

— Vocês não podem fazer isso! Somos prínc... — Blasfemaram deixando Rifle estressado.

— Tic... tac... tic... tac...O tempo de vocês está acabando. Mostrou o relógio da bomba, deixando todos aterrorizados. Bomba era quem estalava os brinquedinhos, especialista nessa área, porém era Rifle que ficava com o detonador, pois o temperamento de Bomba não era confiável.

— O que vocês querem?

Um dos filhos dos tios do Enrico questionou.

— Os paizinhos de vocês resolveram mexer com quem não devia. — Emboscada se manifestou.

— Levante. — Rifle gritou, fazendo com que Alejandro quase mijasse nas calças.

— Vou contar até cinco. Vocês pegarão o celular e ligarão para seus homens abortarem a missão. Depois marcarão um encontro em um local isolado e de confiança. — Emboscada continuava olhando firme para todos. Essas *merdas não vão cooperar*, pensou consigo, agradeceu mentalmente quando ouviu outro tiro e depois o grito de dor. Olhou para baixo, observando um belo sapato jorrado de sangue. Olhou para Rifle e apenas balançou a cabeça em negativo. Seu parceiro adorava brincar com sua mira.

— Eu ligo, eu ligo! — Umberto declarou como um covarde, enquanto era

amaldiçoado mentalmente pelos pensamentos do outro irmão.

— Bom. — Parecia que finalmente o coelho assustado resolveu abrir a boca. Sentiu um pouco de raiva por eles terem falado tão rapidamente. Emboscada gostava de brincar com suas presas, fazendo-os acreditarem que tinham chances. Ele gostava dessa porra.

Observou o filho mais novo da rainha tremendo ao ligar para seus capangas e marcando o encontro.

— O resto é com vocês. — Rifle ordenou para os homens que estavam com eles.

A partir dali, era responsabilidade da rainha e do Rico. Os três soldados não tiveram o prazer de conhecer a senhora, mas a admiravam. Era uma mulher de fibra, capaz de acabar com a vida dos próprios filhos para ter seu bisneto de volta.

OceanofPDF.com



6

— Eu não posso me entregar a esse amor. Seu pai me mataria — Fiz uma careta diante do seu sorriso lindo. Como era possível ser tão apaixonado por alguém assim? Já considerava meu amor como algo doentio.

— Papai não precisa saber. — Ergui a sobrancelha diante das suas palavras. Viver um romance com August sem o consentimento do Enrico era impossível.

Quando ele tentou me beijar confesso que fiquei sem reação, não conseguia acreditar em sua atitude. Ouvi-lo dizendo: EU TE AMO, tinha me deixado em um estado de confusão e paralisia. Amar esse garoto e ignorar esse amor foi a decisão mais difícil que já havia tomado na minha vida. Ele era meu calvário e minha salvação.

Seu pai o protegia como um diamante raríssimo. Sentia-me um traidor por cobiçar essa joia que não me pertencia. Eu não passava de um guardião. Quis rir da sua resposta inocente. Era impossível esconder algo de Rico e, principalmente, August jamais conseguiria omitir a verdade do seu pai.

Ele estava inebriado pelos últimos acontecimentos e não pensava direito.

Mesmo meu corpo suplicando pelo seu, afastei-o e tentei colocar discernimento em meu próprio coração. Eu não podia fazer algo assim.

— Eu te amo, Sérgio. — Ele rapidamente pronunciou quando percebeu que eu iria colocar uma distância entre nós.

Deixei minha cabeça na curva de seu pescoço e inspirei seu cheiro doce. Suas pernas voltaram a se encaixar firmemente na minha cintura. E, para piorar todo meu desespero, tinha ciência que o beijo que tínhamos compartilhado foi o seu primeiro, que a forma que ele se enroscava no meu

corpo, nunca fez com ninguém. Eu era o primeiro em tudo.

Meu corpo suplicava por todas essas sensações, mas meu cérebro gritava que era loucura. Estava assinando minha sentença de morte. Não tinha medo do seu pai, enfrentaria a Dinamarca toda por ele. Mas porra! Ele era um príncipe. Um príncipe adorado por todos. Ele não tinha dimensão do tanto que povo o amava. Criaram uma imagem perfeita do August. O garoto que nunca envergonhava a realeza. Os que tiveram o prazer de conhecê-lo, destacaram sua educação e bondade.

— Sérgio, se você disser que não sente nada por mim, afasto-me e nunca mais toco no assunto. — Sentenciou. August era muito inocente, mas detentor de uma força admirável. Provavelmente herdada do seu pai junto à educação de Anne.

— Como você pode me pedir algo assim? Sabe quantas vezes já tentei tirá-lo do meu sistema e não consegui?

— Eu sou perdidamente apaixonado por você. — Acariciou meus cabelos.

— August, você é muito novo, inocente e inexperiente. Sempre viveu naquela mansão. Pode estar confundindo seus sentimentos. — De imediato seu rosto se contraiu com uma carranca.

— Não me julgue tolo, Sérgio! Você tem razão sobre minha falta de experiência, porém, tenho plena capacidade de conhecer meu coração e sentimentos. — Ralhou comigo, me deixando desnorteado.

— Não é só isso. — Como era difícil pensar com seu corpo tão perto do meu. Eu precisava apenas puxar sua boxer e o teria totalmente nu para me deliciar com sua pele.

— Então o quê? — Questionou, passando seus dedos na minha cicatriz perto dos meus lábios. — Sempre considerei que August era impossível para mim e isso doía tanto, mas agora tudo estava confuso.

— August. — Como amava dizer esse nome. Era quase uma melodia para meus ouvidos. — Esse não é o momento. — Tentei. — Você acabou de sofrer uma tentativa de sequestro. Preciso colocar sua vida em primeiro lugar, não meus sentimentos.

Sua expressão chateada era bem visível.

— Sérgio, não sou mais uma criança. Pare de me tratar como tal. Se neste momento estou abraçado ao seu corpo é porque eu quero. Sabe quantas vezes já me imaginei confessando meus sentimentos, porém sou impedido diante das suas atitudes superprotetoras? Quero que você me veja como um

homem apaixonado, perdidamente apaixonado por você. — Completou firme e decidido.

— Como você cresceu tão rápido?

Sorriu e voltou a selar nossos lábios com delicadeza, suspirando e acariciando meus cabelos.

— Eu sei que esse não é o melhor momento, mas finalmente consegui confessar tudo que guardava no meu coração e você correspondeu. Meus pais adoram você.

— Eu sou seu guarda-costas. — Precisava colocar discernimento naquela cabecinha.

— Mamãe sabe dos meus sentimentos. Ela adora você. — Isso me surpreendeu. Anne sempre me encantava.

— O problema não é só esse.

— Então qual é?

— Eu tenho 38 anos.

— E eu 18 anos.

— August?

— Sérgio?

Esse menino era a única pessoa que me enfrentava e deixava as minhas pernas moles e meu coração agitado. Eu continuava segurando suas coxas firmes no meu corpo, embriagado pela sensação gostosa dos nossos corpos juntos. Ele estava extremamente excitado, dava para sentir como seu membro apertava contra o meu, procurando desesperadamente por alívio.

— Vamos para o começo: minha idade.

— Eu peço que desconsidere a idade, meritíssimo. Já que tenho dezoito anos.

— Eu tenho 38 anos. — Tentei outra vez.

— Você tem um porte físico de 30 anos e não tem cabelos brancos. Resumindo, você é jovem e bem gostoso, veja bem, isso já não é um problema. — Tentei não sorrir diante do seu argumento.

— O que realmente importa é meu registro de nascimento e obrigado pela parte do gostoso.

— Tenho que refutar. O que importa é quanto tempo você passará ao meu lado. Continue se cuidando e ficará vivo até os cem anos junto a mim. Viu? Esse seu argumento não é convincente. Eu também posso dar um exemplo

de um casal que amo de paixão: Joaquim Ferraz e Marcus Castiajo. Marcus era mais velho que Joaquim e isso não os impediu de serem felizes.

— Quem são eles? — Questionei curioso.

— Os personagens do livro A Minha História de Amor, da autora Rose Moraes. — Meu Deus, como resistir a essa criatura?

— Personagens de livros?

— Sim! — Ele não percebia que a realidade era bem diferente de suas histórias de amor.

— Ok! Vamos excluir a idade. Seus pais?

— Minha mãe já sabe.

— Seu pai?

— Meu papai ficará chateado por consequência dos seus ciúmes, mas não precisa se preocupar, temos a mamãe do nosso lado. — Esse garoto era extremamente esperto.

— A nação dinamarquesa?

— Isso nem vem ao caso. Eu amo a vovó com todo meu coração, mas não permitiria que ela se envolvesse dessa forma na minha vida.

— Não é só a sua avó.

— O que mais?

— Você é um príncipe.

— Errado, meu pai era um príncipe e desistiu da Coroa, então isso me torna, apenas, um cidadão comum.

Enfiei minha cabeça nas curvas do seu pescoço mais uma vez. Ele tinha resposta para tudo.

— Você pensou em tudo, né?

— Tenho vários argumentos preparados. — Sorriu, deixando claro que pensou em cada detalhe para esse momento.

— August, meu August.

— Se você quiser, para sempre. — Deslizou seus braços por meu corpo me abraçando.

— Esse momento é tão errado, meu August.

— Nada de ruim vai acontecer. Tenho você. — Sua confiança me assustava. — Sei que essa sua cabecinha está pensando em milhões de suposições para nos separar, mas você precisa aceitar que eu quero você ao meu lado, como meu namorado, meu homem. — Como resistir as suas

palavras tão decididas?

Eu não passava de um mero guarda-costas e ele um príncipe. Um diamante raríssimo guardado a sete chaves.

— Vamos fazer assim, vamos fingir que não tem meu papai ou Dinamarca enquanto estamos nessa enrascada.

— Você corre perigo, meu doce príncipe.

— E você me protegerá. — Fechou os olhos sorrindo. Aproveitei para desenhar suas feições no meu coração.

Ele tinha os cabelos pretos, sua pele não era muito branca, e sim um pouco dourada. Quando sorria, criava buraquinhos nas suas bochechas o deixando extremamente fofo. Parecia acostumado com a forma que seus cabelos caiam na sua testa o deixando jovem demais para minha sanidade. Seus olhos eram pretos, mas dependendo da posição que olhássemos se tornavam altamente brilhosos. Seu corpo era pequeno na estatura e magro, mas possuía pernas grossas e uma bunda deliciosa de se olhar e tocar.

O que estava prestes a fazer era loucura. Eu morreria no inferno por essa decisão, mas era tão difícil dizer não a ele.

— Eu te amo! — Seus olhos se abriram rapidamente, incrédulo com minhas palavras. O medo chegava a me dominar com tamanho sentimento. — Eu te amo, e cuidarei do meu corpo para que possa chegar aos 100 anos ao seu lado, meu August.

— Eu te amo, Sérgio, desde os meus quinze anos. — Confessou, com os olhos brilhando.

— Eu só vim ter certeza que te amava quando o guarda Engstrom veio para nossa equipe. — Admiti.

— Bruno? — Questionou.

— Sim! O desgraçado do Bruno que falta comê-lo com os olhos.

— Ele não me come com os olhos. — Defendeu-o. Provavelmente ele tenha razão, eu sou o único a fazer isso.

— Sim, meu bebê.

— Sentiu ciúmes dele?

— Desde o primeiro momento. — Sou sincero.

— Ele é um cara legal.

— Só fique longe dele, por favor.

— E se eu não quiser?

— Essa bunda gostosa levará muitas palmadas para aprender.

— Isso não parece bem um castigo.

— Tentarei pensar em algo firme, então. — Estava me tornando um alucinado por seu sorriso. — Contudo precisamos sair desse lugar. — Disse o fazendo lembrar que ele corria perigo.

— Só mais um pouquinho.

— Não! Realmente precisamos sair daqui. — Precisávamos de informações do mundo exterior.

Essa cabana era segura até certo ponto. Já tinha preparado para esse tipo de situação. Quando descobri esse lugar, passei a vir aqui e montar armadilhas pelos seus arredores, caso eu precisasse, poderia usar.

Era um bom lugar, longe de tudo e cercado de árvores que a escondia da civilização. Se o meu plano tivesse dado certo, meus amigos estariam facilitando minha volta. Precisava de informações, na verdade, era para eu ter deixado-o descansar um pouco e seguir em frente e não dormir na cabana.

Na nossa situação, ficarmos parados era perigoso, éramos presas fácies, porém seu corpo aconchegado ao meu não me permitiu seguir em frente. E suas palavras de amor não contribuíam para eu pensar direito.

Mesmo com seus protestos, saí de cima dele o ajudando a levantar.

— Coloque uma roupa, por favor. — Declarei, entregando sua calça. Enquanto ele vestia-se, fui até minha arma e me certifiquei que estava carregada.

— Pronto, Sérgio. — Veio até mim, entrelaçando nossas mãos. Era tão fácil se perder nos seu sorriso que acabei correspondendo a sua alegria.

Peguei a bolsa e joguei nas minhas costas e seguimos em direção à porta. Assustei-me quando fui puxado para baixo com seu grito de dor.

— Ai!!! Está tudo bem. — Rapidamente se justificou pelo grito.

Ele pisou em uma madeira estragada. Sua carinha de dor dizia ao contrário, provavelmente, torceu seu tornozelo. O peguei no colo e fui até o sofá.

Agradeci quando percebi que não se cortou com a madeira.

— Podemos seguir, Sérgio.

— Quase quebrou seu pé.

— Mas não quebrei. — Tentou tranquilizar-me, enquanto tirava seu sapato

e sua meia. — Você é demasiadamente protetor.

— Eu sou seu guarda-costas. — Massageei com cuidado, com certeza doía.

— Você se lembra de quando fui aprender a andar de bicicleta? — Aí!

— Viu como está dolorido? — Declarei.

— Porque está mexendo. — Reclamou manhoso quando comecei a movimentar seu pé.

Precisava puxar para colocar no lugar o seu músculo, mas sabia que sentiria muita dor. Não tinha medicação para esse tipo de ferimento

— Você me obrigou a usar colete, Sérgio. Para aprender andar de bicicleta?

— Você poderia se machucar.

— Eu estava com um capacete e joelheiras. Sempre fui pequeno. Eu estava ridículo. Você queria que eu usasse um negócio nos ouvidos.

— Você poderia cair e machucar as orelhas.

— Eu estava com luvas. Cada parte do meu corpo estava protegido.

— Seu pai teria feito pior.

— Eu parecia um palhaço. — Sorri ao lembrar o menininho todo revoltado, batendo o pé no chão, deixando bem claro que não queria usar o colete.

Massageei mais um pouco e o levei até meus lábios, deixando um beijinho no machucado. Ele sorriu bobo com meu gesto, aproveitei que estava entretido com as lembranças e puxei seu pé o fazendo gritar de dor.

— Aiiii... SÉRGIOO? — Tirou seu pé rapidamente das minhas mãos e massageou com cuidado, enquanto seus olhos encheram-se de lágrimas contidas até que foram rompidas pelo seu soluço.

— Desculpa, meu amor, mas eu precisava fazer isso. — Peguei suas mãos e levei aos meus lábios para depois abraçá-lo. Ele fungou no meu peito.

— Agora está doendo muito mais. — Sua voz saiu extremamente dengosa, só faltou se sentar no meu colo.

— O grande Dias finalmente deixou-se viver o amor com o Príncipe August?

Virei-me assustado para a voz cheia de desprezo.

— Pereira? — August afastou seu corpo do meu e olhou para o agente do seu pai.

— Me entregue ele, Sérgio. — Apontou a arma em direção ao August. — E nem pense em puxar sua arma. Um movimento seu e o mato.

OceanofPDF.com



7

A rainha se manteve trancafiada no seu quarto, enquanto sua sala de jantar se tornava uma arena de guerra. Seu coração de mãe sangrava por saber que seus filhos estavam sofrendo, mas, por outro lado, ela pensava em qual momento errou na criação deles. Deu-lhes de tudo: amor, compaixão, solidariedade, respeito, educação e riqueza.

Mesmo assim não pensaram ao conspirar contra seu amado bisneto. Amava aquela criança verdadeiramente, era puro de coração e alma. Nunca fez mal a ninguém. Vivia trancafiado na proteção do seu pai Enrico, que amava e o idolatrava como uma joia rara.

Muitas vezes os tios tentaram sabotar as empresas de Enrico, nunca conseguiram tais feitos, pois ao contrário deles, o sobrinho era altamente inteligente e carismático. Teria sido um rei inalcançável se não tivesse abdicado da coroa. Sentia pela sua nação, pois sabia que seu povo perdia dois grandes líderes, mas admirava-o por ter escolhido sua família preterindo a Dinamarca.

Conhecia o temperamento de seu neto, por isso havia aceitado que August não faria parte da realeza, mas seus filhos não eram tão inteligentes para compreender os projetos de Enrico.

Tudo que ela mais queria era seu adorável neto de volta. Sua criança linda e apaixonante.

Seus filhos mereciam o que estavam passando, conhecia a personalidade do Enrico, seu neto destruiria a vida dos seus tios.

Suspirou várias vezes ao mudar de canal e perceber que todos só falavam do atentado ao príncipe August. Sorriu ao perceber que a nação sofria com

o desaparecimento da sua criança. Aprenderam a amar sem conhecê-lo e admirá-lo através dos olhos da rainha.

Alguns canais mais sensacionalistas mostravam uma imagem do momento da fuga do príncipe, a imagem era de má qualidade, dava para ter uma dimensão do porte físico do garoto, mas não retravam um terço da beleza do jovem príncipe.

Aos pouquinhos deixava suas lágrimas voltarem aos olhos ao se lembrar que não sabia onde sua criança estava.

Confiava no Sérgio, mas seu coração de avó não sossegava quieto. Estaria ele sentindo frio, calor, tristeza, fome ou saudades dos pais?

Ao mesmo tempo considerava sua preocupação excessiva. Sérgio jamais deixaria August sofrer. Pensou na pobre Anne o quanto deveria estar sofrendo no momento. Admirava a esposa do seu neto, era uma mulher de fibra e coragem. Nunca abaixou a cabeça para a realeza e amava August como um filho biológico.

Diminuiu o barulho da TV e atentou-se para os gritos, finalmente haviam cessado. Era o momento de enfrentar seus filhos. Rogava aos céus que eles ainda estivessem vivos.

Permitir que os homens de Enrico entrassem no castelo e obtivessem respostas não seria compreendido pelos filhos, mesmo ela tendo salvado os dois, pois se tentasse escondê-los, Enrico os encontraria até mesmo no inferno.

Entrou na sala e se manteve firme diante da cena, era sangue para todos os lados.

— Mamãe? Cadê os guardas? Aquele filho da puta do Rico está ficando louco. — Gritaram juntos. Mesmo com suas mãos e pés ensanguentados tinham a coragem de fingir indignação. Onde ela tinha errado na criação deles?

— Chame o nosso médico particular. — Ordenou para sua secretária. — Prepare a sala de cirurgia. — Disse com uma calma assustadora. — Os dois se machucaram caçando. Vocês entenderam? — Ordenou com autoridade.

— O quê? Nós somos seus filhos. Ele é um bastardo.

— Ele é o sobrinho de vocês e tiveram a audácia de tentar machucar o filho dele. Agradeça a misericórdia do Enrico por não os ter matados. A partir de hoje quero todos longe do August e do Rico. Tudo que eu mais queria era que ele aceitasse governar esse país, mas entendi que será

impossível. Só sinto pela nossa nação que terá dois idiotas no poder. Irei rogar para que antes da minha morte se instale um governo democrático nesse país, assim eu e o pai de vocês poderemos descansar em paz.

Inspirou cansada.

— Só avisarei uma vez, se essa história sair desta sala eu mesma acabarei com a vida de vocês. Como pude criar dois idiotas? Acreditaram mesmo que conseguiriam se aproximar daquela criança? Subjugaram seu oponente.

Os dois homens, pela primeira vez, consideram seu plano como idiota, pois não consideraram o que Enrico poderia fazer com eles.

— Vocês são desprezíveis. — A rainha disparou saindo da sala e indo até seu chofer que a esperava com a porta do veículo aberta. Iria encontrar a sua querida Anne, daria seus braços para uma mãe que provavelmente estaria aos prantos de preocupação com o filho.

— Majestade, tem certeza? — Seu fiel escudeiro questionou diante do aglomerado de repórteres na casa do seu neto.

— Sim! — Quando os repórteres avistaram a cavalaria da realeza foram como um enxame em cima dos veículos. Com muito sacrifício conseguiram passar e entrar na fortaleza.

Seu motorista a ajudou a sair do carro. Tinha o espírito forte, teve que aprender para conseguir reinar sem seu amado. Havia pedido perdão ao falecido rei por ter falhado na criação dos filhos.

Foi guiada até a cozinha onde encontrou a pobre Anne toda suja de massa.

— Anne, minha querida. — Anne virou-se para rainha com um semblante quebrado segurando uma forma de bolinhos. Todo o ambiente cheirava ao biscoito preferido da sua criança.

— Estou fazendo biscoito de morango. August ama. É seu preferido. — A mãe explicou tudo se engasgando com os soluços e recebendo o abraço da rainha.

— Desculpa-me, minha querida. — Pediu, sabendo que tudo aquilo era culpa dos seus filhos. — Todos irão pagar.

— Quero meu August de volta. — Chorou.



24 horas depois da tentativa de sequestro...

Dias saiu do escritório do Enrico pensativo. Confiava no filho e nos seus soldados, tinha certeza de que eles trariam o príncipe de volta.

Estava preocupado com August, mas seu coração se voltava para seu sangue: Sérgio.

Quando sugeriu que seu filho se tornasse chefe da guarda do Enrico, sentiu-se feliz pelo filho demonstrar educação e conversar com seu padrão, mas quando ele aceitou e se tornou o guarda-costas do August, ficou de queixo caído.

Seu filho tratava a criança com tanto amor que isso o surpreendia. Seu coração de pai finalmente estava sossegado, pois Sérgio se libertava dos estragos da guerra. Nunca compreendeu a paixão que ele nutria pelo exército americano, mas respeitou a decisão dele.

August salvou Sérgio, mas, também, o prendeu no enlace do seu coração. A primeira vez que Dias notou a paixão do filho, August completara 16 anos.

Sérgio, quando criança, era apaixonado por velocidade e motos. Na adolescência ganhou da sua mãe uma moto. Amava aquele veículo, tanto por gostar de velocidade, como por ser um presente. Quando ela veio a falecer, abandonou tudo que amava e compartilhava com sua amada mãe.

Para tristeza do senhor Dias, que via o filho se perdendo na solidão e na própria escuridão trazida da guerra.

Há um ano, Dias acordou e ouviu um barulho na oficina. Preparou sua arma. Quem poderia ser? Seu filho saía muito cedo para o trabalho, isso quando dormia em casa.

Para sua surpresa, era Sérgio que consertava sua moto na oficina. Quando questionou o que acontecia, desconversou e apenas deu de ombro.

Uma semana depois descobriu que Sérgio tinha levado August para

passear de moto. Foi ali que ele percebeu que ele nutria sentimentos pelo garoto.

Resolveu se sentar e conversar com o filho, para isso precisava visitar à casa do Enrico, pois nos últimos meses Sérgio não saía de lá.

Quando entrou na propriedade, seus olhos se iluminaram ao ver o filho apenas de camiseta perto da piscina, sua arma estava na mesinha. Ele sorria bastante, então se aproximou devagar, para ver quem causava um sorriso tão lindo em Sérgio.

Paralisou-se ao ver o príncipe August, apenas de short e todo molhado. O garoto estava com uma carranca enorme no rosto, tentando sair da piscina. Parecia que havia sido jogado na água e não gostou da brincadeira.

Observou como Sérgio se aproximou da borda da piscina e ergueu a mão para ajudar a criança sair dali. No deslize do filho, August o puxou com toda força para dentro o fazendo cair na piscina. Seu filho mergulhou e voltou para superfície sorrindo, nesse momento Dias analisou o olhar apaixonado do príncipe em direção a Sérgio. Ali percebeu que aqueles corações estavam enlaçados e batiam no mesmo ritmo.

— Senhor Dias, que prazer sua visita. — Assustou-se com a senhora Anne, que sorria para ele sabendo que o havia pegado bisbilhotando. Admirava essa mulher pela sua beleza e, principalmente, pelo caráter. — Não se preocupe, não contarei que o senhor estava aqui. — Brincou. — Vim trazer sucos para os pombinhos.

— Senhora Anne?

— Não se preocupe, nossos filhos encontrarão a direção correta. — Explicou, como se fosse detentora de uma sabedoria escondida dos olhos de pessoas ingênuas.

— Ele é um príncipe. — Tentou.

— Eu era apenas uma brasileira com dívidas quando Enrico me encontrou. Então, isso não vem ao caso.

— É diferente. Enrico havia desistido da coroa, além disso, não era o preferido da rainha.

— August não será rei da Dinamarca, Dias. — Anne declarou, deixando bem claro que lutaria pela felicidade do filho.

— A rainha não é uma mulher fácil.

— Dias, August é meu filho e não tem realeza do mundo que vai se meter com sua felicidade. — Sentiu medo das palavras da senhora. Conhecia o

gênio daquela mulher. Era uma leoa quando necessitava. — Eles encontrarão caminho para o coração um do outro, meu bom amigo. Mas agradeço por Sérgio se controlar ao lado da minha criança. Quero que ele se mantenha virgem até os 18 anos. O pai seria capaz de enlouquecer se descobrisse. — Gargalhou, sabendo que tinha o Enrico nas mãos. — Enrico está no escritório. Vá visitá-lo. Ele sente sua falta. — Ordenou, seguindo até a piscina.

— Mamãe? — Ouviu a voz dengosa do príncipe e resolveu abortar a missão de conversar com o filho pelo menos por enquanto, pois percebeu que aquela situação estava fora de controle.

August tinha o coração e a alma de Sérgio e começava acreditar que o sentimento era recíproco.

Inspirou e tentou limpar a névoa das divagações enquanto entrava em seu carro para sair da propriedade do príncipe.

Dias entrou na garagem de sua casa e foi direto para a cadeira que sua amada esposa gostava de se sentar para apreciar a beleza do entardecer, enquanto seu filho voltava para casa. Sabia que não precisava se preocupar, Sérgio era um bom soldado e atirador, o melhor da Dinamarca.

OceanofPDF.com



8

— Tio Pereira? — Sussurrei, sem compreender o que estava acontecendo.

— Tio? — Sua voz saiu com desprezo. — Anne, com sua bondade, sempre te ensinou a tratar todos como se fossem da família. Isso é patético, garoto.

— Por que está fazendo isso, Pereira? — Sérgio questionou, segurando minha mão fortemente. Continuávamos sentados no sofá.

— Adivinha, Sérgio? Já se perguntou como me senti idiota quando Enrico colocou você no lugar de seu pai?

— Então é isso? Ressentimento?

— Ressentimento? — Voltou a apontar a arma na minha direção. — Não! Apenas cansei de ser tratado como segundo no comando. O capacho do Dias. Juntei o útil ao agradável, algumas pessoas querem esse garoto morto e eu quero me livrar de vocês.

— Você acha que será fácil assim? Que continuará vivo depois de nos matar?

— Sim! Sabe por quê? Graças a você me tornei um homem de confiança. Eles nunca desconfiarão de mim. — Apontou a arma na direção do Sérgio. — Você tornou tudo tão fácil... O grande Sérgio baixou a guarda diante do amor ao seu príncipe. Foi tão divertido acompanhar sua paixonite por esse garoto e, ao mesmo tempo, patético observar os suspiros do príncipe August. Como és burro, Dias. Seu amor o deixou tão cego que não percebeu que era preparada sua morte debaixo do teu nariz.

Sérgio tremeu levemente ao meu lado. Mesmo com a arma apontada para sua cabeça levantou do sofá e encarou o tio Pereira.

— Você não vai se safar disso, Pereira.

— Eu vou. Eu já me safei. Foi tão fácil planejar tudo diante de ti. Você achou mesmo que aquela emboscada era o plano? Não, Sérgio. Você permitiu que eu participasse da OPERAÇÃO PRÍNCIPE, conhecesse suas estratégias e os pontos fracos. Sempre soube que seria impossível me aproximar do príncipe e de você com tantos seguranças, que ainda teria seus amigos. Eu precisava da Operação Príncipe em ação, tiraria o foco de mim e colocaria em outras pessoas.

— Para quem está trabalhando?

— Adivinha? Vejo que não és tão burro. — Falou observando as expressões do Sérgio. — A realeza parece não gostar do adorável August. Nada que uma boa negociação não resolva.

— Dinheiro? Fez tudo isso por dinheiro?

— Fiz para acabar com tua raça. Os bilhões que receberei só deixaram mais bela a proposta. Agora vamos deixar o papo para depois. Me entrega o garoto. — Voltou a apontar a arma na minha direção.

— Você é tão patético, Pereira. Acredita mesmo que deixarei colocar suas mãos asquerosas em August?

— Matarei vocês juntinhos, então. Príncipe, ele te contou como descobriu esse lugar? — Perguntou. Mantive-me em silêncio diante da sua risada cínica. — No seu aniversário de 16 anos, Sérgio, finalmente, percebeu o que todos os seus homens tinham notado que ele estava perdidamente apaixonado por você. Mas claro que o grande e honesto Dias não se sentiria bem com essa informação, então, fugiu como um covarde apavorado com seus próprios sentimentos. E aqui, nessa floresta, finalmente baixou a guarda e o conheci, aprendi como funciona a cabeça do soldado Sérgio.

Olhei para Sérgio. Era de mim que ele falava quando me contou que se apaixonou por alguém que não deveria?

— Não chore, príncipe, finalmente poderão viver o amor. — Disse ao me observar limpando as lágrimas.

— Me entrega ele. Agora! — Ordenou. Sérgio deu dois passos, ficando na minha frente, protegendo-me.

— Tudo bem, parece que preferem de forma dramática. Essa arma tem potência suficiente para matá-lo.

Carregou a arma e eu tremi com o barulho deixando finalmente as lágrimas me domarem.

— Por favor, tio Pereira, deixe o Sérgio ir. — Coloquei-me na frente do Sérgio.

— Ah, o amor... Tão lindo.

— AUGUST? — Foi tão rápido que apenas senti o barulho do tiro e meu corpo sendo girado e abraçado por ele.

— SÉRGIOOOO! — Seu corpo caiu por cima do meu.

Fechei meus olhos com o barulho de tiros pelo ambiente.

— O tire daqui. — Agarrei-me ao corpo dele.

— Sérgio? Meu amor, por favor.

— Precisamos de médicos?

Não conseguia raciocinar direito, apenas me segurava a ele.

— Sérgio? — Chamei-o, deixando nossos corpos indo ao chão.

Comecei a me debater quando tentaram me tirar de perto do meu amor.

— August? Papai está aqui.

— Sérgio? Não! O Sérgio? — Me debatia em cima do meu pai querendo ir para os braços do meu amor. Meu pai me abraçou, enquanto senti um aperto perto da minha nuca me fazendo perder a consciência rapidamente.



— Oi? — Despertei-me aos pouquinhos. Mamãe estava ao meu lado, sorrindo. Seu semblante era cansado e triste. — Como está meu bebezinho? — Perguntou, mas imediatamente as lembranças voltaram com força.

— Sérgio? — O procurei, tentando me levantar da cama, mas voltei a deitar ao me sentir tonto.

— Se acalme, meu bebê. Você está com soro no braço. — Abraçou-me forte, pus minha cabeça em seu ombro e deixei os soluços saírem.

— O Sérgio? Cadê o Sérgio, mamãe? — Acariciou minhas costas.

— Se acalme. Ele está vivo. — Soltei-me imediatamente dela ao ouvir suas palavras e limpei meus olhos.

— Ele está bem? Quero vê-lo.

— Você ainda está fraco, meu filho. Está há dois dias nessa cama. — Surpreendi-me com suas palavras. Ouvi batidas na porta, papai e meu

médico entraram.

— É bom vê-lo acordado. — Saí dos braços da mamãe e fui direto para os do meu paizinho, que me beijou todo, me fazendo sorrir com seu gesto carinhoso.

— Estou bem. — Tentei acalmá-lo ao sentir seu soluço e lágrimas no meu ombro. Limpei-as com carinho, papai nunca chorava.

— Como foi difícil esses dias sem você.

— Estou bem, papai. — Tranquilizei-o.

— Eu sei, meu amor.

Voltou a me abraçar forte e beijou minha testa suspirando.

— Vamos deixar o médico examiná-lo, meu querido. — Mamãe pediu.

Os dois se afastaram e ficaram do lado da cama, abraçados, enquanto o médico me examinava. Como eu parecia bem, recebi alta, mas tive que prometer que me manteria em repouso.

— Vou mandar preparar uma sopinha. — Ouvi a mamãe recebendo um beijo do papai e saindo do quarto.

— O Sérgio, papai? — Perguntei, enquanto o médico ajeitava sua bolsa.

— Ele ficará bem, meu filho. O tiro não acertou seus órgãos, apenas passou de raspão. — Soltei o ar que estava segurando.

— Posso vê-lo? — Olhou-me triste.

— Ainda não, meu bebê.

— Por que não?

— Você ainda está fraco, precisa, primeiramente, descansar e se alimentar.

— Mas depois, posso vê-lo?

— Sim, meu querido. Depois você pode.

Papai ficou comigo e me explicou tudo que tinha ocorrido, enquanto estive fora. Como mamãe e vovó sofreram pelo meu sumiço.

Minha próxima visita foi a vovó, que chorou abraçada a mim e me pediu perdão por não ter me protegido como deveria. Expliquei que ela não teve culpa. Passei o resto do dia com ela e sob os olhares do papai. Mamãe trouxe minha sopa e me ajudou a alimentar.

À noite tomei um banho e dormi no quarto dos meus pais. Haviam sofrido com meu sumiço, então, fiquei agarradinho aos dois. Adormeci me sentindo protegido, mas com meu coração apertado: queria Sérgio comigo. Queria beijá-lo, abraçá-lo e ver como estava.

Acordei bem melhor. Tomei café na mesa com meus pais.

— Posso vê-lo? — Perguntei quando terminava de fazer minha refeição.

— Meu filho, espera mais um pouco.

— Mas estou bem, papai.

— Ok, vá se trocar! — Ao ouvir suas palavras, saí correndo para meu quarto. — August, cuidado. — Ouvi seus gritos. Meu coração palpitava forte com a possibilidade de vê-lo.

Entrei no quarto e procurei uma roupa bem bonita. Queria estar apresentável. Fui até a janela quando escutei o barulho de um carro, os batimentos do meu coração aceleraram ao constatar que era o carro que Sérgio usava.

Desci as escadas pulando de dois em dois, os degraus... ansiedade e saudades palpitavam no meu coração.

Fui direto para o escritório e entrei tentando controlar minha respiração. Três rostos me encararam e o procurei.

— Cadê o Sérgio, tio Dias?

— Meu filho. — Ao ouvi-lo, direcionei meu olhar a minha mãe que mantinha um rosto complacente e gentil.

— O Sérgio? — Voltei a perguntar, me segurando na porta.

— Eu sinto muito, meu querido. — Ouvi a mamãe que baixou os olhos, triste.

— Ele não faria isso comigo, não faria! — Sussurrei, segurando as lágrimas, não querendo acreditar nas feições tristonhas da minha mãe...

— August?

— Não faria! — Afirmei, meneando a cabeça para um lado e outro.

— Ele viajou nessa manhã. — Minha visão ficou borrada pelas lágrimas.

— Deixou isso aqui para você. — Recebi o envelope tremendo. — Sinto muito. — Tio Dias falou. Apertei o pedaço de papel próximo ao meu peito esquerdo.

— August? — Não ouvi mais nada, dei meia-volta e corri para meu quarto.

Fechei a porta e fui em direção a minha escrivaninha, procurando o abridor de cartas. A carta estava selada com um emblema da realeza. Quando consegui, sentei-me no piso do meu quarto e a abri.

Meu querido e amado Príncipe.

Sinto por estar me despedindo através dessa carta. Tenho tantas coisas para dizer. Você foi a minha salvação, meu anjo que me resgatou do inferno. Ensinou-me a ver a luz quando tudo parecia tão escuro.

Você foi meu sol em meio à tempestade. Amar-te foi meu calvário e minha salvação. Não chore, por favor. Prometa que não vai sofrer? Pois desejo toda felicidade do mundo a você.

Ensinei-o a andar de bicicleta, nadar, jogar basquete e pilotar moto, mas não soube ensinar meu próprio coração a não se apaixonar pela linda criatura que tu és.

Meu príncipe, te amarei para sempre, me perdoe por não tê-lo protegido como deveria.

Se você me questionasse quando descobri que o amava, diria que foi no seu aniversário de 16 anos, quando você me entregou a primeira fatia de bolo e sorriu. Ali percebi que seu sorriso seria sempre minha perdição. Fugi do seu amor e acreditei que estava o protegendo, mas os últimos acontecimentos provaram que meu amor quase o matou.

"Se eu ficar, só te atrapalharei. Boas lembranças são tudo que levarei comigo. Adeus e, por favor, não chore. Nós sabemos que não sou a pessoa certa para você"

Eu sempre amarei você!

Com Amor, Dias

Finalizei a leitura amassando o papel nas minhas mãos.

— Por que você foi tão cruel comigo? POR QUE VOCÊ FOI TÃO CRUEL? —. Sentei-me no chão e deixei a dor dominar todo meu corpo abraçando meus braços. As lembranças do momento que vivemos na cabana dominaram meus pensamentos.

Chorei no piso do quarto até que fui erguido e colocado na cama.

— Eu o amo, o traga de volta. — Pedi ao meu pai.

— Meu amor, tente se acalmar.

Não sei quantos dias passei entregue ao meu sofrimento. Não conseguia nem ao menos comer direto, pois tudo parecia doloroso para meu coração.

Acordava e dormia pensando nele. Tinha feito do meu quarto, meu refúgio. Meus pais tentavam de tudo para me tirar dali, mas continuava entregue à dor do meu coração.

— Posso entrar? — Costumava passar o dia sentado em um sofá perto da janela encarando o portão e suplicando para vê-lo sair de um daqueles carros.

— Sim, papai. — Falei, mas continuei olhando em direção ao portão. Sabia que os dois estavam sofrendo com minhas atitudes, mas não conseguia ser forte o suficiente.

Aproximou-se de mim e se sentou na minha frente, trazendo meu corpo para abraçá-lo. Pus minha cabeça em seu peito e solucei. Tudo me fazia chorar.

— Sabe, August, meu maior medo aconteceu. Você não ser mais uma criança. Meu bebezinho finalmente cresceu e, com isso, vieram às primeiras paixões.

— Eu o amo papai.

— Eu sei, meu querido. Sua mãe sempre soube? — Questionou e confirmei que sim. — Por que nunca me contou?

— Acreditava que ele não nutria os mesmos sentimentos que eu. Considerava-me idiota por ser apaixonado por ele.

— Quando você descobriu sua sexualidade, meu filho?

— Quando me apaixonei por ele. — Expliquei de forma confusa, mas simples.

— O que aconteceu naquela cabana?

— Falou que me amava e que viveria nosso amor, mas mentiu.

— Meu querido, Sérgio sente-se culpado pelo que aconteceu a você.

— Não foi culpa dele.

— Nós sabemos, porém Dias sempre foi protetor e você sofreu uma tentativa se sequestro.

— Só o quero de volta. Traga-o de volta, papai. Por favor? — Supliquei como uma criança.

— Eu não posso, não tenho notícias de seu paradeiro.

— Mas você pode descobrir. — Pedi.

— Posso entrar? — Minha mãezinha abriu a porta e entrou, vindo se sentar na minha frente.

— Você não pode continuar assim, precisa voltar para suas atividades, pra sua vida. O Sérgio é um imbecil que não merece suas lágrimas. — Limpou minha face úmida e beijou meus olhos carinhosamente.

— Eu não consigo.

— Você consegue sim, August. Seu pai e eu estaremos aqui para lhe ajudar, mas não irei permitir que continue se destruindo na minha frente. — Minha mãe Anne era maravilhosa, mas seu temperamento era indecifrável, até mesmo engoli as lágrimas de volta, pois sabia que desobedecê-la era impossível. — Amanhã você voltará para as aulas e erguerá sua cabeça. Enrico encontre o Sérgio e o traga a mim, pois eu mesma o ensinarei que com filho meu não se brinca. — Meu paizinho apertou seus braços ao redor da minha cintura, pois ele conhecia o temperamento da mamãe.

Limpou meu rosto e beijou minha testa, sabia que ela não suportava ver-me sofrendo, por isso tentei seguir suas ordens.

OceanofPDF.com



9

Rifle estava pensativo, os dois amigos perceberam de imediato e tentaram não se sucumbir à preocupação com seu amado.

Esse não era o momento. Havia acabado de sair do local marcado, a única coisa que sobrou do ataque dos soldados foram: cinza e cadáver.

Estavam dirigindo há uma hora. Em cinco em cinco segundos, Emboscada que era o responsável pela direção do veículo encarava o espelho retrovisor e compartilhava um olhar significativo com Bomba, que estava ao seu lado, no banco de passageiro.

Conheceram Rifle no primeiro dia de treinamento. No começo o julgaram pequeno e magricela, mas, com o tempo, perceberam que Rifle era especial e bonito, principalmente, sem camisa.

Emboscada e Bomba se alistaram juntos, eram amigos de infância, acreditavam que era impossível alguém interferir na amizade deles.

Eles gostavam de um corpo quente gemendo e gritando seus nomes, entregue a um prazer alucinante. Porém, nunca se aventuraram nos corpos masculinos até conhecerem o magricela de sorriso bonito, cabelos ruivos e pele avermelhada. Quiseram de imediato descobrir se era ruivo nas partes íntimas, também.

Os dois começaram a investir no ruivo gostoso, e não foi fácil fazer aqueles olhos mel brilharem com suas cantadas.

Passaram dois meses tentando obter a atenção de Rifle, até que perceberam que estavam apaixonados e como homens maduros que eram, resolveram tirar no palitinho quem continuaria tentando conquistar o amor do ruivinho.

Não era o dia de sorte de Bomba. Ele perdeu e teve que aceitar a derrota. Emboscada não conseguiu comemorar a felicidade, diante do coração partido do melhor amigo.

Bomba era o mais doidão, fazia o dia da equipe ser divertido com suas palhaçadas, mas todos perceberam no dia seguinte que algo estava errado.

A tristeza do homem era evidente e seu afastamento do magricelinha da equipe, também. Todos haviam se acostumados com as cantadas baratas dos dois homens direcionadas ao ruivo, que fingia orgulho diante da paixonite dos rapazes.

No decorrer do dia, a equipe descobriu a razão da tristeza, a notícia se espalhou e chegou aos ouvidos do ruivo.

Este ficou furioso. Como puderam tirar no palitinho quem ficaria com ele? Puxava seus cabelos, irritado. Queria arrancar as bolas daqueles dois idiotas do caralho.

Num momento de fúria, se encaminhou ao quarto dos pulhas e de forma dura e crua ordenou que os colegas saíssem do quarto deixando apenas os palermas que passaram dois meses afirmando que estavam apaixonados, mas não julgaram os sentimentos do ruivo, detalhe muito importante, no momento do jogo do palitinho.

— O que diabos vocês estavam pensando? — Bomba desceu da beliche e se pôs na frente do amado.

— Minha delícia, o que aconteceu? — Bomba tentou diminuir o humor da sua delicinha.

— Não me chama de delícia, imbecil! — Estavam acostumados a serem ignorados pelo magricelinha ruivo, então se surpreenderam com a raiva estampada nas irises cor de mel. — Não julgaram a importância dos meus sentimentos? — Bomba e Emboscada se entreolharam sem entender. — Mas são muito burros mesmo! Como diabos tiram no palitinho quem vai ficar comigo? — Os homens suspiraram, compreendendo a situação.

— Nós te amamos e por isso resolvemos que seria melhor decidir de forma justa quem iria continuar tentando conquistá-lo. — O Ruivo tentou amenizar a raiva, a amizade deles era linda.

— Não queremos estragar nossa amizade, eu conseguirei esquecê-lo. — Bomba explicou. Rifle analisou com cuidado aquele homem, era mais baixo que ele, porém tinha os bíceps firmes por baixo da camisa e pernas grossas graças aos treinos. Mas o que realmente fazia o coração do ruivo estremecer

era seu sorriso fácil e a facilidade que o homem tinha de fazer todos rirem, até mesmo ele.

— Eu gosto de você. — Rifle sussurrou para Bomba. Os olhos do homem arregalaram-se e precisou prender a respiração para não agarrar seu amado e tomá-lo para si, pois na sua frente estava Emboscada, que até mesmo precisou sentar-se diante da declaração de amor que acabara de ouvir. O quarto ficou em silêncio e Emboscada conseguia ouvir os estilhaços do seu coração quebrado. Inspirou e expirou várias vezes, levantou resignado e pronunciou tentando segurar suas emoções.

— Bom, você tem razão Ruivinho, não consideramos seus sentimentos, queira nos perdoar. — Rifle encarou os dois homens e acenou em negativo diante da tristeza nos olhos do Emboscada.

Se ele amava o sorriso fácil de Bomba, a inteligência e esperteza do outro tinha a outra parte do coração do ruivo.

— Eu amo a amizade vocês. — Rifle explicou. — É verdadeira e digna.

— Tudo bem, Ruivinho. Os seus sentimentos são mais importantes e conseguiremos superar, isso não atrapalhará nossa amizade. — Emboscada engoliu sua dor e explicou.

— Vocês não estão entendendo, seus idiotas? Eu gosto de vocês dois e se nunca demonstrei foi por medo de prejudicar a relação de vocês. — O Ruivo explodiu, observando enquanto os dois se sentaram em suas camas em estado meio catatônico, diante de sua declaração.

— O seu gostar... é tipo atração, você sente atração por nós? — O Rifle analisou com cuidado, começando a desconsiderar a afirmação anterior que amava a inteligência do Emboscada.

Mas o ruivo suspirou e observou com cuidado o pobre do homem. Ele era o mais alto dois três, seu corpo era um espetáculo, havia várias vezes pegado algumas mulheres babando diante da beleza dele.

Odiava quando saía com a equipe para festejar, pois era obrigado a ver as mulheres admirando a bunda e coxas do baixinho e o rosto e o corpo grande do inteligente da equipe.

— Você nos ama? — O baixinho perguntou diante da revirada de olhos do seu amado.

— É claro que amo vocês! Faz dois meses que tornaram minha vida um inferno. Não tenho privacidade nem ao menos para tomar banho! — Os dois sorriram ao se lembrarem como se aproveitavam para admirar o corpo

do amado no momento do banho. A parte ruim era que ele se banhava de cueca, não conseguiram descobrir a cor dos pelos pubianos do ruivo, isso se não fosse depilado

— Nós te amamos, ruivinho. Gostamos de admirá-lo.

— Vocês são uns idiotas! Eu não quero um, eu quero os dois. Pronto, falei! — Pontuou com raiva. — O que vocês vão fazer com a informação não é problema meu. Ou eu levo os dois imbecis ou nenhum.

O ruivinho deu meia-volta e saiu do quarto deixando os palermas de boca aberta e coração acelerado. Tiveram que ouvir as piadas dos colegas quando voltaram para o quarto, mas estavam inertes com as palavras do seu amado.

Não conseguiram dormir à noite, precisavam conversar sem a participação e curiosidade dos colegas.

No outro dia acordaram cedo e se colocaram na frente um do outro.

— Eu amo meu ruivinho.

— Eu amo minha delicinha. — Os dois concordaram e diante do sorriso do outro perceberam que haviam decidido. Não precisavam de muita conversa, era simples, quando o coração já havia tomado uma decisão.

No mesmo dia, para alegria do Rifle se tornaram um trisal. Os dois amigos guardavam um medo no peito, pequeno, mas existente: será que amizade de anos não prejudicaria a relação dos três?

Mas, depois de quatro anos juntos, a única coisa que atrapalhava era o ciúme obsessivo dos dois amigos com o ruivo.

Rifle, o ruivinho magricela se tornou um homem lindo e espetacular, capaz de pôr os fuzileiros de joelho, apenas com uma piscadela.

Acenou a cabeça fazendo a nuvem de fumaça sumir. *Precisava salvar Sérgio e o Príncipe, primeiro, depois descobriria o que estava acontecendo na cabeça de seu ruivo*, pensou Emboscada.

— Quantos minutos? — Bomba questionou.

— Ele está à cinco na nossa frente.

Não foi difícil descobrir que havia um traidor dentro da equipe. Perceberam no momento em que viram a filmagem da tentativa do sequestro. Os sequestradores não tentaram seguir Sérgio, apenas simularam que estavam o seguindo. Tudo não passou de uma armação. Avaliaram com cuidado como toda equipe do príncipe se colocou em linha de frente para tentar obter tempo para Sérgio, pondo suas vidas em risco.

Foi visível o desespero dos homens analisando as imagens, mas havia um

homem que conseguiu passar pelos mal feitores, sem se colocar em perigo, e era alguém da confiança de Sérgio e Enrico. Poderia ser loucura, mas seus instintos apontavam para ele.

Caso estivesse correto, o mataria. Odiava traidores.

Pararam o carro um pouco distante e observaram a paisagem. Conseguiram reconhecer o lugar como uma boa escolha para Sérgio.

— Não saia do carro. — Emboscada falou no comunicador para o príncipe. — Faremos o resto a partir daqui.

— Isso não é discutível. — Ouviram Enrico. Rifle sorriu admirado pela coragem do homem, desde o momento que conheceu o príncipe e sua adoração pelo filho, passou a admirar o Enrico.

Antes do exército pensava em filhos, porém com a profissão pôs de lado esses desejos insanos, mas observando o amor que Enrico demonstrava pelo filho, chegou à conclusão que queria construir uma família.

Estava com 30 anos e seus parceiros com 35. Eram 10 anos em territórios de guerra. Havia tido oportunidade de se promover para um cargo mais burocrático, com uma vida pacífica, o problema era que gostava do que fazia, mas não era tolo de desconsiderar que estava cansado.

Qual a sensação de ter um pequeno nos braços o chamando de pai? Suspirou e fechou os olhos chegando à conclusão que seria maravilhoso, ele queria isso. Abriu a porta diante do olhar apreensivo dos companheiros e sorriu os fazendo tremer nas bases.

— Eu quero um filho. — Declarou enquanto os dois homens deixaram as armas irem ao chão, agradecendo por não terem disparado com a queda. — Um filho nosso. De preferência um menininho entre 2 e 3 anos, mas isso podemos resolver depois. — Rifle explicava sem se importar com o aparente desespero dos rapazes.

Emboscada suspirou e tentou voltar à razão diante do olhar sonhador do seu ruivinho.

— Podemos conversar sobre isso, depois. — Pediu apontando para a floresta, estavam perdendo tempo.

— Conversaremos quando terminarmos, meu delicinha. — Bomba pediu, engolindo a bola de desespero que construía no peito.

O ruivo encarou os dois e acenou carregando seu rifle e fazendo os homens respirarem normalmente.

— Mas isso está decidido. — Os soldados se entreolharam, chegando à

conclusão que era por isso que o amado estava tão distante em pensamentos.

— Delicinha, esse assunto não se pode decidir assim. Precisamos conversar e analisar com cuidado. — Bomba tentou pôr a cabeça do amado no lugar.

— Vocês comem quase todos os dias o meu cu. — Declarou irritado. — E eu não reclamo. Reclamo? — Os dois pensaram em declarar que ele não reclamava, pois estava ocupado entre gemidos e gritos de prazer, mas diante do olhar furioso, perceberam que o melhor era ficarem em silêncio.

— Tudo bem, meu amor. Vamos salvar o Sérgio primeiro. — Emboscada pediu. O ruivo olhou para os dois e terminou de carregar a arma.

Seguiram os comandos do líder da equipe, chegando a uma cabana velha.

Silenciosamente se aproximaram e analisaram o local. Ouviram gritos de dentro do lugar. Seguindo as ordens do Emboscada, Rifle encontrou um ponto estratégico e posicionou seu rifle, erguendo o dedo confirmando que as suspeitas estavam corretas.

Tentou apontar na cabeça do ordinário, mas ele continuava se movimentando.

— Tudo bem, parece que preferem de forma dramática. Essa arma tem potência suficiente para matá-lo. — O tal do Pereira falou.

Rifle apertou o gatilho, pronto para atirar, mas o desgraçado deu um passo para frente. Se por caso atirasse, era possível que o projétil atravessasse o corpo e acertasse o garoto. Ele não tinha visão para acertar o crânio, apenas o peito esquerdo.

— Por favor, tio Pereira. Deixe o Sérgio ir. — Rifle sorriu enquanto se lembrava do Enrico, que ouvia tudo pelo comunicador. É papai, seu bebezinho está apaixonado. Pensou.

— Ah, o amor... Tão lindo. — No mesmo segundo que Rifle apertou o gatilho, Pereira fez o mesmo, então ele e Sérgio caíram no chão.

— AUGUST? — Bomba e Emboscada invadiram a cabana em choque com a cena diante deles, mas respiraram em paz ao perceberem que o tiro havia acertado Sérgio e não o príncipe.

Enrico entrou desesperado, e foi até August o pegando no colo. O garoto, resistiu aos braços do pai, porém, com esforço, Enrico o levou para longe do corpo desmaiado de Sérgio.

Bomba se aproximou do amigo e rasgou sua camisa, amarrando no braço

dele para conter o sangramento. Constatou que havia pegado de raspão e seu desmaio ocorreu pela pancada na cabeça que havia levado ao cair no chão.

Rifle notando o desespero do garoto, apertou o pescoço do rapaz o fazendo desmaiar nos braços do pai.

Emboscada verificou o local, confirmando que Pereira era o último do bando e estava morto.

Acompanharam o príncipe até o helicóptero que esperava numa vasta área de vegetação plana.

Só havia espaço para mais quatro pessoas no helicóptero. Bomba e Emboscada aceitaram, resignados, quando seu companheiro se prontificou a acompanhar o Enrico.

Eles sabiam o que aquilo significava: seu amado estava chateado e isso era culpa deles.

Entraram no carro e se olharam.

— Um filho? — Bomba suspirou, cansado.

— Ele comentou alguma coisa contigo, Guto?

— É claro que não, Guilherme.

— Estamos há seis anos juntos e essa é a primeira vez que ele comenta interesse por filhos, e ainda fica chateado com a gente por estarmos desorientados pela notícia. — Guilherme, conhecido como o líder da equipe, bufou.

— Não sei por que a surpresa, lembra quando falou que nos amava? — Guto lembrou ao amigo.

— Ruivinho esquentado. — Guilherme comentou com um sorriso no rosto.

— Mas é a nossa delicinha. É... parece que seremos papais.

— Só espero que não tenha a personalidade do nosso ruivinho. Caso tenha, estaremos ferrados.



Rifle sorriu, observando a admiração de Enrico pelo filho.

— Me desculpe por isso. — Pediu, se referindo por ter feito o garoto desmaiar.

— Tudo bem, foi o melhor. — Voltou a verificar o amigo. Ele ficaria bem, estava indo para o hospital mais próximo.

Rifle suspirou pensando nos dois idiotas que amava. Estava chateado, chateado nem chegava perto. Estava puto com os dois imbecis.

Ele desceu no terraço do hospital e acompanhou Sérgio até o atendimento. O senhor Dias já esperava o filho.

Apresentou-se para o pai do Sérgio, não teve a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente antes, mas admirava o homem.

Todo atendimento durou mais de quatro horas e se negou a tentar buscar informação dos palermas que não haviam chegado.

— O Senhor Delfor pediu para levá-lo até a casa que vocês ficarão. — Um homem fardado se aproximou de imediato, então se lembrou de que era um dos guardas de confiança da coroa. Havia ajudado no plano de entrar no castelo.

— Estou esperando meus companheiros. — Explicou.

— Eles estão te esperando na casa. — Rifle olhou desconfiado para aquela notícia, achando estranho. Os dois palermas nunca o deixavam a sós.

— Meu filho, pode confiar no Eugênio. — Dias explicou para a expressão desconfiada do soldado. Levantou-se e se despediu do senhor. Seu amigo estava salvo e bem, isso era a única coisa que importava.

Saiu atrás do guarda pensando consigo*:" espero que a casa tenha mais de um quarto, pois pretendo dormir sozinho. Amanhã voltarei para o Iraque e pedirei perdão de joelho ao capitão, farei isso de preferência sem encarar os palermas."*

Entrou na casa admirando a beleza, era um local distante da cidade e bastante bonito. Tinha uma vista maravilhosa de paisagem verde.

Abriu a porta, cansado e aborrecido. Caminhou para dentro com suas botas sujas de barro e se assustou com as pétalas de flores vermelhas no chão. *Se eles tivessem pensando que flores seriam suficientes para obter seu perdão, estavam enganados.* Concluiu. Seguiu o caminho das pétalas e abriu a porta do quarto.

Para sua surpresa, os palermas causadores da sua raiva estavam de joelhos com duas caixinhas de alianças, abertas.

— Nosso ruivinho estressado, nós te amamos.

— E queremos quantos filhos você desejar, minha delicinha.

— Só fomos pegos de surpresa. — Se manteve paralisado, observando-os de joelhos.

— Case-se conosco e nos faça homens felizes? — Felipe desmanchou seu bico e sorriu, pois, era inevitável não se alegrar com aquele pedido.

— Nós te amamos. — Guto e Guilherme sorriram quando viram as lágrimas do seu amado, aproveitaram e se ergueram do chão o tomando nos braços.

— Eu amo vocês, seus palermas. Amo. E sim, aceito o pedido de casamento. — Os dois encararam os olhos cor de mel do amado, felizes.

Guto abriu o cordão que havia no pescoço do ruivinho, pegou as duas alianças e pôs no colar, considerando que seria esquisito usar duas alianças nas mãos. Felipe segurou as alianças no colar com seu corpo tremendo de felicidade ao notar os anéis de compromisso no dedo anelar dos soldados.

— Eu vou levá-las no meu coração. — Explicou, pois o colar estaria sempre perto do seu peito esquerdo.

Gentilmente, os soldados começaram a despir o ruivinho. Guto abriu os botões da calça da marinha, enquanto Guilherme se responsabilizava pelos botões da camisa.

Felipe suspirou nervoso e excitado. Ele amava se entregar aqueles homens sentia-se completo tanto no coração como na alma.

— Você está excitado, delicinha. — Guilherme gemeu com a voz rouca. O loiro acariciou o queixo do amado, possessivamente, e o puxou para sua boca deslizando sua língua numa dança inebriante e excitante, fazendo-o arfar de desejo.

Enquanto isso, o ruivo sentia dificuldade em se manter sobre as pernas, pois o soldado beijava e cheirava seus pelos pubianos. Guto era encantando pelas partes íntimas do seu ruivinho, isso o excitava, principalmente porque as unhas do seu amado ficavam enfiadas nos seus cabelos, arranhando seu couro cabeludo com um gato manhoso e desobediente querendo carícias.

— Seu perfume. — Felipe pôs sua cabeça para trás ao sentir o hálito quente do Guto na sua virilha. E gemeu alto, deixando seu pescoço exposto para Guilherme chupar.

Guto beijava a virilha demoradamente fazendo seu amado se contorcer de prazer e foi subindo para os testículos, estes ele chupou, abocanhando-os fazendo com que o ruivo amaldiçoasse alto e segurasse o pau duro do

Guilherme sob as calças. O ruivo sempre fazia isso quando estava para gozar, principalmente quando o causador do seu êxtase era o Guto. De acordo com Felipe, Guto gostava de lhe torturar, ao contrário do Guilherme, que amava saborear o leitinho do seu ruivo.

Guilherme compreendendo o sofrimento do amado e começou uma trilha de beijos pelo pescoço, seguindo para os mamilos mordendo e chupando-os. Não se demorou ali, seu objetivo era tomar o leite do seu amado, então foi descendo até chegar aos pelos ruivos. Sorriu ao se lembrar como seu ruivo sentia-se contrariado, pois já havia tentado se depilar, porém fora proibido. Os pelos ruivos do soldado deixavam os dois homens loucos de tesão. Guilherme pôs suas mãos no traseiro do seu gostoso e apertou, enquanto enterrava seu nariz nos pelos se deliciando com o aroma sexy do ruivo.

Ajoelhou junto ao Guto e beijou o membro do amado. Os dois soldados compartilharam o pau do parceiro de forma ávida fazendo-o gritar.

Enquanto Gustavo abocanhava a glande, Guto lambia e chupava o membro. O pobre do Felipe, mesmo não sendo a primeira vez, vibrava com as sensações que eram únicas. Seu corpo estava quente, suas pernas moles, a única coisa que o fazia se manter firme no chão era suas mãos que estavam posicionadas nas cabeças dos rapazes.

Não foram precisos muitos movimentos para ele chegar ao orgasmo, principalmente quando Guilherme levou o membro até sua garganta sugando fortemente.

— Tão rápido, ruivinho. — Reclamaram, enquanto o ruivinho tremia em êxtase. Gustavo lambeu cada gota do fluido que descia pela sua glande.

Felipe estava anestesiado de desejo ao observar como Guto e Guilherme se observavam felizes por serem responsáveis pelo prazer do ruivo. Estavam tão entregues ao prazer causado ao amado, que se beijaram tentando sugar para si cada gota de esperma que estava nos lábios um do outro.

O ruivo se afastou cheio de luxúria ao ver os dois se beijando de forma necessitada e quente, e foi para cama que estava repleta de pétalas de rosas vermelhas. Tirou sua bota e meias, para depois se deitar de pernas abertas esperando seus amados.

Os dois amigos, precisando respirar, se soltaram e seguiram seus olhares até a cama encontrando a visão dos deuses. Ele era muito gostoso. Diante

do olhar luxurioso do Felipe, tiraram suas vestimentas e se encaminharam para cama.

Guto subiu fazendo seu amado sorrir quando, com cuidado, ficou ao seu lado posicionando seu membro duro na boca do ruivo. Guilherme abriu as pernas do parceiro e saiu deixando trilhas de beijos até seu cuzinho gostoso.

Os três homens se tornavam um só quando estavam entregues ao desejo. Felipe sempre foi o passivo da relação, mas não reclamava, pois o prazer sentido não havia igual.

Felipe se deliciou com o orgasmo do Guto em sua boca, enquanto Guilherme o preparava para ser penetrado com seus dedos e boca.

Não se lembrava do momento em que desmaiou nos braços dos seus palermas, pois depois de três orgasmos seguidos, seus olhos haviam perdido a luta para se manterem abertos.

Os três soldados se aconchegaram, satisfeitos e felizes, pois seu delicinha de ruivo havia aceitado se casar com eles.

OceanofPDF.com



10

— Como foi o curso? — Papai me perguntou sorrindo, e tentei corresponder sua alegria ao responder.

— Normal! — Mexi o garfo na salada, enquanto desviava meus olhos para a escada. Queria desesperadamente voltar para meu quarto.

— Seu professor me comunicou que suas notas baixaram em matemática. — Engoli em seco e tentei me manter firme.

Fazia Administração em Negócios, online, em uma das melhores universidades do mundo. Isso, claro, requeria uma doação considerável para pesquisa e manutenção da universidade. Além disso, havia um preço, eu precisava manter minhas notas acima de 9.75 e todas as minhas avaliações eram orais. Quando não fosse possível, um professor era enviado para aplicá-la. Parecia fácil, mas era muito mais complicado do que se podia imaginar, principalmente porque todas as minhas notas eram primeiramente enviadas para meu pai e depois para mim.

— Errei uma questão. — Gaguejei ao responder.

— Meu amor, não estamos o repreendendo. Sabemos que está sendo difícil desde que tudo aconteceu. — Não permiti que os soluços se rompessem no meu peito.

— Posso subir para estudar? — Pedi, quase suplicando, ao notar como meus pais se olharam e suspiraram.

— Você comeu tão pouquinho.

— Depois eu tomo um leite. Por favor?

— Está certo, mais tarde subimos para lhe dar um beijo.

Levantei-me da cadeira rapidamente e me encaminhei ao meu quarto,

sentindo que finalmente podia respirar. Quando entrei contei até 5 e prometi que não iria chorar. Não era porque ele fora embora sem considerar meus sentimentos que eu iria chorar...

Era isso que eu sempre repetia para mim mesmo, mas, no final das contas, sempre resultava em lágrimas.

Tinha criado meu próprio casulo dentro da minha casa, minha vontade mesmo era passar o dia no quarto, mas minha mãe não permitia. Como eu queria voltar para o dia em que nos beijamos e me perdi nos seus braços.

Tem dias que acordo e parece que tudo não passou de um sonho. Então corria em direção à sala o procurando, mas era recebido pelo Eugênio que me olhava complacente, como se soubesse o que eu estava fazendo. Eugênio era o novo guarda que fora designado para ficar responsável pela minha segurança. Voltava para a realidade tentando me confortar que ele foi embora.

Sérgio tinha me abandonado e isso fazia mais de um mês. Perguntava-me se ele pensava em mim, se sentia saudades, se me amava ou se sofria... Conseguira seguir em frente? Porque eu mal tirava meu corpo da cama todos os dias.

Às vezes tio Dias vinha visitar meu pai e verificava como tudo estava, parecia que Sérgio deixou para seu pai organizar depois de sua partida.

No dia anterior, acordei cedo e me preparei para fazer a bendita prova. Havia feito um esforço enorme para estudar e não molhar todos os livros com minhas lágrimas, quando terminei agradeci a Deus por ter conseguido entender o conteúdo. Tinha tomado banho e desci para lanchar. Quando estava voltando, o tio Dias saía do escritório do papai e me olhou tão intensamente, por um segundo imaginei que ele iria me perguntar algo. Só o cumprimentei e baixei minha cabeça, mas minha boca não entendeu os comandos do meu cérebro.

— Tio Dias?

— Oi, meu amor?

— O. o Sérgio, ele… ele está bem? — Gaguejei ao finalizar a pergunta. — Olhou-me e pareceu pensar na resposta.

— Sim, está bem. — Respondeu.

— Vai voltar quando? — Meu coração faltou sair pela boca e tinha certeza que meus olhos estavam enormes de aflição esperando pela resposta.

— Ele não voltará, August. — Tive que me segurar no corrimão da escada para não ir ao chão.

— Você tem o novo contato dele? — Havia ligado inúmeras vezes para o seu número e sempre dava inexistente.

— August.

— Por favor, tio? — Supliquei tentando conter as lágrimas.

— August... — Olhou-me triste como se pedisse minha compreensão.

— Tudo bem, tio. — Virei-me para voltar para meu quarto, mas antes deixei meus sentimentos dominarem meu raciocínio. — Quando você falar com ele diga que eu o odeio. Odeio com todas as minhas forças. Ele é um maldito covarde. — Falei gaguejando e deixando as lágrimas percorrerem meu rosto. O tio Dias pareceu surpreso com minhas palavras. Não esperei sua resposta, apenas corri de volta de onde nunca devia ter saído.

Depois disso o dia foi um desastre. Minha prova de matemática foi oral. Eu me colocava diante de uma tela de computador e o professor me perguntava. Dava-me quatro minutos para responder no papel e depois responder oralmente.

Claro que foi um desastre, eu não conseguia nem ao menos calcular 2 mais 2, imagina calcular álgebra.

Acabei pedindo perdão pela última questão e a deixando em branco, sabendo que assim que eu fechasse a tela do meu computador meu pai teria acesso a minha nota. Então não foi surpresa seu comentário.

Joguei-me na minha cama e deixei as lágrimas caírem. Uma parte minha me odiava por ter me declarado a ele, se eu não tivesse feito isso, ele estaria aqui comigo e outra, simplesmente, detestava minha autodepreciação.

— EU TE ODEIO SÉRGIO, ODEIO COM TODAS AS MINHAS FORÇAS. — Declarei. — Você levou tudo de mim, me deixou em pedaços. — Rompi finalmente em soluços e me enrolei com minha coberta.

— August? — Vovó bateu na porta. Sabia que ela iria entrar, então só me mantive embaixo da coberta esperando sua aproximação. — Como você está, meu bebê? — Não tive coragem de levantar meu corpo, então apenas me afastei deixando espaço para ela se deitar junto a mim. Agradeci quando compreendeu meu pedido e se aconchegou atrás de mim, trazendo meu corpo para o seu. — Meu amor, você não pode continuar assim.

— Por que dói tanto, vovó?

— Meu querido, o primeiro amor é assim mesmo. — Não me surpreendi

por ela saber que eu estava sofrendo por causa dele. Quando meu pai abdicou da coroa, seu único pedido foi que ele não me afastasse dela. Ela queria saber tudo da minha vida, cada detalhe do meu dia.

— Ele disse que me amava.

— Você não pode continuar sofrendo assim.

— Eu sei, vovó, mas não consigo. — Aconcheguei-me mais nela e fiquei quietinho nos seus braços, recebendo seu carinho e amor. Vovó ficou comigo até eu pegar no sono.

— Olá. — Abri meus olhos sentindo um desconforto enorme pela claridade. Mamãe percebendo, passou sua mão no meu rosto e ficou pálida imediatamente. — Meu amor, você está ardendo de febre. — Disse, tocando minha testa e meu pescoço. — Rico? — Gritou. — ENRICOOO? — Papai entrou desesperado no quarto.

— O que foi? — Aproximou-se de mim, aflito. Tentei me sentar na cama para acalmá-los, mas a tontura não me permitiu e fui obrigado a fechar meus olhos, com força, tentando fazer com que meu coração se acalmasse e a tontura passasse.

— August está queimando de febre. — Papai me tocou e encarou meus olhos, se afastou e discou um número no seu celular. Minha garganta estava tão seca que não conseguia nem ao menos acalmá-lo.

— Doutor, por favor, venha imediatamente.

No decorrer do dia, apenas sobrevivi. Minha mamãe não desgrudou um segundo de mim. À noite me trouxe sua sopinha de frango que tanto amava e tentei empurrar no meu estômago.

Papai não voltou mais para empresa e passou o dia comigo, dormi a noite toda nos braços deles.

— Como amo ficar assim com vocês. — Beijei a bochecha de cada um, que corresponderam com abraços. Pela primeira vez nesses últimos meses consegui dormir a noite toda.

Quando acordei, estava sozinho. A ânsia de vômito continuava, mas estava livre da febre, por isso fiz um esforço para não os deixar preocupados.

— Você tem certeza, meu amor? — Mamãe questionou. Ela estava linda, seu cabelo preto ondulado caía sobre seus ombros e deixava charmoso seu decote.

— Tenho, mamãe. Ficarei bem, prometo que ligarei se me sentir mal.

— Tome só mais um pouquinho de sopa. Direcionou uma colher na

minha boca. Meu estômago quis imediatamente devolver, porém fechei minha respiração e não permiti que o alimento voltasse.

Hoje seria um dia especial para meus pais, ou melhor, para mamãe. Ela adorava desenhar, então papai a ajudou a compartilhar seu talento com os dinamarqueses através de projetos sociais. Hoje estavam comemorando cinco anos da *Escola de Artes*, então papai mandou organizar um grande evento para comemorar o aniversário.

— Olá para meus amores. — O papai entrou sorrindo para nós. — Como está, meu filho? — Questionou beijando minha testa.

— Melhor! — Respondi.

— Qualquer coisa nos ligue, não hesite, por favor.

— Não irei, prometo.

Os dois me beijaram um de cada lado me fazendo sorrir. Despedi-me e voltei a jogar a coberta na minha cabeça.

— Eu não vou vomitar. — Fiquei repetindo para meu estômago, contudo, revirei meus olhos e pulei da cama indo em direção ao banheiro. Passei quase quinze minutos debruçado no vaso sanitário. Voltei para o quarto com minhas pernas moles, iguais gelatina, e minha cabeça um pouco tonta.

Deite na cama, não iria pedir para meus pais voltarem, isso era ridículo, principalmente porque não tinha por que meu corpo está assim. Mais dez minutos na cama e meu estômago estremeceu, só deu tempo de eu chegar ao vaso sanitário.

O pior era que eu havia colocado tudo para fora, então era só aquele maldito enjoo. Foi inevitável não chorar diante na minha própria situação, pus minhas mãos na minha cabeça me sentindo cansado, deixando mais uma vez as lágrimas me dominarem. Sentei-me pertinho do piso do banheiro e coloquei minha cabeça entre minhas pernas.

— Por que você fez isso comigo? — Sussurrei triste. Ouvi barulho de passos e me amaldiçoei baixinho.

— Eu…. — As palavras engasgaram na minha garganta. — Estou bem, papai. — Disse sem ao menos ter coragem de erguer meus olhos na sua direção, pois a fraqueza e a vergonha não me permitiram.

— Meu bebê, meu príncipe. — Meus soluços finalmente se romperam ao ouvir sua voz.

Levantei meu rosto devagar, assustado, suas botas tão características de sua personalidade, foram a primeira coisa que avistei. Quando finalmente

cheguei ao seu rosto movimentei minha cabeça para um lado e outro não acreditando.

— Sérgio? — Não foi preciso eu me levantar, pois não tinha forças para tal ato, embalou-me nos seus braços enquanto circulei minhas mãos no seu pescoço desesperado por seu aconchego.

— Meu lindo príncipe. — Repetiu.

— Você voltou?

Enrolei minhas pernas na sua cintura quando me tirou do chão sem muita dificuldade.

— Você está tão magro. — Sussurrou, fazendo me apertar nos seus braços. Com muito cuidado colocou-me de volta na cama, mas me neguei a me desgrudar do seu corpo. — Não chore, por favor. — Pediu-me, acariciando meu rosto e com nossos narizes pertinho um do outro.

— Você me deixou. — Sussurrei entre as lágrimas.

— Perdoe-me, meu amor. Está ardendo com febre, ligue para seus pais, por favor. — Balancei a cabeça em negativo. Eu só precisava dele.

— Eu estou bem, só preciso de você. — Sorriu e limpou minhas lágrimas.

— Você está com febre, August.

— Só preciso de você. — Sentindo seu perfume, lembrei que provavelmente estava fedendo a vômito. — Estou fedendo. — Sussurrei, tentando sair dos seus braços.

— Estás tão magrinho, precisa se alimentar.

— Mas meu estômago não aceita.

— Tem que avisar seus pais que está vomitando.

— Mas foi só hoje. — Defendi-me.

— August? — Reclamou. Sorri morrendo de saudades da sua voz.

— Sérgio? — Pronunciei seu nome beijando seu peito.

— Você tem vomitado todos os dias. — Isso me surpreendeu.

— Como você sabe? — Questionei surpreso.

— Venha, vou cuidar de você. — Ele estava deitado por cima de mim, pois não havia permitido me soltar.

— Como você sabe? — Voltei a perguntar. Ignorou-me saindo de cima de mim e indo até a mesinha que continha minha medicação. Pegou um comprimido e um copo de água.

—Tome, por favor. — Obedeci-o. — Banho ajudará a diminuir sua febre.

— Sinto sua falta, tanta falta, que dói. — Respondi, enquanto voltava a me pegar no colo.

— Eu também, tanta que faz querer desistir de lutar contra isso.

— Quero você, papai sabe de tudo, ele não se importa.

— Não é tão fácil, August.

— Por favor, Sérgio? — Me pôs no piso e ligou a ducha. Não me movimentei, apenas fiquei o esperando, quando ele notou que a água estava agradável veio até a mim e tirou minha vestimenta. Claro que retirou cada peça sem desviar suas irises pretas da minha face. Como se fosse um crime olhar para meu corpo. — Você não pode continuar se recusando a comer. — Empurrou-me para a ducha e passei o sabonete no meu corpo. Quando terminei, peguei minha escova de dente e caprichei na limpeza bucal. Ele veio com uma toalha e enxugou minha pele.

— Você não vai olhar? — Queria encontrar desejo nos seus olhos como eu vi na cabana.

Sorriu e pôs sua testa na minha esfregando nossos narizes um no outro.

— Não faz isso, é uma tentação tê-lo todo molhadinho e nu. Quero pegá-lo e me aventurar no seu corpo.

— Então faça. — Pedi, me derretendo com suas palavras.

— Você está com febre. — Percebendo que seria impossível dobrá-lo, voltei a me abraçar nele circulando minhas pernas na sua cintura. Suas mãos foram de imediato para meu traseiro sob a toalha.

— Eu te amo.

— Sempre amarei você, August.

Com cuidado me colocou na cama e se deitou ao meu lado. Pus minha cabeça no seu peito e segurei sua mão, não queria que ele sumisse.

— August, meu August. — Sussurrou carinhosamente me fazendo adormecer ouvindo seu coração e palavras de amor. — Durma meu amor, descanse.

OceanofPDF.com



11

Espreguicei na cama relaxado e descansado. Suspirei várias vezes ainda com os olhos fechados. Sentia meu coração quentinho e feliz. O cheiro dele continuava no meu corpo.

Passei minha mão pela cama, tentando o encontrar, mas não foi surpresa ao perceber o vazio, provavelmente fugiu. Por incrível que pareça não fiquei chateado, e sim decidido. Faria Sérgio voltar, nem que eu mesmo tivesse que trazê-lo de volta.

Estava com muita fome, por isso tomei um banho rápido e vesti um moletom confortável.

Com tudo preparado, fui direto para cozinha vendo mamãe que estava preparando lanches com titia Ana. Encarei os funcionários sorrindo e pedi que eles se mantivessem em silêncio. Mamãe não havia me visto, então a surpreendi com abraço por trás.

— Ana diga-me que isso não é um sonho? — Perguntou, me fazendo rir. — Que saudade dessa risada gostosa. — Virou-se e me abraçou cheirando meus cabelos. — Estava preparando seu lanche.

— Estou com fome. — Ela quase pulou de felicidade.

— Venha, meu amor. — Levou-me até a mesa e pôs suco e biscoito de morango para mim e, diante da sua observação minuciosa, lanchei não deixando nada no prato. — Você não sabe a alegria de vê-lo sorrindo e comendo.

— O papai está? —Perguntei, correspondendo sua felicidade.

— No escritório.

— Eu vou vê-lo.

— Ele vai ficar feliz em vê-lo sorrido. — Fui para o escritório e dei duas batidas na porta antes de entrar.

Estava no telefone, mas ao ver-me seus olhos brilharam e imediatamente pediu para a pessoa ligar em outro horário. Afastou-se um pouco dando espaço para eu me sentar no seu colo.

Meu pai era muito lindo. Ele se tornou pai muito cedo, por isso ainda era bastante jovem. Seu cabelo era preto com mechas que caíam na sua testa, também, era alto e um pouco musculoso.

Todos diziam que herdei sua beleza, principalmente a do rosto. Sempre estava com uma vestimenta impecável, de acordo com ele era para mamãe não se arrepender de ter se apaixonado por ele.

— Olá, meu amor. Que saudades de você. — Beijou minha bochecha, me apertando no seu corpo. Correspondi ao seu abraço.

— Como você está, papai?

— Melhor agora, depois desse sorriso. Como você está?

— Bem! — Respondi alegre diante da sua inspeção minuciosa. Acariciou meu nariz e tirou fios de cabelo da minha testa.

— Que bom, meu filho. Odeio vê-lo triste.

— Papai?

— Sim?

— No meu quarto tem câmeras? — Perguntei, prendendo minha respiração.

— Câmeras?

— Sim!

— Por que a pergunta? — Senti-o rígido embaixo de mim. Papai era demasiadamente protetor.

— Eu perdi algo no quarto queria saber onde está. Pensei em câmeras, assim seria fácil encontrar.

— Ana não encontrou?

— Não! É um pingente da vovó, queria muito encontrar.

— Não tem, meu príncipe.

— Mas tinha?

— Quando criança, sim. Depois que você se tornou adolescente nós resolvemos que era melhor tirar, porém somente eu tinha acesso a ela. — Explicou.

— Nós? — Perguntei, me referindo a quem tirou. — O Sérgio e você? — Sugeri fazendo-o quebrar o silêncio.

— Sim! Resolvemos desligar.

— Você as tirou?

— O Sérgio fez.

— Ahhh. — Meu sorriso foi enorme ao ouvi-lo. Isso poderia ser loucura, mas estava fazendo sentido. Como ele sabia que eu estava vomitando? Nem meus pais haviam notado. E meu remédio? Como sabia qual era?

— Papai, te amo muito! — Beijei sua bochecha, me levantando. — Vou subir para estudar e mais tarde desço para almoçarmos. — Falei, o fazendo sorrir.

— Acabei de ganhar meu dia. — Respondeu alegre.

Um plano estava desenrolando na minha cabeça. Faria o Sérgio se arrepender de ter me abandonado, só precisava ter paciência.

Passei o dia estudando as matérias acumuladas. Quando deu a hora do almoço fui almoçar junto a eles que não esconderam a felicidade.

Quando me despedi deles voltei para o quarto, nervoso, era loucura o que eu estava preste a fazer.

Verifiquei os possíveis lugares para se ter uma câmera. Conhecendo a paranoia do Sérgio e do meu pai, teria que ser um que pudesse ter acesso a todo quarto.

Fui ao banheiro e tomei uma ducha rápida, pus a toalha na minha cintura e voltei para meu quarto me aproximando da cama. Peguei o hidrante corporal e coloquei na cama. Devagar tirei a toalha, meu corpo esquentou imediatamente, apenas com a possibilidade de ele estar vendo. Peguei uma pequena quantidade de creme e deslizei sobre minhas pernas, braços e barriga de forma suave e delicada.

Tendo a certeza que meu traseiro estava erguido na direção que supus que seria a câmera, massageei meu corpo imaginando as suas mãos tocando-me, cheguei a fechar meus olhos, apenas com a sensação gostosa ao sentir meu membro excitado.

De forma tímida, pus uma quantidade de creme nas mãos e deslizei no meu membro o apertando, a sensação foi tão prazerosa que ergui minha cabeça para trás e gemi o nome dele.

Imaginei Sérgio me abraçando por trás e beijando meu pescoço, esfregando levemente seu pênis na minha bunda, enquanto gemia seu nome.

Quando percebesse que eu estava no meu limite me pegaria no colo e colocaria meu membro na sua boca, se deliciando. Eu arranharia suas costas, entregue a um prazer louco.

Acabei gozando na minha mão, gemendo o seu nome, nem acreditava que havia gozado pensando nele. Foi leve e gostoso, gargalhei satisfeito pelo prazer sentido.

Peguei o papel na minha escrivaninha e o ergui sorrindo. Eu estava uma bagunça, gozado, com o rosto quente.

Lembrei que meus pais sempre vinham se despedir com beijo de boa noite, então voltei para o banheiro e me limpei para depois me enrolar na coberta, esperançoso que ele iria aparecer.

Acordei um pouco triste, mamãe percebeu de imediato, comecei a me considerar um idiota por ter feito aquilo imaginando que voltaria.

— Que tal um pouco de sol? — Mamãe sugeriu, me chamando para ir para piscina. Não quis deixá-la triste, por isso aceitei, mas permaneci de roupas não estava com clima para banho.

— Você já reparou como Bruno é bonito? — Sugeriu como quem não quer nada.

— Ele é legal. — Respondi, recebendo um revirar de olho.

— Legal? Ele é um gato.

— Mamãeee.

— O quê? — Perguntou sorrindo.

— Eu não consigo vê-lo assim. — Fui sincero. — Nunca me senti atraído por outras pessoas, além dele. — Respondi triste.

— Você já considerou deixar outra pessoa entrar nesse coração?

— Eu só não consigo, é ele que eu amo. — Apertei minhas pálpebras, sentindo o sol me tocar.

— Tudo bem, dê tempo ao tempo, que tudo se organizará no final das contas, mas o guarda Bruno é um gato. — Voltou a comentar, me fazendo sorrir e olhar para o Bruno que imediatamente correspondeu com um sorriso. — Um gato que gosta de você. Só não deixe seu pai descobrir.

Acenei em negativo para ela e imediatamente me lembrei de algo. “*Se afaste de Bruno ou darei umas palmadas na sua bunda.*” A lembrança veio como um relâmpago. Levantei-me rápido.

— Mamãe, eu preciso resolver uma coisa. — Respondi indo até Bruno.

— Só não deixe seu pai descobrir.

— Mamãe... — Reclamei.

— Se divirta, meu bebezinho. — Aproximei-me de Bruno que organizou sua postura e sorriu.

— Olá!

— Senhor!

— August, Bruno. Por favor. — Confirmou.

— Ok! August.

— Perdi um pingente embaixo da minha cama, você poderia me ajudar a encontrar?

— Eu?

— Sim! — Respondi alegremente. — Será rápido, prometo. Eugênio nem notará. — Procurou seu chefe com a vista e confirmou.

Fomos até o quarto. Fui todo o caminho conversando sobre coisas aleatórias: futebol, música e lugares. Gostava da forma que ele agia, era como se eu fosse um garoto normal. Esquecia que eu nunca vivi isso, de ir ao campo de futebol ou a um show lotado.

Entramos no quarto e apontei para o lugar que o objeto poderia estar. Começou a procurar todo educado. Aproveitei que estava procurando e tirei minha camisa morrendo de medo de Sérgio estar errado e Bruno só me ver como seu patrão.

— Prínc... August você tem certeza que perdeu aqui? — Perguntou levantando e me olhando, seu rosto se tornou vermelho quando me viu sem camisa. Arrependi-me na hora pelo meu ato, mas me mantive firme.

— Você se importa de passar um pouco de creme nas minhas costas? — Pedi como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— E… eu... eu... — Respirou e voltou a formular a frase. — Claro, August, passo sim.

— Obrigado! — Entreguei o produto e, de forma educada, massageou minha pele delicadamente.

— Acho que terminei, príncipe. Eu preciso ir. O... o senhor Eugênio me espera. — Gaguejou. Pobre do Bruno. Desculpe-me, mas foi necessário.

Olhei por todo quarto e sorri, agora era esperar para ver. Voltei para a piscina e meu sorriso não passou despercebido para mamãe, que explicou que o Bruno quase caía dentro da piscina quando voltou para seu posto.

Desconversei e ficamos falando sobre sua ONG.

Passei o dia com minha mãe, meu paizinho só apareceu no momento do jantar.

— August? Estava pensando, meu filho, sobre a possibilidade de você voltar para o psicólogo. — Todos me olharam assustados quando deixei meus talheres caírem no prato.

— Pai?

— Escute-me. Você era uma criança nas últimas sessões, hoje é um adulto.

— Eu sei, mas não consigo.

— Você não precisa sentir vergonha, meu amor. — Mamãe falou gentilmente. — Ter medo não é vergonhoso. Tem pessoas que têm medo de cão, gatos, insetos, lugares. Você tem medo de multidões. — Como não ter vergonha quando você literalmente tinha medo de pessoas? Quis respondê-la, mas mantive em silêncio.

— Não quero começar tudo de novo. — Minhas pernas e braços tremiam somente com a possibilidade de me submeter ao público.

— Estávamos pensando apenas em uma tentativa com o psicólogo. Uma sessão?

— Tente por nós, apenas uma sessão. — Mamãe suplicou.

Fiquei em silencio. Não queria, entendia que meus pais estavam preocupados. Amava a companhia deles e, por incrível que pareça, não sentia necessidade de amigos ou outras pessoas. A única pessoa que sentia falta era de Sérgio.

Quando tinha cinco anos morava com Sophia (A pessoa que me trouxe a esse mundo). Ela era uma modelo superfamosa na Europa. E pai a conheceu em um dos desfiles e acabaram transando. Não passou disso, uma noite de sexo, mas ela engravidou. Foi um choque para meu pai que não desejava ter filhos tão cedo e se dedicava aos compromissos da realeza.

Sophia passou toda sua gestação viajando a trabalho e, como meu pai precisava resolver questões diplomáticas da Dinamarca, não participou da gestação.

Quando nasci ele me conheceu com quatro dias de vida. De acordo com ele foi amor à primeira vista, percebeu que viveria para contemplar meu sorriso.

Até os meus dois anos papai precisou viver uma verdadeira batalha nos tribunais. Sophia me fez uma mercadoria para se manter no mercado da

moda. Cada detalhe da minha vida era exposto para o mundo.

Quando ela voltou às passarelas, passei a ficar na companhia das babás e graças as suas viagens impossibilitava as visitas do meu pai. Aos três anos, ele pediu minha guarda. Sophia alegou que ele estava usando seu poder para me obter.

Isso gerou conflitos internos e externos dentro da coroa. Quando eu estava para completar cinco anos, Sophia resolveu comemorar meu aniversário em Paris, porém ocorreu um imprevisto com as babás e no aeroporto ela se esqueceu de mim.

Ninguém se prontificou a tentar descobrir o porquê daquela criança estar sozinha sentada no banco do aeroporto até que alguém me reconheceu. A notícia rapidamente se espalhou, fui cercado por repórteres e curiosos.

Quando fui encaminhado pelos seguranças para um lugar reservado eu tremia e chorava descontroladamente. Meu pai precisou sussurrar que me amava várias vezes, pois eu resistia aos seus braços me debatendo e gritando desesperado.

Depois desse ocorrido, meu papai se negou a me entregar para Sophia e um mês depois encontraram uma quantidade absurda de drogas em sua posse. Tinha várias entrevistas onde ela afirma que foram plantadas pelo meu pai, porém nunca conseguiram provar.

Minha primeira crise ocorreu em um evento social para crianças. Era minha apresentação ao povo dinamarquês. Eu era muito pequeno para explicar meu medo de sair em público: minhas mãos suadas, coração palpitando, respiração ofegante, calafrios e a sensação de ataque cardíaco.

Papai me contou que em todo o percurso fiquei nos seus braços e quando desci do carro abracei-me a ele. Ele acreditava que era apenas nervosismo meu, então julgou normal.

Porém, quando saímos do veículo comecei a chorar, ele tentava me acalmar, mas eu gritava em desespero grudado no seu pescoço. Graças a isso houve um alvoroço entre os repórteres e público.

Papai me carregou de volta para o carro e pediu que o motorista nos tirasse dali. Eu chorava tanto que estava passando mal. Depois disso, todas as vezes que era para eu sair, começava a entrar em desespero.

Não aceitava colo da vovó ou das babás, apenas do meu pai. Papai começou a diminuir suas viagens até o ponto de me levar junto a ele, contudo ainda me negava a sair em público, mesmo não sabendo explicar o

que acontecia no meu corpo e coração, eu chorava e gritava nos seus braços. Aos pouquinhos, fui mudando a rotina do papai, ele não viajava ou passava noites fora, pois eu não aceitava ficar com mais ninguém, além dele. Hoje sei que meu maior medo quando criança era que meu pai Enrico me esquecesse igual Sophia fez.

Dois meses depois ele me levou ao psicólogo e explicou tudo que estava acontecido. E finalmente concluíram que, mesmo com apenas cinco anos eu tinha transtorno de pânico associadas ao que acontecera no aeroporto. Fatos como esse, provavelmente, ocorria desde o meu nascimento, sem falar na exposição exagerada da Sophia.

Com um ano de sessões e várias tentativas de me inserir a sociedade e, percebendo que meu estado só piorava com as tentativas, meu pai desistiu da coroa.

Ele desistiu de tudo para não precisar me expor ao mundo e passou a me proteger, então, papai criou um império que consistia em me manter longe dos olhos curiosos e do mundo.

Tudo isso foi amenizado quando mamãe apareceu na minha vida, com muito amor e carinho ela foi me tirando do casulo, porém, eu continuava com pavor a multidões. Só permitia que se aproximassem de mim pessoas conhecidas, minha família e seguranças.

— August, meu amor, sabemos que você é feliz e somos eternamente gratos a isso. Por você ser feliz aqui e com a gente, mas pelo menos tente, por nós. Por favor? — Mamãe pediu, suspirei e voltei a pegar os talheres mexendo na minha salada. Eu não precisava de tratamento. Eu era feliz assim.

— Tudo bem, mamãe. — Aceitei, sabendo como era importante para eles.

— Obrigada. — Agradeceram saindo de suas cadeiras e vindo até mim, beijando meu rosto com carinho.

— Só tente, se você não gostar desistiremos, ok? — Eu não suportava as tentativas dos psicólogos em me inserir em sociedade, pois queriam que enfrentassem os meus medos e só de pensar nisso eu já sentia os sintomas. — Sempre respeitaremos sua vontade, meu amor. Mas queremos o seu bem.

— Eu sei, papai. Posso subir para meu quarto? — Pedi.

— Claro, descanse. — Subi para meu quarto cabisbaixo.

Joguei-me na minha cama e enterrei minha cabeça no travesseiro. Se o Sérgio estivesse aqui, provavelmente, estaríamos conversando sobre isso.

— August? — Abri meus olhos tendo dificuldade com a claridade. Você dormiu de roupa, meu amor. Vá se trocar. — Mamãe pediu, me entregando uma calça e uma camisa de pijama.

— Boa noite, meu amor! — Recebi um beijinho de cada lado e sorri. Isso era sagrado entre nós desde que mamãe Anne veio para nossas vidas.

— Boa noite! — Observei eles apagarem a luz.

OceanofPDF.com



12

— Valha meu pai! — Anne me encarou em choque, pus meu dedo nos meus lábios pedindo silêncio e com muito cuidado o tirei dos meus braços. Fez um muxoxo de desagrado, mas não acordou, o que eu sinceramente agradecia.

— Sérgio? — Afastei-me um pouco da sua cama. — O que você está fazendo?

Passei minha mão nos meus cabelos sentindo exaurido de tudo aquilo.

— Ele estava com febre e vomitou bastante. — Sussurrei. Anne aproximou-se do August e acariciou os cabelos do filho.

— Sérgio?

— Eu não posso Anne. — Pedi perdão.

— Por que não?

— Quase o matava.

— Isso não é verdade.

— Meu amor me cegou ao ponto de não ver o perigo ao seu lado.

— Não faça isso com você. Ele te ama, meu menino está perdidamente apaixonado por você. Não faça isso com vocês.

— Se eu ficar, só irei atrapalhar sua vida. Ele é novo, precisa se apaixonar por pessoas de sua idade, conhecer coisas novas. O que tenho a oferecer?

— Não faça isso com ele, Sérgio. Não se atreva a usar a justificativa dele ser um príncipe.

— Essa é a verdade. — August era um príncipe e nada mudaria isso.

— Você só está se enganando. August te ama e faria de tudo para ficar com você.

— Eu não posso.

— Você é um covarde, Sérgio! Saia da minha casa e só apareça na frente do meu filho quando você tiver certeza do que realmente quer. Você tinha ciência como tudo era novo para ele, como foi mágico o que viveram e não pensou duas vezes em fugir como um maldito covarde. August tem seus problemas e fragilidade, mas meu filho não é um covarde que se esconde atrás dos seus medos idiotas! — A deixei falar tudo que sentia, pois sei que Anne estava sofrendo com o estado do filho.

— Me perdoe.

— Não faça isso com vocês...

— Me desculpa, Anne? Por favor?

— Saia antes que ele acorde ou Rico chegue. — Ordenou, deixando evidente seu desprezo por mim. Fui até ele e beijei seus cabelos, seu cheiro invadiu minhas narinas, tudo que queria era voltar para aquela cama e me enrolar no seu corpo o protegendo e sussurrando palavras de amor. — Rico entrará a qualquer momento. — Abaixei minha cabeça e fui até a janela. Eu tinha entrado por ali, senti um pouco de dificuldade de descer, pois meu braço ainda estava machucado. O tiro havia passado de raspão. Se Enrico me encontrasse tinha certeza que ele me mataria.

Encontrei Eugênio que me esperava no portão.

— Obrigado!

— Tome cuidado.

— Ok!

Subi na minha moto que havia deixado um pouco distante da propriedade e a liguei. Aproveitei a brisa da madrugada para me perder nas lembranças.

Meu mundo desmoronou ao ouvir tantas verdades do Pereira. Ele tinha razão, meu amor pelo August me cegou de tal maneira que não consegui ver que seus tios planejavam um ataque contra ele.

Quando August se jogou na minha frente para me proteger quase enlouquecia e agradeci a Deus por ter tido reação de imediato e meus amigos terem previsto o ataque do Pereira. A forma que ele quis me proteger me alertou que eu era um perigo para ele.

Sempre lutei para afastá-lo do perigo, mas não o protegi do meu amor que quase o matava. Meu amor quase o destruía.

Precisava me afastar e colocar minha cabeça no lugar.

Liguei para a única pessoa que era capaz de me receber e não me

questionar nada: Sebastian D’ Luca. Recebeu-me de bom grado e, realmente, não me direcionou nenhuma pergunta.

Cumprimentou-me e me levou para um apartamento. Conversamos por horas naquele primeiro dia, mas nenhum segundo questionou o que tinha acontecido. Na segunda semana saímos, pois D’ Luca estava enlouquecendo de amor por um aluno. Foi ali que falei do August. Ficou surpreso, pois sempre me considerou hétero. Sorri ao dizer que também me considerava hétero até que um dia me vi em uma cama de hotel com uma linda dinamarquesa e a única coisa que fez meu pau endurecer foi me lembrar do sorriso do August.

Resisti como pude aos meus sentimentos. Tentei de tudo, principalmente, sexo com outras parceiras, mas a voz, sorriso e olhos não saíam da minha cabeça. Entrei em pânico no seu aniversário de 16 ao perceber que o amava.

D’ Luca apenas respondeu que eu estava ferrado, mal sabia ele que, ferrado nem chegava perto, porque naquela noite me lembrei das câmeras que havia no seu quarto e mesmo me considerando ordinário, as liguei.

Quando sua imagem preencheu a tela precisei me sentar na cama. Ele estudava e parecia deprimido. Aproximei-me da tela e a acariciei imaginando que tocava seu rosto.

Assustei-me quando August se irritou com seu caderno e jogou tudo no piso do seu quarto, abraçando suas pernas e deixando as lágrimas tomarem seus olhos. Vários minutos depois ergueu sua cabeça e desceu da cama pegando seu caderno, parecia mais calmo. Sua tristeza me matou.

Nem mesmo a bebida foi capaz de apaziguar meu coração que doeu por saber que ele sofria. Por saber que eu era o responsável. Tentei me obrigar a aceitar que ele sofreria, mas depois ficaria bem, assim passei a assisti-lo, e viver meu inferno particular.

Dormia e acordava encarando a tela. Matando-me com suas lágrimas e seu sorriso forçado para seus pais. Todos pareciam tristes ao acompanhá-lo. Perdi minha sanidade mental quando percebi que sua rotina era se alimentar e vomitar.

Meu pai me ligou e perguntou como eu estava. O senhor Dias não aceitou minhas decisões, mas mesmo assim me ajudou.

— Fui hoje à casa do Enrico. — Falou. Mantive-me em silêncio. — Enrico queria saber seu paradeiro.

— Provavelmente para me matar. — Forcei uma gargalhada.

— Se eu fosse Enrico te procuraria até mesmo no inferno e acabaria com tua raça. — Fiquei mudo com suas palavras. Suspirou e pareceu triste. — Não criamos um filho covarde. Assuma seus erros. Você foi um soldado por muito tempo sabe que nem sempre é possível trazer todos os seus colegas vivos de uma missão. Mas desistir não é a palavra que define todos vocês.

— Pai?

— Escuta Sérgio, você é meu filho e te amo, mas tenho um carinho enorme por aquele garoto.

—Você foi contra. — Tentei lembrá-lo da vez que ele tentou pôr discernimento na minha cabeça. — Você mesmo especificou a nossa diferença tanto de idade quanto classe social.

— Eu não menti. O sonho da rainha é que August seja o rei, mas naquela época ele era uma criança. August era apenas um menino tentando compreender sua sexualidade, mas ele se jogou na sua frente para te salvar. Não pensou duas vezes, não pensou nos seus pais. — August era apaixonado pelos pais. — Ele tentou te salvar, meu filho.

— Ele me salvou. — Confirmei, deixando as lágrimas e soluços se romperem. — Salvou-me desde o primeiro dia em que o vi no escritório quando era uma criança. Tirou-me do inferno que eu vivia pós-guerra. Cuidar dele e o proteger se tornou minha única razão de viver. Apreciar seu sorriso se tornou meu paraíso.

— Então volte para ele. Lute pelos seus sentimentos.

— O que eu tenho a oferecer? Não passo de um guarda-costas.

— Descubra junto a ele. Dê uma oportunidade a vocês.

— Pai? Ele é uma joia raríssima, um diamante. Eu não sou nada.

— Pois sua joia mandou-lhe um recado. — Prendi minha respiração. — Disse que você é um maldito covarde. Um idiota covarde e mentiroso. August tem razão, você é um covarde. — Desligou o telefone. Meu pai estava magoado comigo. Ele não entendeu quando me apaixonei por August e agora não entendia por que o deixei.

Mas o que eu tinha para oferecer? Um guarda-costas, ex-fuzileiro. August era uma criança rica, acostumada com luxo e proteção. Nem ao menos consegui protegê-lo como guarda-costas, imagina sendo seu parceiro.

Seu pai não me daria sua mão. Enrico era encantado pelo filho. Desistiu de tudo pelo garoto. Construiu um império para mantê-lo protegido. Eu tinha o que para oferecer?

Meu sofrimento piorou quando passei a observá-lo doente. Era visível que era grave pela expressão dos pais. Sem considerar meus atos peguei o primeiro voo e voltei para Dinamarca. Passei poucos minutos ao seu lado, mas fora suficiente para fazer meu coração palpitar normalmente. Meu August era tão forte e manhoso. Era apaixonado pelo seu cheiro e seu corpo.

Cheguei ao Brasil à tarde. D' Luca veio me buscar no aeroporto e me pediu ajuda com seu anjo.

Queria descobrir sobre o passado do garoto. Tentei convencê-lo a não fazer isso, pois poderia trazer um problema no futuro. Mas D' Luca estava tão apaixonado pelo rapaz que tudo que passava na sua cabeça era proteger seu anjo.

Algo que nos tornava bastante parecidos. Fazíamos de tudo para proteger quem amávamos, não medíamos esforços. Então passei a investigar a vida do Endrew e Elisa.

Isso me ajudou a tirar minha cabeça do August. Só a cabeça mesmo, pois o coração suplicava, a cada segundo, por ele.

Consegui encontrar muitas informações do Endrew apenas pesquisando na internet. Passei o dia entretido com a investigação, pois Sebastian queria urgência. Quando terminei, com muita relutância, liguei as câmeras e meu corpo tremeu ao encontrar o quarto vazio. Verifiquei a hora e me lembrei que provavelmente estaria jantando, isso era bom. Era um bom começo.

Resolvi deixar a câmera ligada e fui tomar banho. Quando finalizei, enrolei a toalha na minha cintura e me sentei na cama encarando a televisão, sorrindo. Entrou no quarto e foi direto para o banheiro, alguns minutos depois, voltou com um sorriso bonito nos lábios.

Quando ele delicadamente tirou a toalha da cintura, de costas para câmera, deixando seu bumbum bronzeado, visível, me esqueci até mesmo como respirava. Para meu total desespero, virou-se dando uma visão deliciosa do seu corpo nu. Ele queria me matar.

— Isso é castigo, bebê? — Questionei para o silêncio do meu quarto. Virou-se para tela e sorriu como se soubesse que eu estava ali, morrendo para tocá-lo. August mordeu seu lábio esquerdo enquanto massageava seu corpo com hidratante. Fique vibrado o olhando. — Ele não vai fazer isso. — Gargalhei descrente quando ele deslizou sua mão pelo seu membro. — Mas que porra! — Levantei-me da cama me aproximando da televisão

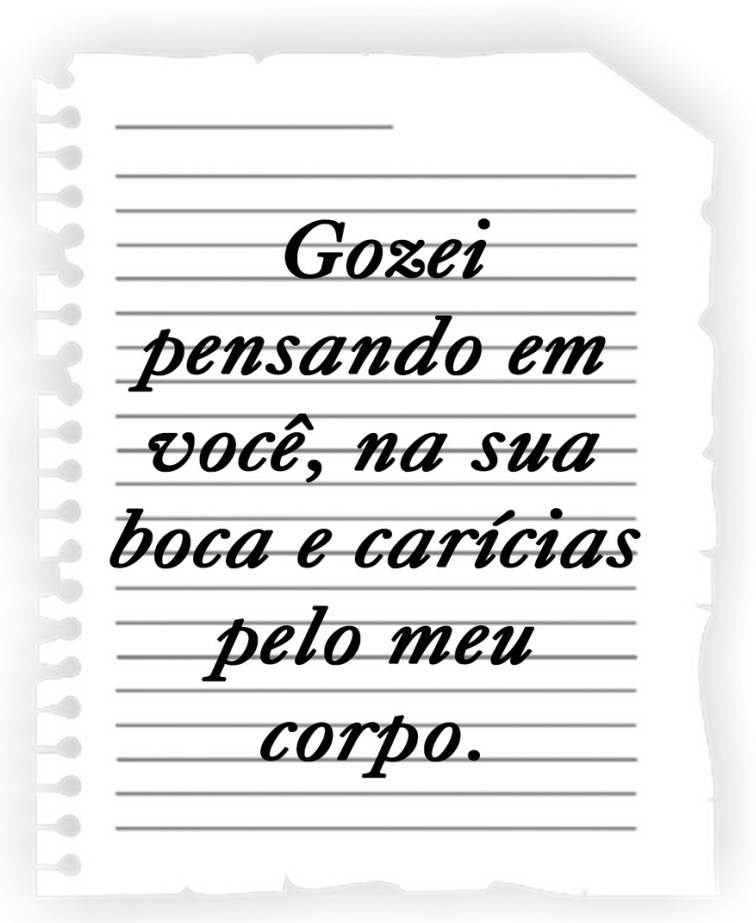
quando o garoto apertou seu pênis rígido e fechou os olhos pondo cabeça para trás e gemendo alto.

De forma inconsciente voltei a me sentar na cama e tirei a toalha da minha cintura. Sem desviar minha visão das imagens na minha frente, apertei minha glande grunhido quando a descarga elétrica percorreu meu corpo de prazer.

A porra dos seus gemidos era doces, dengosos e gostosos de ouvir. Meu corpo estava quente e necessitado...

Apertei meu pau causando dor, para tentar manter meu corpo sob controle, mas a reação que causou foi outra quando August encarou a câmera e gemeu meu nome sorrindo.

Fechei meus olhos perdido naquela imagem. Estava enlouquecendo. Comecei a deslizar minha mão de baixo para cima imaginando seus dedos delicados. Não foi preciso muitos movimentos, pois ao abrir meus olhos e encarar a televisão, meu corpo tremeu chegando ao êxtase.



— Puta que pariu! — Gemi, me lambuzando todo ao ler o papel que ele segurava. August sorriu como se tivesse certeza de que eu estava do outro lado da câmera, logo se encaminhou para o banheiro. Meu corpo suplicava por mais. — Sossega. Ele é bom demais para nós. Temos que lembrar que podemos olhar, mas não tocar.

Para meu total desespero e ciúmes, no dia seguinte eu estava trabalhando numas investigações do D' Luca quando ergui minha cabeça para a televisão ele entrava no quarto com o tal do Bruno. Fiquei receoso acreditando que havia acontecido algo.

Não pude acreditar quando August tirou sua camisa e pegou o protetor solar. Minha reação era igual à do segurança: incredulidade. Não conseguia acreditar na audácia dele. O segurança delicadamente acariciou as costas do garoto.

— Ele não fez isso. — Sussurrei. August deixou um homem o tocar? Meu cérebro repetia sem acreditar. Em uma reação explosiva acertei meu punho na tela da televisão inspirando rápido. O ciúme me deixava totalmente cego e possessivo.

— Vou matar esse garoto. — Já imaginava as formas que mataria o tal do Bruno. Se prepare bebê, você me paga por deixar alguém tocá-lo.

Havia apenas uma regra quando era comandante da equipe de segurança do Enrico. Nunca, em hipótese alguma, toque no August.

OceanofPDF.com



13

Tentei movimentar minhas mãos, mas foi impossível e graças a isso abri meus olhos, assustado.

Minha primeira reação foi gritar por socorro quando percebi que elas estavam amarradas, mas dedos firmes e grossos foram postos nos meus lábios pedindo silêncio.

— Meu August. — Ao ouvi-lo, meu coração continuou acelerado, mas não foi por estar amarrado ou no escuro, e sim, por finalmente, consegui-lo de volta.

— Sérgio? — O chamei, tentando me soltar para tocá-lo e acender o abajur. Queria vê-lo e, principalmente, beijá-lo. — Por que estou assim? Eu quero vê-lo. — Pedi dengoso.

Gargalhou baixinho ao me ouvir.

— Essa sua voz será meu calvário. E você sabe disso.

— Sérgio, me solta, por favor? — Apertei minhas pálpebras querendo ter poder para conseguir vê-lo através da escuridão do meu quarto.

— Poderia citar cada parte do seu corpo que quero beijar. Da ponta da sua unha ao seu cabelo. — Arfei com suas palavras. — Foi divertido? — Perguntou. Sabia que ele estava próximo de mim, por causa do seu perfume.

— O quê? — Questionei.

— Tocar-se? — Engoli em seco com as lembranças de ontem, quando gozei imaginando seus dedos no meu corpo.

— Foi! — O respondi.

— Atrevido. — Arfei quando senti a cama afundar e seu corpo aproximar-

se de mim. Ergui-me todo, antecipando seus toques e, por incrível que pareça, foi somente assim que senti que estava totalmente nu.

— Você me despiu? — Questionei. — O que você está fazendo, Sérgio? — Perguntei no mesmo momento em que gemi quando seus lábios tocaram meu queixo e subiram para minha boca.

— Amo teu cheiro. — Abri minha boca antecipando seu beijo. — Tua pele. — Seguiu em direção contrária dos meus lábios e foi para minha orelha. — Mas provavelmente amarei o teu leitinho escorrendo pelos meus lábios depois de chupá-lo tanto que você pensará duas vezes antes de me tentar. — Gemi sorrindo ao confirmar que ele me assistia.

— Me solta? — Grunhi, querendo desesperadamente tocar suas costas musculosas e me abraçar no seu corpo.

— Soltar-te? Não, príncipe, hoje aprenderá uma lição. — Ele estava sussurrando no meu ouvido, então, esfreguei meu rosto no seu, procurando contato. Querendo sentir sua pele na minha.

Esfregou meus lábios com seus dedos como se quisesse me causar dor, porém meu corpo interpretou sua ação sexualmente, pois fechei meus olhos e gemi sentindo meu membro se contorcer.

— Isso não é justo, você consegue ver todo meu corpo, ao contrário de mim. — Reclamei. Sérgio aprendeu no exército a adaptar sua visão para escuridão. — Ah que merda! — Mordi meus lábios tentando conter meus barulhos quando seus dedos que antes esfregavam meus lábios massagearam meus mamilos de forma lenta e demorada causando calafrios.

— Foi bom? Você me imaginou te tocando? Provando sua pele? Chupando seu pau? O beijando?

— Você chupando meu membro. — Gaguejei ao falar quando seus lábios desceram no meu peitoral me causando gemidos roucos e prazerosos deixando minha pele quente e necessitada.

— Você é tão submisso... — Pronunciou ao beijar a pele da minha barriga e, sem pudor, ergui minhas pernas circulando nos seus quadris e esfregando meu membro no seu corpo. — Você gosta? — Na escuridão, suas palavras e seus toques deixavam meu corpo selvagem e minha respiração lenta.

Senti-o se afastar e fiz um muxoxo de desagrado ao perder seus beijos no meu peitoral.

— Sérgio? Por favor?

— Sim, bebê, eu cuidarei de você. — Ele parecia estar sentado entre

minhas pernas abertas. Só de imaginar que estava admirando meu membro, meu corpo tremeu. Mas esqueci de como respirar quando senti sua respiração quente nos meus testículos. — Tão delicioso.

— Hum. — Meus barulhos desconexos o faziam rir enquanto meu corpo ardia pelo seu toque.

— Você é um pecado, príncipe. — Queria minhas mãos livres para tocá-lo e acariciar seus cabelos. — Sem aviso, passou sua língua por toda extensão do meu pênis como se chupasse um picolé, fazendo-me gemer e movimentar meu corpo querendo mais.

— Puta merda! — Falei, esquecendo como respirar quando a ponta da sua língua brincou com minha glande. Seus dedos ágeis massageavam meus testículos com movimentos circulares aumentando minha ereção.

Sérgio pôs meu órgão dentro da sua boca causando pressão com sua língua e o tirou com movimentos rápidos enquanto suas mãos foram para meu bumbum apertando e me trazendo para sua boca.

Meu corpo iria explodir de tanta vontade de gozar. Eu estava quente, necessitado, somente gemia e fazia barulhos desconexos com os movimentos de vai e vem dentro da sua boca.

Ao perceber que iria gozar tirou sua boca do meu pênis no mesmo momento que jorrei sêmen na minha barriga.

Eu queria desesperadamente tocá-lo e ver sua reação diante do meu prazer, mas não foi preciso vê-lo quando senti sua língua na minha barriga tomando para si os resíduos de sêmen que havia no meu corpo.

— Você é apetitoso. — Sussurrou, lambendo meu membro. — Queria te castigar por brincar com minha sanidade, por deixar alguém te tocar, mas não resisto ao seu corpo. Não resisto ao seu sabor.

Sérgio usou sua língua e dentes para beijar e lamber minha pele subindo pelo meu peitoral e seguindo até meu pescoço.

— Amanhã quero que lembre a quem pertence. — Mordi meus lábios, sufocando na minha garganta o grito quando ele mordeu meu pescoço próximo a minha tireoide.

— Eu pertenço a você. — Sussurrei.

— Somente a mim. — Apertou meus quadris de forma firme e tocou meus lábios com os seus. — Queria te torturar, punir-te, mas te amo demais para fazer isso. — Deslizou sua língua na minha e arfei com o contato.

Seus beijos eram vorazes e quentes, sorri quando consegui me livrar das

suas amarras e circulei meus braços no seu pescoço. Ele desequilibrou e caiu por cima de mim, aproveitei e passei a beijar seu queixo descendo pelo seu pescoço. Fazendo o mesmo que há pouco ele havia feito. O marcando. Sérgio era meu, somente meu. Suas mãos desceram para minha bunda e a apertou causando uma fricção deliciosa no tecido da sua calça.

— Sérgio, seu tempo acabou. — Ouvi duas batidas na porta e a voz conhecida do Eugênio. Sérgio segurou meu rosto me fazendo parar meus movimentos, pois minhas mãos estavam na sua camisa para tirá-la. Tentei lembrar como respirava e apertei minhas pálpebras tentando vê-lo através da escuridão.

Pus minhas mãos no seu rosto e acariciei.

— Me espera? — Falei.

— O quê? — Perguntou sem compreender.

— Me espera, Sérgio, apenas me espera, te encontrarei.

— August?

— Promete-me que esperará. Eu te encontrarei. — Senti-o de imediato tenso em cima de mim.

— Eu sempre amarei você. — Toquei meus lábios no seu e sorri contente por sua resposta.

— Eu vou te encontrar. — O permiti sair de cima de mim, não tive coragem de me movimentar, pois caso fizesse, me enrolaria no seu corpo e não o permitiria fugir.

— Eu te amo, August. — Sussurrou e fechei os olhos prometendo a mim mesmo que a próxima vez seria apenas eu no controle e diria o quanto o amo olhando nos seus olhos escuros.

Quando Sérgio saiu, não me atrevi a tomar banho ou sair da cama, fiquei enrolado me anestesiando com seu perfume que irradiava pelo quarto.

Passei a noite pensando na minha vida e escolhas e, principalmente, no que eu queria para o futuro.

Sérgio tinha medo de não ser o suficiente e eu o queria, iria provar que a única coisa que eu necessitava era ele, somente, ele.

Acordei me sentindo cansado, mas também decidido. Passei a noite considerando os medos do Sérgio. Eu sempre fui frágil, medroso e vivi me escondendo, literalmente, do mundo. Sérgio se considerava não ser bom suficiente para me proteger, mas eu não queria proteção. Queria ele.

Se para isso eu teria que enfrentar meus medos, iria fazer.

Por isso, quando meus pais acordaram, eu estava na mesa, vestido e preparado.

— Bom dia, meu amor. — Recebi seus beijos e sorri.

— O que aconteceu para cair da cama tão cedo? — Papai perguntou acariciando o local que havia beijado.

— Preciso conversar com vocês. — Se entreolharam e sentaram pondo café em suas xícaras. Suspirei e tentei encontrar as palavras certas. — O Sérgio ontem veio me ver. — Escolhi a verdade, meus pais me ensinaram que a verdade é sempre o melhor caminho.

— A gente sabe disso meu amor. — Sorriram. — E ficamos felizes por você nos contar. — Não me surpreendeu a declaração do meu pai.

— Vocês conversaram? — Mamãe questionou.

— Sim! Ele não quer voltar. — Expliquei. — Mas disse que me amava. Que me ama.

— Ele está com medo, meu filho. Medo de falhar na sua proteção. De não ser o suficiente.

— Papai, por favor, preciso que você seja sincero comigo. — Pedi encarando-o. — O Sérgio e eu, juntos. Como se sente em relação a isso? — Mamãe sorriu com minha pergunta enquanto comia sua salada de frutas.

— Bom, vou ser sincero. — Prendi minha respiração diante do seu olhar minucioso. — Não quero você com ele. — Meu olhar vacilou por segundos. — Não quero você com ninguém, pois morro de ciúmes do meu bebê. Quero protegê-lo de tudo e só de imaginar que estou perdendo você para outro homem, e principalmente, o Sérgio, me assusta. — Sorri com sua declaração. — Se fosse qualquer outro homem eu poderia dá-lhe um pé na bunda, mas eu sei que o Sérgio será bom, gentil, amoroso e cuidará de você. Que poderei dormir tranquilo em saber que você está com ele.

— Eu o amo papai.

— Eu sei, meu filho. E mesmo querendo matar o Sérgio, compreendendo seus medos de não ser suficiente para você.

— Eu não sou um príncipe.

— Você não é. — Mamãe falou pela primeira vez. — Na verdade, corrigindo, você é um príncipe: charmoso, bonito, gentil, educado, é nosso príncipe, não da Dinamarca.

— Eu quero enfrentar meus medos e traumas para provar ao Sérgio que podemos viver juntos. Que não o quero como meu guarda-costas e sim meu

namorado, parceiro, amigo e futuramente marido.

— Ficamos felizes por ouvi-lo, por saber que mesmo com as reservas da sua criação, se tornou um homem decidido, inteligente que sabe o que deseja para sua vida. — Acenei em positivo, pois tudo isso foi graças ao amor que recebi na minha vida.

— Eu quero começar as sessões com o psicólogo e fazer o que for necessário para voltar a viver em sociedade. Quero fazer isso por vocês, por mim e, principalmente, pelo amor que desejo viver. — Mamãe pulou da cadeira e veio saltitando para meu lado me pegando nos braços.

— Que maravilhoso. — Disse, me enchendo de beijos e senti os braços do meu pai nos circularem.

— Você sempre foi minha melhor decisão. Minha criança, meu menino e hoje meu homem.



— Como foi? — O senhor Albert questionou. Ele foi contratado para ser meu psicólogo. Fazia um mês que havia começado o tratamento. Na primeira semana foi online, mas ele foi tão gentil e atencioso que me conquistou a frequentar seu consultório. O que eu agradecia, foi graças a isso pude observar fotos da sua família: seu esposo e filhos, isso me deu confiança.

— Diferente, bom, mais ainda assustador.

— A medicação ajudou?

— Sim! Graças à medicação pude controlar a ansiedade. E acredito que ninguém me reconhecer, tenha me ajudado, também. — Expliquei. No dia anterior, resolvi dar um passei por uma praça. Tive a companhia do Eugênio, apenas ele.

— Mas eu quase tive uma crise.

— Por quê?

— Havia um casal passeando com um cachorro. O animal se soltou da coleira e veio para cima de mim querendo brincar. Minha respiração ficou lenta e coração angustiado. Pensei que iria morrer, principalmente quando o casal se aproximou de mim para tirar o animal.

— O que fez você se acalmar?

— Liguei para meu pai e conversamos.

— Conversaram sobre o quê? — Albert perguntou.

— Ele me perguntou se na praça havia flores, quais suas cores, perfumes, se eu queria criar um animal de estimação, se caso sim, qual. Como estava o clima, se eu havia fechado os olhos e sentido os raios do sol na minha pele.

— Ele desviou sua atenção do público e lhe fez se concentrar em outras coisas. E funcionou?

— Sim!

Meu psicólogo me explicou que, quando criança, desenvolvi transtorno de pânico, pois eu sofria pensando na situação.

Tipo ao me imaginar numa praça lotada, sozinho, sem meus pais, vovó ou os guarda-costas, começava a desenvolver os sintomas: mãos suadas, coração palpitando, respiração ofegante, desespero e angústia, pois eu tinha medo de me colocar em situações com público e pessoas desconhecidas.

E graças a esse medo que comecei a me esquivar de todas as situações que me causavam o transtorno de pânico.

Com esse comportamento de esquivar-se acabei desenvolvendo agorafobia, pois eu passei a ter medo de sentir os sintomas das crises de pânico. Se o transtorno de pânico me causava pavor ao me colocar em praças lotadas, restaurantes e eventos, a agorafobia me fazia ter medo de passar mal ao enfrentar as situações, ou seja, eu tinha medo não só de ir aos locais públicos, mas também tinha medo dos sintomas só de me imaginar sentindo-os.

De acordo com Albert meu pai foi um grande aliado negativo no meu problema, pois no lugar de me incentivar a enfrentar permitiu eu viver refém do meu medo.

— Isso é bom August. Não será fácil, porém é persistente e sei que conseguirá vencer. — Meu psicólogo explicou.

No começo foi difícil, pois mesmo que minha mãe Anne tenha amenizado a insegurança do abandono, pois ela me mostrou que nunca me deixaria, eu sempre viria em primeiro lugar na sua vida. As minhas esquivas atreladas a superproteção fortaleceram o medo de multidões, pois mesmo tendo o amor dos meus pais e sabendo que eles não me deixariam, não enfrentei o transtorno de pânico e passei a ser refém da agorafobia.

O tratamento foi lento e complicado, além da medicação que passei a

tomar receitada pelo psiquiatra, comecei uma série de exercício no consultório do meu psicólogo que simulavam situações que geravam meus ataques.

E, com tempo, passei a fazer pequenas tarefas de casa. Exemplo: Visitar praças, ir a soverteria e comprar lanche. Eu sempre tinha os seguranças me protegendo a distância, porém não ao meu lado.

Muitas vezes eu só conseguia abrir a porta da soverteria e voltava apavorado para o lado do Eugênio com meus olhos cheios de lágrimas, minhas mãos trêmulas e com dificuldade de respirar. Sentindo que iria desmaiar ao encarar as pessoas no local.

Até que, com dois meses fazendo as tarefas e usando a medicação, consegui sentar sozinho na praça que havia perto da minha casa e no lugar de ficar inerte ao meu medo de sentir os sintomas ou possível crise, comecei a observar tudo ao meu redor, fiz isso com ajuda do meu pai. Que nas primeiras vezes me ligava e perguntava coisas bobas, mas com tempo eu passei a observas as pessoas, flores, sol, gramado e animais de estimação sem precisar da ajuda de ninguém.

E assim descobri que todos os psicólogos que passaram por mim na infância estavam corretos, tudo dependia da minha persistência. E foi graças a minha luta que hoje estou aqui com minhas mãos trêmulas e nervoso.

— Tem certeza, August?

— Claro. — Gargalhei nervoso. Eugênio sorriu entendendo. Nesses últimos meses me aproximei dele e nos tornamos amigos. Ajudou-me com meus problemas me passando confiança e, principalmente, dando-me o endereço de certo alguém. — E se ele tiver namorado ou namorada?

— Inspire e expire. — Eugênio pediu. Papai permitiu que eu fizesse minha primeira viagem sozinho, para encontrá-lo e resolvermos nossos problemas amorosos.

Na última visita do Sérgio resolvi tirar as câmeras do meu quarto e pedir que Eugênio e tio Dias não passassem nenhuma informação minha para ele.

— Ele não tem relacionamento algum, August. — Eugênio respondeu diante do meu olhar.

— Se ele tiver, quero que você me arraste de volta para Dinamarca. Não permita que eu me humilhe, pois se você me deixar, me humilharei por ele.

— Não se preocupe. Caso necessite podemos matar o Sérgio. — Bruno

sugeriu nos fazendo rir. Ele veio com a gente, estava ansioso para conhecer o Brasil e desconfio que, também, estava ansioso para continuar ao lado do Eugênio que era inocente demais para entender que o rapaz nutria uma paixão por ele. — Você pode esperá-lo nu com as pernas abertas na cama. Com a placa escrita “me coma”. — Gargalhei com as palavras de Bruno enquanto Eugênio deu um tapa na cabeça do rapaz. Tornei-me amigo do Bruno, principalmente quando percebi que ele tinha sentimentos pelo Eugênio.

— Não esqueça que você ainda é o segurança dele.

— Nem por um segundo, já que você não me permite. — Bruno respondeu, me fazendo sorrir.

— Não seria um mau plano. — Respondi para Bruno, me referindo a placa.

— Você não está cogitando fazer isso, August? — Eugênio deu um sobressalto de sua poltrona. — Não se atreva. Sabia que deveria ter deixado esse garoto na Dinamarca. — Falou ao Bruno. — Vamos para uma abordagem mais pacífica, por favor? — Pediu.

— Ok. — Colocamos o cinto enquanto o jatinho começou a pousar.

Ninguém sabia que eu estava no Brasil. Fomos direto para o hotel, o quarto tinha duas portas que dava acesso para os do Bruno e Eugênio. Verifiquei minhas roupas no espelho contente pelo meu visual.

— Você tem certeza disso? Acredito que é melhor a proposta do garoto Bruno. — Sorri para meu guarda-costas que parecia nervoso com meu plano.

— Não quero me passar de idiota se caso ele tiver com alguém. — Só o pensamento me dava náuseas, mas fazia quatro meses que não tinha contato com Sérgio.

Então pedi para tio Dias verificar a rotina do seu filho e descobri que ele estaria comemorando com seus amigos numa boate famosa. Era minha primeira vez em locais assim.

— Puta merda! Está gostoso. — Eugênio revirou os olhos com as palavras do Bruno para mim. — Estava vestido com uma calça jeans colada nas minhas pernas e bunda e uma camisa branca com a cola V, com uma jaqueta preta por cima.

— Você está lindo. — Respondi encarando Eugênio que não demonstrava reação nenhuma com o visual do Bruno. Pobre do garoto faltava esfregar

seu corpo para o guarda-costas e esse fingia demência.

— Vamos? — Eugênio irritado nos chamou. Em questão de meia hora chegamos ao local. Bruno acostumado com locais assim, nos colocou para dentro.

Quando entramos, segurei a mão do Eugênio, olhou para minha ação e depois para o local barulhento e escuro

— Não sairei do seu lado, prometo. — Apertei seus dedos me passando confiança. Fomos guiados pelo Bruno até o bar e nos sentamos.

— Bebida? — O garçom perguntou.

— Eu não posso, acabei de tomar o remédio. — Expliquei para Bruno.

— Você, moleque, nem pense, você está em serviço. — Eugênio ralhou com Bruno.

— Chegaram. — Bruno falou, olhando para uma escada que dava para o segundo piso do lugar. Acompanhei seu olhar e mesmo com dificuldade consegui vê-lo. Meu coração acelerou e minhas mãos esfriaram e não foram pelos meus problemas. — Não se atreva, vamos analisar o território primeiro. — Bruno segurou meu braço quando tentei me levantar. Meu corpo e coração suplicavam por Sérgio. — Precisamos analisar nossos inimigos, primeiro. — Comentou apontando para o segundo piso.

— Tudo bem, então.

OceanofPDF.com



14

— Acho melhor irmos para dentro, depois almoçaremos, lancharemos, jantaremos e, somente, à noite ligaremos para nosso filho e questionaremos sobre a viagem. — Anne explicou, parada na frente da porta, com seus olhos vidrados para o caminho que dava para fora da mansão, onde nosso menino havia acabado de sair de carro indo para a pista de voo mais próxima.

Minhas mãos e corpo tremiam. *O que diabos você pensa que fez?* Meu subconsciente questionou.

— É isso que um casal normal faz, certo? Fica feliz pelo seu passarinho começar a voar? — Perguntei sem piscar, pois acreditava que a qualquer momento o carro iria voltar e August diria que não estava pronto para voar.

— Ele não vai voltar. — Anne suspirou, afirmando. — Estou feliz e empolgada, pois ele está lutando pelo seu amor, mas... — Ela mordeu o lábio inferior pensando no porém.

— Temos dois jatinhos. — Falei como quem não queria nada.

— Graças a Deus! Pensei que você não iria sugerir isso, Rico. — Gargalhei com sua revolta. — A nossa bolsa está organizada desde o momento em que ele falou que iria para o Brasil.

— E eu pensando que o doente e superprotetor era eu. — Fui até ela a pegando nos braços.

— Nós só estamos indo verificá-lo. Caso precise de ajuda, estaremos no mesmo país. — Justificou nossas ações.

— Com certeza. Todos os pais fazem isso, correto?

— Tenho certeza que sim! — Ela respondeu sorrindo e tirando seu cabelo

dos olhos. — Vou buscar nossas malas. — Deu um beijo no meu rosto e saiu correndo em direção às escadas. — Espera, mas você precisa desmarcar algum compromisso? — Perguntou. Anne se preocupava com cada detalhe da minha vida, isso foi o que mais me encantou na minha esposa. O amor incondicional pelo meu filho e minha vida.

— Desmarquei no dia em que ele pediu para viajar. — Ela revirou os olhos confirmando que éramos totalmente loucos.

Depois de algumas ligações e um plano totalmente mirabolante criado pela minha esposa maravilhosa, tínhamos um objetivo que consistia em nos passarmos por outras pessoas para podermos acompanhar cada passo da nossa cria.

— Lembre-se, ele não pode descobrir. — Falou, pondo a peruca loira. Essa mulher ficava linda de qualquer jeito. Organizei a calça.

— Isso é ridículo, estou parecendo um palhaço. — Reclamei da calça de couro preta que esmagava minhas bolas de tão apertada.

— Você está muito gostoso, isso sim! — Anne passou suas mãos na minha bunda, apertando minhas nádegas. Apenas com a ação grunhi de prazer. — E o importante é não sermos descobertos.

— Isso será impossível, parecemos duas pessoas velhas com complexo de juventude que não aceita a idade.

— Vamos? — Ela prontamente me chamou. Saímos do quarto. Estávamos hospedados no mesmo hotel que August.

— Não se atrevam. — Ordenei para meus seguranças que tentaram esconder a risada ao nos olhar.

— Estamos gostosos. — Anne declarou para os homens revirando os olhos. Estávamos indo para uma boate, porque meu filho, meu bebezinho, simplesmente, resolveu curtir a noite de são Paulo. — Qualquer pai estaria fazendo a mesma coisa que estamos fazendo. — Anne declarou, tentando acalentar sua consciência pesada.

— Claro! E, se me lembro bem, o psicólogo deixou claro que precisávamos deixá-lo viver... não estamos o impedindo.

Albert foi bem claro ao afirmar que entendia os guarda-costas do August e a proteção em relação a sua segurança, porém existia uma loucura demasiada minha e da Anne. Para o bem do nosso filho resolvemos escutar o psicólogo e permitir que ele viesse sozinho para o Brasil.

Prometemos que não iríamos nos envolver, porém não falamos nada sobre

não nos certificar da sua segurança. Qualquer pai na nossa situação nos compreenderia, pois até os 18 anos sempre viajou ao nosso lado e agora estava querendo voar para longe do nosso ninho. Não estávamos o impedindo, apenas verificando se o tempo estava favorável para voos.

— Senhor, a rainha. — Baltazar me entregou o celular e bufei pondo o aparelho no meu ouvido.

— Como diabos que só agora eu sei que August viajou?

— Ele foi procurar o Sérgio. — Respondi.

— E você fala assim, nessa calma. Por que eu não fui avisada?

— Ele pediu que não avisássemos.

— O August? — Perguntou incrédula. Pois é majestade, seu bisneto se tornou um homem.

— Lembre-se do psicólogo. — Falei tentando manter a minha risada para mim, pois vovó precisou participar das sessões e foi uma honra presenciar o Albert a reprimindo pelo seu comportamento com August.

De acordo com o profissional, August tinha seus problemas e nós, família, não estávamos o ajudando a enfrentar e, sim, acobertando seus traumas. Foi difícil ouvir suas declarações, pois tudo que fiz e fizemos foi para o bem do nosso filho. Mas ele tinha razão, August era um adulto e precisávamos incentivá-lo a sair do casulo onde permitimos que ele vivesse por muito tempo.

— Que vá para porra, esse psicólogo!

— Olha a boca, majestade...

— E você? Isso não é atitude de pai. Como diabos você manda o nosso menino para um lugar assim sem segurança ou proteção? — Perguntou irritada.

— Por isso que estou no Brasil me certificando que nada, especificamente nada, atrapalhe os planos do meu filho.

— Hum. — Silenciou-se.

— E os conselhos do psicólogo? — Jogou na minha cara.

— Não estou me envolvendo, apenas me certificando que o céu esteja limpo para seu voo.

— Sei! — Respondeu desconfiada.

— Preciso desligar, vovó. Estamos chegando a uma boate, pois seu neto resolveu curtir a noite de são Paulo

— O QUÊ? — Seu grito, com certeza, foi ouvido até mesmo no jardim do palácio.

Sorri para Anne que se divertia com a situação e saímos do carro. Entramos por uma porta de emergência com a ajuda do gerente. Para todos éramos um casal rico que trabalhava com petróleo. Fomos até uma sala vip e nos sentamos apreciando o barulho e tentando encontrá-lo.

— Cadê ele? — Anne estava nervosa nunca passara por uma situação assim, longe da sua cria.

— Ali, senhora. — Baltazar apontou e sorrimos satisfeito por finalmente nossos olhos grudarem no nosso filho. Ele estava no meio do Eugênio e do Bruno, isso era bom, muito bom.

Ficamos o admirando e sorrindo como dois pais orgulhosos por notarmos que ele não bebia, mas a curiosidade estava quase nos matando quando percebemos a sua interação com um garçom.

— Meu menino é tão lindo, chama a atenção de todos pela beleza. — Ouvi ela.

— Ele puxou ao pai. — Tomei os lábios da Anne para os meus.

— Senhor?

— Sim!

— O Sérgio se encontra aqui. — Então por isso sua escolha de vir para esse lugar.

— O Sérgio sabe que August está no país? — Anne questionou.

— Ainda não.

— Esse é meu garoto. — Minha esposa comemorou.

Era muito bom vê-lo no meio das pessoas, forte e decidido, porém o medo ainda continuava no meu coração. Tinha medo que a qualquer momento ele fosse atacado ou passasse mal.

August pegou a mão de Bruno e foram dançar no meio da pista. Não me incomodei com aquilo, pois havia entendido que os dois tinham uma amizade. E gostava de ver meu filho com amigos.

Mas o que me surpreendeu mesmo foi quando um homem alto e forte se aproximou do meu filho e, imediatamente, Bruno se afastou.

— Finalmente, amor. — Ouvi Anne sussurrando e vindo para meus braços.

— Tenho medo que Sérgio recuse-o. — Confessei.

— Ele não vai. Sei que não. — Apenas os observamos e sorrimos quando nosso menino foi para os braços do Sérgio, mostrando que o tempo não mudou o sentimento entre os dois.

— Acho que agora estou liberada para planejar o casamento? — Anne declarou quando Sérgio o acompanhou, saindo do grupo.

— O casamento não sairá antes que ele venha conversar comigo e colocar suas reais intenções com meu filho.

— Então, já posso planejar o casamento junto ao meu filho. — Anne parecia nem me ouvir, o que sinceramente não me surpreendia. Essa era minha Anne.

A mulher que um dia escolheu meu filho e eu. A mulher que deixou bem claro para o mundo que com sua cria ninguém mexia e isso não importava se viera do seu ventre ou não.

Lembro do começo do nosso relacionamento quando Sophia tentou nos separar usando August. Minha Anne mostrou que suas chantagens não funcionariam e foi ali que decidi tirar Sophia de uma vez das nossas vidas.

Paguei uma fortuna para ela sumir da Dinamarca. Quando August completou dezesseis anos, contamos que havíamos pagado para ela se distanciar e, para nossa felicidade, ele apenas abraçou Anne e agradeceu por ela ser sua mãe.

Minha esposa nos escolheu e fizemos de tudo para sua decisão valer a apena

OceanofPDF.com



15

— Obrigado por vir, Sérgio. — Sebastian agradeceu e tentei fingir um sorriso, pois tudo que queria era voltar para meu quarto, dormir e não comemorar seu sucesso nos tribunais.

— Ficarei poucos minutos.

— Entendo, até porque o compromisso com sua cama é sagrado.

— Hahaha. — Fingi um sorriso com sua ironia.

— Mas é melhor que o álcool. Ainda não teve notícia dele?

— Não! — Respondi ríspido.

— Você precisa confiar na promessa que ele fez. — *Espera-me Sérgio.* Pediu. Contudo a verdade era que tinha muito medo.

— Sua promessa me mantém vivo. — Confessei, sabendo que a saudade e o amor que eu sentia pelo garoto bombardeavam sangue pelas minhas veias.

— Cheguei. — Ergui meu rosto para Linda Soares. Estávamos na área vip da boate, tudo me incomodava: música, pessoas, luzes, perfumes. Na verdade, vamos corrigir, minha própria existência me incomodava. — Meu senhor, quem é esse deus? — Voltei a analisar a mulher, ainda não havíamos sido apresentados, porém reconhecia a todos. D' Luca gostava de conhecer seus inimigos e, principalmente, amigos. Nesses últimos meses vinha trabalhando para ele, isso mantinha minha cabeça longe do August.

— Esse é o Sérgio. Vocês não foram apresentados. — Sebastian nos apresentou. — Essa é a Linda Soares. — Não ergui minha mão na sua direção, apenas acenei. Queria voltar para minha cama e dormir. A mulher pareceu não se incomodar com minha atitude, então, dei de ombro.

— Bebida? — Gregório me ofereceu.

— Não! — Mantinha-me fora das bebidas. Com medo de pegar o primeiro avião e suplicar por ele, caso estivesse embriagado.

— Senhor? — Encarei o garçom que segurava um drink na minha direção.

— Não, obrigado. — Respondi não aceitando.

— Um cavaleiro está lhe oferecendo.

— O quê? — Perguntei não compreendendo.

— Um homem no bar, pagou para ti, Sérgio. — Elisa, irmã do Endrew, explicou.

Ignorei a bebida e o garçom e fiquei analisando Sebastian e seu noivo. Esses dois passaram por tantas coisas. Ficava feliz em vê-los abraçados e felizes e em saber que os dois ordinários que fizeram mal para o Endrew, um estava morto e o outro havia sido mandado para outro país.

— Senhor? — Mais uma vez encarei o mesmo garçom que segurava outra bebida na minha direção.

— Cara, eu não estou bebendo. — Tentei explicar.

— O senhor do bar pediu que você aceitasse. — Bufei e neguei com aceno.

— Queria que alguém fosse assim, insistente em me conquistar. — Ouvi a secretária do D' Luca brincando.

Verifiquei o relógio, precisava ficar mais quinze minutos, depois iria embora.

— Senhor? — A risada de todos me alertou que alguém estava me julgando idiota e isso me irritou. — Água? — O rapaz ergueu na minha direção, escondendo um sorriso.

— Deixa adivinhar, o mesmo cavalheiro pediu que você me entregasse? — Perguntei, bufando de raiva.

— Ele também disse para não matar o mensageiro. — Aquilo me surpreendeu, mas ignorei. — E está pagando as bebidas dos seus amigos. — Mas que palhaçada era aquela?

— D' Luca estou indo. — Levantei-me do sofá e organizei minha roupa. Havia dado para mim.

— O rapaz mandou avisar que dançar com Bruno é divertido, mas é nos seus braços que se sente vivo e único. — O garçom sussurrou me fazendo congelar no lugar. Encarei o cara e numa reação explosiva peguei a gola da sua camisa.

— Sérgio, o solte. — Não conseguia ouvir ninguém que tentava ajudar o rapaz.

— Cadê ele? — Perguntei tentando controlar meus sentimentos. O cara, mesmo com dificuldade de respirar, apontou para pista de dança. O soltei permitindo ir ao piso e me aproximei da grade de proteção.

Apertei minhas pálpebras tentando encontrá-lo. Meu coração parecia bateria de escola de samba.

— Eu vou matar esse garoto. — Sussurrei quando o encontrei dançando com Bruno. O maldito do Bruno!

— Se acalme, Sérgio. — Dei um empurrão no D' Luca quando tentou me deter. Sebastian tinha o mesmo porte muscular que eu, então, nem mesmo tremeu com minha ação.

Encaminhei-me para a pista de dança, cego de ciúmes, raiva e medo. Para meu desagrado o Bruno o soltou o deixando dançar sozinho. Eu queria esmurrar a cara daquele imbecil.

Segui meu coração e deslizei minhas mãos na sua cintura o puxando para meu corpo. Suas costas vieram para meu peitoral. Levei minha boca ao seu pescoço e inspirei seu perfume me embriagando com seu cheiro. Ele de imediato ficou mole em meus braços. Estava gostoso demais com aquela roupa que colava em seu corpo como uma segunda pele.

— Isso é uma alucinação? — Questionei, perdido nas curvas do seu corpo e cheiro. Meus dedos adentraram sua camisa deslizando pela sua pele macia. Ele virou-se e pude me deliciar com seu rosto.

— Se é sonho, não quero acordar. — Sussurrou. O puxei para meu corpo e abracei-o tentando matar minha saudade e controlar a loucura dos meus sentimentos.

O apertava tanto que a vontade era me fundir ao seu corpo. As pessoas se chocavam com a gente, mas estávamos perdidos no nosso mundo, nas sensações dos nossos corpos.

Apertei sua cintura o impulsionando para ele enrolar suas pernas em meu quadril, pôs seus braços no meu pescoço e grudamos nossas testas enquanto minhas mãos foram para sua bunda o ajudando a se equilibrar em meu colo.

August fechou os olhos e suspirou. Eu mantive-me perdido na sua beleza facial.

— Estou enlouquecendo. Finalmente minha covardia venceu. — Sussurrei, o fazendo abrir seus olhos.

— Eu te amo, seu covarde. — Sussurrou pondo seus lábios nos meus e finalmente deixei as lágrimas banharem meu rosto. Abri minha boca aceitando sua língua deliciosa que era capaz de colocar meu corpo em combustão.

O beijei esquecendo tudo e todos. Apertei suas nádegas enquanto suas mãos foram para meu rosto acariciando meu cavanhaque.

O beijava desesperado pelo seu sabor, sugava sua língua tomando seu oxigênio para mim. Precisando respirar, passei atacar seu pescoço como um louco necessitado enquanto ele se esfregava na minha virilha esquecendo totalmente onde estávamos.

— Sérgio? — Abri meus olhos ao sentir um aperto firme no meu braço e encarei Eugênio. August pegou para si a tarefa de me beijar, pois se deliciava com as curvas do meu pescoço, como se quisesse me causar dor.

— Precisamos tirá-lo daqui. — Eugênio me trouxe a realidade e encarei o local. Puta merda, esse garoto era capaz de me fazer esquecer até mesmo meu nome.

— August? — Com dificuldade o pus no chão e finalmente abriu os olhos me encarando com um sorriso lindo nos lábios. — O que você está fazendo aqui? O que aconteceu? Cadê seus pais? E... — Tinha tantas perguntas tipo: Como você está em uma boate lotada de pessoas? Pessoas? Porém ele colocou seu dedo nos meus lábios me silenciando e se aproximou para sussurrar no meu ouvido.

— O mais rápido que você me tirar daqui, mais rápido me terá nu e de pernas abertas. — Meu corpo tremeu com suas palavras. August ignorou todas as minhas perguntas e segurou minha mão me puxando para fora do local.

Fui atrás dele, atrapalhado, era assim que me sentia. Ele conseguia me deixar sem reação. Com uma maestria extraordinária me levou para fora do local e tentei respirar quando senti o frio da noite tocar minha pele.

— Sérgio, cadê seu carro? — Perguntou-me sério enquanto minha reação era olhá-lo, sem acreditar. — SÉRGIO É BOM VOCÊ ME COMER, CASO CONTRÁRIO, SEREI CAPAZ DE DAR PARA O PRIMEIRO QUE ENCONTRAR NESSE LUGAR. — Seu tom irritado foi o suficiente para eu pegá-lo e jogá-lo nas minhas costas o fazendo gargalhar. E puta merda, eu era louco por sua risada.

O levei ao meu carro e abri a porta colocando um August sorridente no

banco de passageiro. Pus seu cinto de segurança e fui para o lado do motorista.

Sentei e o encarei.

— Estou ficando louco? — Questionei-me. — Isso só pode ser uma alucinação.

— Não, amor, a única alucinação que teremos é quando fizermos amor. — Sussurrou dengoso.

Não sei como estacionei na frente do meu prédio, mas quando pulei do veículo e ele saiu, vindo para meu lado, deslizando sua mão na minha o único sentimento que me dominava era: “ele é meu”.

O levei para dentro e, no elevador mesmo, o trouxe para meu colo.

Entramos no apartamento e empurrei suas costas para a porta o pressionando na madeira, enquanto atacava sua boca gostosa.

— Quero ser seu, somente seu. — August declarou me fazendo perder o resto da sanidade que ainda me sobrava.

O levei até o sofá e coloquei seu corpo deitado, seus olhos escuros me encaravam quando abri os botões da minha camisa.

— Não serei gentil. Será impossível me controlar, estou morrendo de saudade de você. Seu cheiro, sua voz, seu corpo. — Afirmei, estava queimando de tesão por seu corpo.

— Não quero sua gentileza. — Respondeu, abrindo o botão da sua calça e, com dificuldade, tirando sua roupa. Sua pele dourada junto ao seu sorriso seria minha morte. Tirei minha roupa diante da sua análise descarada.

— Você vai me matar. — Declarei quando ele abriu as pernas deixando a mostra suas partes íntimas depiladas e macias. Engoli em seco querendo deslizar minha boca, para saborear seu sabor.

Porém me controlei e peguei seu pé direito o levando aos meus lábios, beijando seus dedos e o fazendo gemer. Fui descendo com beijos pela sua perna sem desviar meus olhos das suas expressões de prazer. Chegando em sua coxa, chupei sua pele deixando marcas e fazendo-o se contorcer com minhas ações.

— Desce mais um pouquinho? — Pediu me fazendo rir do seu pedido. Lambi sua coxa e me aproximei da sua virilha, chupei com vontade o fazendo enrolar suas pernas no meu pescoço.

— Assim está bom, majestade? — Perguntei, trazendo suas bolas para minha boca e as beliscando com mordidas delicadas para depois passar

minha língua.

— Só mais um pouco, plebeu? — Gargalhei e me afastei, ajoelhando-me na ponta do sofá. August grunhiu contrariado sentando no sofá com sua face corada.

— Eu te amo. — Declarei-me diante do seu olhar amoroso, sexy e cheio de luxuria.

— Eu sempre amarei você. — Confessou. Ele beijou minha cicatriz demoradamente e depois se encaminhou para meu peito. Apenas suspirava entregue a sua ação. Suas mãos acariciavam minhas costas de forma possessiva, as peguei e levei ao meu membro que doía o desejando.

Ele circulou seus dedos no meu pau e apertou me fazendo gemer de dor e prazer.

— Eu devia machucá-lo, por fazer-nos sofrer tanto. — Seus movimentos de vai e vem eram deliciosos e intensos. August não foi gentil ao me masturbar, pois entre um movimento e outro, apertava meu pênis me fazendo grunhir.

— Com quem aprendeu a ser tão safado? — Questionei quando se abaixou e passou a pontinha da língua na minha glande. Pus minhas mãos nos seus cabelos querendo mais. Querendo desesperadamente gozar em sua boca.

— Com muito filme de sexo. — Afirmou abrindo as pernas e levando meus dedos ao seu cuzinho rosado. Amaldiçoei alto e rapidamente o peguei no meu colo o levando para cama.

O deitei com cuidado e fui para seu buraquinho. Comecei a lambê-lo o fazendo gritar pelas sensações. Minhas mãos foram para seu mamilo os beliscando enquanto lambia gostoso seu ânus. August segurava meus cabelos pressionando minha cabeça. Eu não tinha lubrificante, nunca, nos meus melhores sonhos, imaginei que um dia o teria no meu quarto, então teria que lubrificá-lo com minha boca e foi justamente isso que fiz.

Lambi e beijei cada parte do seu corpo o deixando inebriado de prazer, o fazendo gritar meu nome e me chamar de amor.

Não fui gentil, pois não tinha estabilidade para tal ato. O estoquei firme com movimentos rápidos enquanto minhas mãos massageavam seu membro no mesmo ritmo dos meus movimentos dentro do seu cuzinho.

Estávamos deitados de lado, eu nas suas costas, me aproximei mais dele e penetrava o fazendo gemer, isso me fez entender que aquele lugarzinho sentia prazer.

Suas mãos se juntaram as minhas no seu membro e aumentei os movimentos. Ele lambuzou minha mão com seu leitinho, enquanto eu me desmanchava no seu interior.

Não esperei meu pau amolecer, me retirei de dentro dele e o virei para mim. Estava molinho e todo dengoso. Mas me aproveitei do seu corpo e comecei a lamber toda sua pele. Como se estivesse o limpando com minha língua. Ele gemia de olhos fechados, enquanto desci até seu membro, chupei seu líquido me deliciando com seu sabor.

Seu pênis que estava molinho foi ganhando vida quando comecei a beijá-lo e lambê-lo querendo tirar toda sujeira do seu orgasmo. Meu corpo voltava a esquentar, apenas com minhas ações. Queria dá-lhe prazer, então levei seu membro para minha boca e o masturbei. Seus gemidos eram roucos e dengosos. Isso fazia meu corpo estremecer. Com minha boca ocupada com seu pênis, usei minha outra mão para massagear meu pau, chegando ao ápice junto com ele.

Caí na cama, satisfeito e o puxei para meu peito. Aconchegou-se nos meus braços, cansado, mas sorrindo.

Não iria banhá-lo, amava seu cheiro. Queria dormir grudado ao seu corpo, inebriado com a fragrância que irradiava no quarto: sexo, amor e seu perfume.

Adormeci como nunca havia feito antes, me esquecendo de tudo, até mesmo a realidade que deixei naquela boate ao descobrir que ele estava dançando com Bruno.

Espreguicei-me e sorri ao sentir seu cabelo roçando meu queixo. August dormia pacificamente e peladinho enroscado em mim.

Beijei sua cabeça e encarei as janelas, era de manhã. Passei minha vista rapidamente pelo quarto, me lembrando que eu não tinha nada na geladeira.

Com meu coração apertado o deixei na cama e vesti um short. Desci até a padaria com um sorriso enorme em meu rosto, porém, antes parei no carro discreto parado na frente do meu apartamento. Dei duas batidas na porta e abaixaram o vidro.

— Bom dia, Sérgio. — Eugênio cumprimentou. Encarei o rapaz dormindo no banco de passageiro.

— Quem além de vocês está com ele? — Questionei.

— As coisas mudaram, Sérgio, desde a sua partida. — Passou na minha cara. — Viemos apenas nós. — Sorri de forma irônica.

— Jamais Enrico o deixaria viajar sozinho.

— August não é mais aquele garoto assustado. — Ele nunca foi medroso, o único covarde sempre fora eu. — Fez tratamento e atualmente passeia pelas ruas da Dinamarca. — Não consegui esconder minha surpresa. — Se seu rosto não está estampado nos jornais é simplesmente pelo poder do senhor Enrico. Porém o garoto não se esconde. — Aquilo foi como um soco no meu estômago. Eu poderia tê-lo ajudado a enfrentar seus medos, mas fui o único a fugir.

O encarei e meneei minha cabeça em positivo entendendo sua indireta. Dei meia-volta, mas antes o respondi.

— Em cima do prédio, na ala esquerda têm dois soldados. À direita, próxima à árvore, há uma mulher com um cachorro que corre apenas em uma direção. — Sorri contente por perceber Eugênio baixar seu orgulho diante a mim. — Enrico nunca deixaria seu filho viajar apenas com dois guarda-costas, ou melhor, um. — Apontei para Bruno que dormia pacificamente. — Não duvido que Enrico esteja hospedado no mesmo hotel que vocês. Avise a ele que August passará o dia comigo. — Declarei.

O deixei e fui até a padaria comprar bolo e pães, rezando para meu August gostar. Aquele garoto tinha gostos de realeza.

Abri a porta do apartamento me assustando ao vê-lo somente de boxer sentado na mesa e mexendo em uma caneta. Meu sorriso foi espontâneo ao analisar seus olhos brilhantes.

— Precisamos conversar. — Tentei não deixar meus medos me dominarem diante das suas palavras. — Na verdade, você precisar assinar isso aqui. — Apontou para um papel que estava à sua frente. Fui até a mesa e pus nosso café ao lado dele.

Olhava-me sério e com a caneta erguida na minha direção. Peguei a caneta e me aproximei do papel.

— Do que se trata? — Questionei doido para tomá-lo nos meus braços e beijá-lo. Deu de ombro e virou o documento para que eu pudesse assinar.

— Nada demais, apenas trâmites legais entre plebeu e realeza. — Gargalhei ao notar que ele escondia o sorriso mordendo seus lábios. Joguei a caneta na mesa e o peguei em meu colo. August suspirou e circulou suas pernas na minha cintura e braços em meu pescoço. O coloquei sentado na mesa e fiquei entre suas pernas.

— Ainda levará palmadas pelo seu atrevimento. — Afirmei, esquecendo

totalmente nosso café da manhã. Sorriu e beijou meus lábios com um selinho delicado.

— Seu bobo. — Passei meus olhos pelo seu corpo, que ainda estava com manchas da nossa noite de amor. Acariciei com meus dedos seu peitoral, beliscando seus mamilos. Gemeu de forma dengosa.

— Assina? Quero te provar. — Sussurrou, deslizando sua mão no meu short.

— Precisamos de um banho. — Ainda estávamos com resquícios da nossa noite.

— Assine. — Me entregou a caneta, alisando meu pau por cima do tecido do short. Esse garoto seria minha morte. — Assim poderei te mostrar as coisas que aprendi assistindo filme pornô e me tocando. — Disse ao pé da minha orelha causando calafrios por todo meu corpo e me fazendo fechar os olhos.

De forma quase inconsciente, peguei a caneta e assinei o papel. Quando ele sorriu me mostrando os dentes, já estava louco de tesão, demais, para entender aquele sorriso.

Fomos para o banheiro e me mostrou sua boca atrevida. Precisei até mesmo me segurar na parede para manter minhas pernas firmes.

Somente à noite que fui descobrir que havia vendido minha alma para o diabo mais lindo desse mundo.

OceanofPDF.com



Epilogo

CONTRATO

Assinado hoje por, Sérgio Amlete Dias de 2019 (“O Início da Vigência”)

ENTRE

August Delfor de Frederiksen, residente em 211, Copenhaga, Dinamarca

Sérgio Amlete Dias, residente em Brasil, São Paulo, Apartamento 3.

AS PARTES CONCORDAM COM OS TERMOS ABAIXO

1 - Os termos a seguir são parte de um contrato vinculante entre o August Delfor de Frederiksen e Sérgio Amlete Dias

TERMOS FUNDAMENTAIS

2 - O propósito fundamental do presente contrato é permitir que o contratante e contratado estabeleçam uma união estável amorosa. O contratado através deste, aceita a segurar as necessidades de amor, prazer e bem-estar do contratante.

3 – As partes desde contrato vigente concordam confirmar que sua relação amorosa será baseada sob os termos do presente contrato.

CLÁUSULAS DO SERVIÇO

4.1 - Quando o contratante completar vinte anos, casarão em uma linda cerimônia romântica (Local a ser escolhido junto ao contratante)

4.2 – Em hipótese alguma o contratante deixará o contratado ou

causará sofrimento por quaisquer motivos aparentes.

4.3 – Aos vinte e um anos o contratante e o contratado adotarão dois filhos.

4.4 – Morarão na Dinamarca, cidade de origem do contratante.

OBRIGAÇÕES

5 – Amar o contratante.

6 - Dormir abraçado ao contratante todos os dias.

7- Mimar o contratante com amor, adoração e respeito.

8 - Satisfazer o contratante sexualmente.

9 - Pronunciar três vezes ao dia que ama o contratante e que sem ele não viverá.

10 – O corpo do contratante pertence somente ao contratado.

VIGÊNCIA E TÉRMINO

11 – As partes celebram o presente contrato no início da data de vigência, plenamente cientes de sua natureza e se comprometem a cumprir plenamente suas condições.

12 - O presente contrato vigorará por um período de 100 anos a partir do início da vigência do contrato. O contrato não está sujeito a ajustes. Cada parte concorda com a vigência.

DISPONIBILIDADE

13 - O contratante estará à disposição a partir da data de vigência deste contrato.

QUEBRA DE CONTRATO

14 - As partes acima concordam que se houver quebra de contrato por parte do contratado Sérgio Amlete Dias, este sofrerá severas punições a escolha do contratante.

ONCLUSÃO

15 - Nós, abaixo assinados, lemos e entendemos plenamente as disposições do presente contrato.

Contratante: August Delfor de Frederiksen

Contratado: Sérgio Amlete Dias

Data: 11/12/2019

Termino de ler o contrato que meu diabo disfarçado de príncipe me vez assinar há seis meses e sorrio constatando que aquele moleque era esperto para caralho, pois me amarrou de um jeito que não tive como usar meus

medos e covardia como desculpa para não viver nosso amor. Ele deixou bem claro que caso eu não cumprisse o contrato usaria o poder da sua avó e do seu pai para conseguir, junto ao governo brasileiro, me deportar para Dinamarca.

E foi a partir disso que notei que o emblema da porra da realeza no contrato.

Até hoje não sei como ele conseguiu que a rainha assinasse, pois tinha certeza que ela não sabia do nosso contrato.

Mas ocorreu uma pequena alteração no documento, ou melhor, foi aumentada uma cláusula: o corpo, alma e coração do contratante pertenciam somente ao contratado.

Voltei a guardar o documento e organizei minha camisa, precisava entrar no trabalho antes das oito horas, pois à noite iríamos viajar para visitar nossos amigos no Brasil. Algo que mudou nas nossas vidas foi meu trabalho.

Não era mais guarda-costas do August, usei minhas economias e abri uma empresa de segurança. Trabalhávamos tanto com segurança pública como particular.

Fui ao meu bebê e beijei suas costas macias e cheirosas o fazendo gemer.

— Você precisa acordar. Tem psicólogo hoje, lembra? — Falei pertinho de seu ouvido. — Quando voltei junto com ele para Dinamarca, participei de várias sessões com seu psicólogo e pude ajudá-lo a enfrentar seus medos e também os meus. Descobri que não eram somente os pais do August os doentes por proteção, eu também tinha minha parcela de culpa. Protegia muito o meu amor.

Atualmente ele não faz uso de nenhuma medicação, apenas continua com as sessões com psicólogo e mostrava todos os dias resultados incríveis.

— E seus pais reclamaram que você não está fazendo o desjejum com eles. — Falei. Algo que também comemorava era a relação que eu tinha com os pais do August, eles confiavam e respeitavam meu amor por seu filho.

— A culpa é de quem? — Sussurrou me fazendo rir.

— Estou cumprindo a cláusula “8 — Satisfazer o contratante sexualmente.”

— Idiota! — Reclamou quando levei meus lábios a sua bunda e a mordi.

— Meu gostoso. — Respondi, indo até seu rosto e beijando sua bochecha.

Ele estava deitado de barriga para baixo, deixando suas costas nuas para meu vislumbre. — Eu te amo para sempre. — Completei, tirando uma risada gostosa dos seus lábios.

— Te amo, Sérgio.

Eu assinei um contrato entregando meu coração e corpo a esse garoto quando ele tinha nove anos e não me arrependo um segundo por isso.

OceanofPDF.com



Obrigada pela leitura!

Espero que tenham gostado do August e Sérgio. Já os convido para conhecer meus outros trabalho.

Outras Obras

OceanofPDF.com